



GUIÃO

VISITA DA
IMAGEM
PEREGRINA
DE NOSSA
SENHORA
DE FÁTIMA
ÀS DIOCESES
PORTUGUESAS

O MEU CORAÇÃO IMACULADO
CONDUZIR-VOS-Á ATÉ DEUS.

MAIO DE 2015 A MAIO DE 2016

GUIÃO

VISITA DA
IMAGEM
PEREGRINA
DE NOSSA
SENHORA
DE FÁTIMA
ÀS DIOCESES
PORTUGUESAS

O MEU CORAÇÃO IMACULADO
CONDUZIR-VOS-Á ATÉ DEUS.

MAIO DE 2015 A MAIO DE 2016



Apresentação	7
Introdução à Mensagem de Fátima	
Visitados pela Misericórdia: Mensagem de Fátima	9
Os Pastorinhos de Fátima: Vida e Espiritualidade	21
Celebrações	
Acolhimento da Imagem	
introdução	33
celebração	37
Celebração Penitencial: o pecado e a conversão	
introdução	47
celebração	51
Adoração Eucarística: testemunhas de um Deus de Misericórdia	
introdução	63
celebração	65
Comunhão levada aos doentes	
introdução: catequese para agentes da Pastoral da Saúde	75
celebração	97
Rosário	
introdução	103
celebração	105
Procissão das Velas	
introdução	127
celebração	129
Despedida da Imagem	
introdução	137
celebração	139

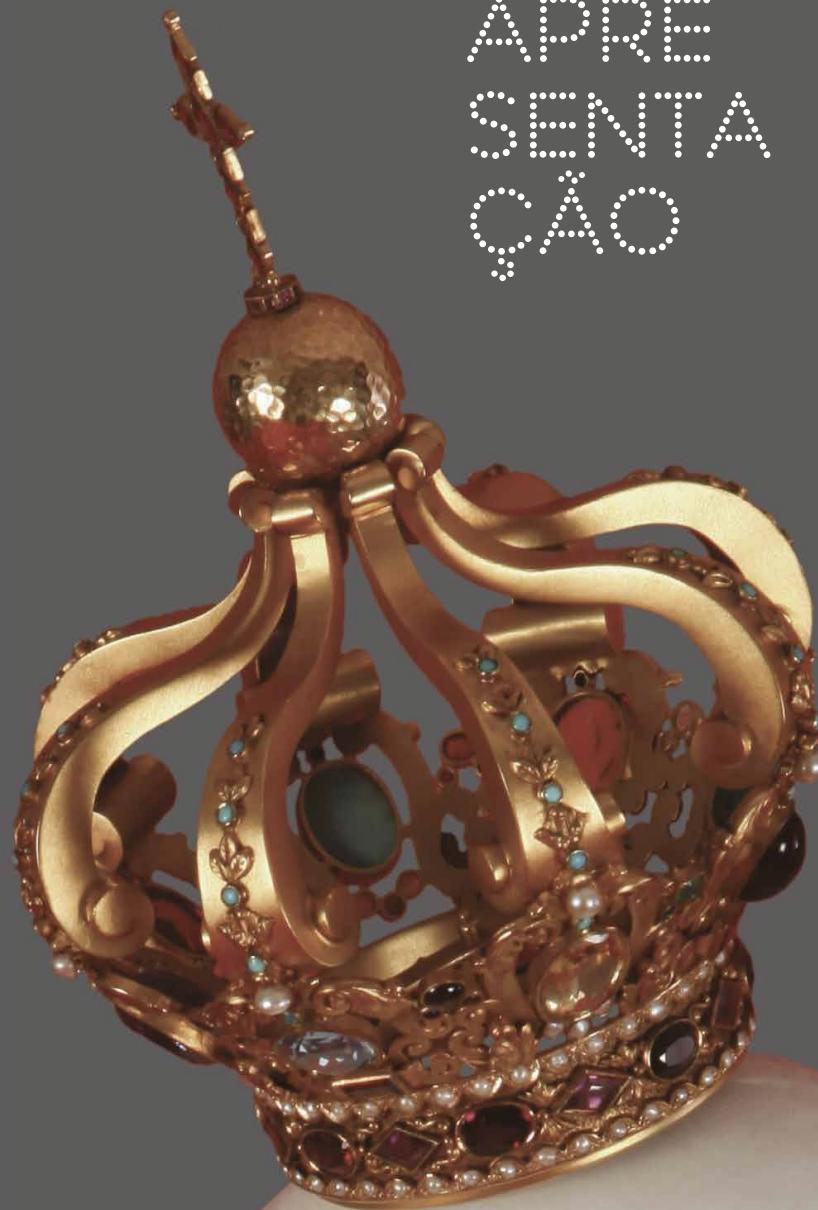
Catequeses

Sou a Senhora do Rosário: catequese para crianças	153
Fazei tudo o que ele vos disser: catequese para adolescentes	171
Transformados em Cristo para transformar o mundo: catequese para jovens	185
A misericórdia de Deus e o convite à compaixão: catequese para adultos	197

Anexos

Anexo 1: Orações de Fátima	209
Anexo 2: Ladainha dos Pastorinhos.....	210
Anexo 3: Hino do Centenário	215

APRE
SENTA
ÇÃO



APRESENTAÇÃO

A celebração do Centenário das Aparições de Fátima é um «tempo favorável» que o Senhor nos concede viver, para revitalizar a nossa vivência de fé, uma vez que não pretende assinalar simplesmente uma efeméride histórica, mas tornar-se veículo de evangelização e caminho para a conversão e para o encontro com Cristo, por meio de Maria.

A iniciativa da peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima pelas dioceses portuguesas nasceu neste contexto de celebração do Centenário das Aparições como um dos seus momentos mais significativos. A proposta foi apresentada genericamente ao Plenário da Conferência Episcopal Portuguesa, em abril de 2011, e acolhida com entusiasmo pelos Bispos portugueses, que viram nela uma oportunidade para divulgar e reavivar a consciência da riqueza e atualidade da mensagem de Fátima e para sensibilizar as comunidades para a importante celebração do Centenário das Aparições.

Com esta iniciativa, pretende-se envolver todas as dioceses portuguesas na celebração do Centenário das Aparições, mas também ajudar as comunidades eclesiais a viver a mensagem e a espiritualidade de Fátima. Temos consciência do grande impacto que uma iniciativa deste género poderá ter, quer pelo número de fiéis que pode congrega, quer pela oportunidade que oferece de anunciar Jesus Cristo, a quem

a Virgem Maria sempre nos conduz. Contudo, para conseguir os objetivos pretendidos e para que tenha esse impacto significativo, é necessária uma cuidada preparação, uma exigente proposta de momentos de oração e celebração, uma oportuna catequese e formação que permita desenvolver os gérmenes da Palavra de Deus lançados aos corações. Os diversos materiais que constam deste guião pretendem responder a essas necessidades.

Os materiais presentes neste guião, sejam esquemas celebrativos ou catequéticos, são meramente indicativos: pretendem ser uma ajuda, mas podem sempre ser adaptados, alterados, adequados aos grupos e assembleias concretas.

Desejaríamos que esta grande peregrinação da imagem de Nossa Senhora fosse uma forte experiência de fé, através das celebrações, momentos de oração e expressões de piedade popular; desejariamos que fossem atingidas todas as faixas etárias e que todos tivessem oportunidade de aprofundar o conhecimento e vivência da mensagem de Fátima. Este guião não é mais que um humilde contributo para atingir esse fim.

P. Carlos Cabecinhas
Reitor

VISITADOS PELA MISERICÓRDIA / Mensagem de Fátima

«Graças ao coração misericordioso do nosso Deus,
que das alturas nos visita como sol nascente» (Lc 1,78)

Da aridez da Cova da Iria irrompe, para o mundo, uma palavra de esperança no Coração do Deus que se diz Misericórdia.

A aridez da paisagem da Fátima de 1917 é metáfora de um mundo encrespado e entrincheirado em conflitos, selado pelo desencontro, sôfrego por uma palavra de esperança. No drama do mundo de então, do mundo de hoje também, do homem desabitado e só, apostado no seu projeto de ego-centramento e domínio, irrompe, ainda uma vez, a iniciativa de Deus, desse Coração misericordioso que das alturas nos visita como sol nascente (Lc 1,78). A agrura da paisagem faz transparecer o drama de um mundo solitário, fascinado com as fronteiras da sua vontade e com o domínio do outro, que paulatinamente se vai transformando em tragédia, como o demonstra excessivamente o século breve de Fátima. No seio deste drama, Fátima representa «uma janela de esperança que Deus abre quando o homem lhe fecha a porta» (Bento XVI), uma janela franqueada pela Luz que «é o próprio Deus», iluminando o homem na sua verdade.

Esta palavra nova com que Deus irrompe num mundo árido e sequioso é a Palavra eterna; é a novidade de sempre, a renovação do amor primeiro, a evocação do gesto criador que do amor faz vida plena e abundante. O acontecimento-Fátima dá-se como memorial do evangelho. A beleza do Coração da Trindade, de um Deus-Comunhão-de-Amor, manifesta-se em Fátima como eco da revelação bíblica, como o *segredo* revelado na história que importa resgatar e que esboça um estilo crente.

As três crianças que se deixam habitar pelo Segredo de Deus, há muito revelado na novidade do Verbo, são as primícias da Mensagem. A desinquietação com que a Lúcia, o Francisco e a Jacinta são desafiados a uma vida plena é vocação para todos. O encontro de Deus com as crianças de Fátima faz memória de um encontro de sempre de Deus com o seu povo.

Conversão: Adorar a Deus-Comunhão-de-Amor [Fé]

Desde que o Anjo da paz falou às três crianças palavras de fé, de adoração, de esperança e de amor – *Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos* –, escavando, no seu interior, uma profundidade contemplativa de abertura ao mistério de Deus – *Santíssima Trindade, adoro-vos profundamente* –, para depois os introduzir aos sabores do dom eucarístico – *Tomai e bebei o Corpo e o Sangue* –, Fátima fez-se acontecimento teológico, esboçado com os traços do amor de Deus, a pedir uma resposta teologal, dom de si, oferta eucarística.

O milagre desse encontro é inaugurado com palavras de confiança: *Não temais!* No desconcerto deste apelo à confiança, que é convite ao acolhimento do outro e à oferta de si, as crianças são logo convocadas à contemplação de um Outro que as transcende, através do gesto singelo do Anjo da Paz, que se ajoelha e se curva até ao chão, exteriorizando uma atitude interior de adoração. Adorar é a arte de se descobrir tocado pela

iniciativa de Deus e reconhecido por esse toque. Esta atitude teologal da adoração, condensada nesse gesto singelo do Arauto da Paz e repetida incessantemente por tantos peregrinos, inaugura o jeito crente de quem se abandona a um Deus que se revela e se oferece como comunhão de amor. O reconhecimento de Deus não acontece senão na medida em que o crente se deixa amar por ele. Porque Deus é amor (1Jo 4,8). Reconhecer a Deus é reconhecer-se amado, é ver-se *reconhecido* pelo abraço de Deus; é acolher o milagre que faz renascer a vida. Na medida em que a fé (*Meu Deus, eu creio*) promove o encontro com Deus através da adoração (*adoro*), abrem-se horizontes de esperança (*espero*) e de amor (*e amo-vos*). A oração do Anjo convida a reconhecer, simultaneamente, que o homem não se faz a si mesmo – e, por isso, crê e adora o Todo-Santo –, e que o homem que se dispõe para o encontro não está só – e, por isso, espera e ama aquele por quem se reconhece amado e esperado. Assim se esboça o estilo crente que Fátima evoca: o do homem que há de amar porque espera, esperar porque adora, adorar porque crê.

O Anjo voltará ainda a convidar à contemplação daquele que se define como *Amor: Santíssima Trindade, adoro-vos profundamente*. Invocado na inauguração do acontecimento-Fátima, como evocação do amor primeiro que transforma a vida, o mistério da comunhão trinitária é o mote que percorrerá todo o acontecimento. Será ainda a Comunhão de Deus que se revelará na luz que a Senhora de branco desvelará aos pastorinhos. Será ainda a promessa da sua presença que fará restaurar a esperança apesar da visão do drama da liberdade humana face ao mal, apesar dos sofrimentos e das mágoas da história. Será ainda a Trindade a selar a visão magnífica de Tuy onde o seu nome é traduzido, ainda uma vez, como *Graça e Misericórdia*.

Sob a cúpula desta presença trinitária, celebra-se o encontro do Coração de Deus com o coração do homem. Um encontro patrocinado pela misericórdia. Desde o início do acontecimento-Fátima, os pequenos

pastores são convidados a este mergulho na sua verdade, revelada no Coração de um Deus que tem, para eles, «desígnios de misericórdia» (M 170). Um Deus que é Misericórdia só terá para com os seus filhos desígnios de misericórdia. E quando o Anjo introduz os pastorinhos à adoração, eles são devolvidos à sua casa paterna. Porque contemplar a Trindade é escavar uma profundidade interior onde a luz de Deus ilumina a nossa verdade e nos revela como seus filhos amados. É dos simples que reza a História de Deus. Porque são os simples que acolhem de Deus a revelação da sua própria história. E eis a conversão: o convite a que o homem se acolha humildemente na sua verdade, revelada à luz de Deus, para se encontrar, no esconderijo da sua intimidade, habitado pelo amor incondicional de um Pai que faz a vida renascer, como uma semente. Fátima recorda-nos, afinal, que a adoração e a conversão são a transparência uma da outra.

O Coração misericordioso do Deus que nos visita é, em Fátima, insinuado com a presença de Maria, com o coração dessa mulher singular que se deixou trabalhar pelo encontro com o Deus do encontro. Como que habitada pela vida e pela beleza do Ressuscitado, Maria traz palavras de confiança: *Não tenhais medo!* A força deste imperativo, que afasta o receio do encontro, é um alento que não pode nascer senão da manhã de Páscoa, do dinamismo da vida que vence a morte, do amor que vence o ódio, da luz que vence as trevas. É a mesma dinâmica pascal que transforma três pequenas crianças em profetas de Deus, pela força de uma provocação desinquietante: *Quereis oferecer-vos a Deus?*

Este convite com que cada crente é desafiado não se dá sem que transpareça o mistério de Deus. Pelas mãos da Senhora de branco, os pastorinhos são, ainda uma vez, confrontados com a sua verdade na luz de Deus, «mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos», como dirá a Lúcia descrevendo a experiência de se ver emergida na luz, «que era Deus», que emanava das mãos da Senhora (M 174). Com

a experiência mistagógica da luz que a Senhora oferece, as crianças de Fátima são seladas por uma presença que simultaneamente as devolve à sua verdade profunda e lhes promete a certeza de serem amadas como filhos da misericórdia e as preenche com os sabores da alegria pascal. *Não podendo conter em si tanto gozo* (M 45), o segredo revelado torna-se imperativo evangélico. A alegria de Deus não pode ser vivida na solidão. Ao jeito dos discípulos de Emaús (Lc 24,32), que sentiam arder o peito na presença do Ressuscitado, as palavras da Jacinta falam de um encontro pascal: “Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada” (M 45).

Sacrifício: a vocação à vida eucarística [Caridade]

Há um palpitar eucarístico no coração de Fátima.

É ao dom de si que convida o desafio da Virgem: «Quereis oferecer-vos a Deus? Quereis oferecer-vos *pela humanidade?*»; eco daquela palavra inauguradora de uma nova vida: «Eis o cálice da nova Aliança no meu sangue, que vai ser *derramado por vós*» (Lc 22,20). As palavras da Senhora são um convite renovado a viver de uma outra lógica, inaugurada pelo Nazareno, a lógica eucarística do dom de si – esse outro nome do sacrifício. E o «Sim, queremos oferecer-nos» dos três pequenos pastores de Fátima, Lúcia, Francisco e Jacinta, representa a assinatura prévia de uma vida toda de entrega humilde nas mãos de Deus pelos homens.

Na medida em que o horizonte de Fátima se abre ao mistério de Deus é o homem que está implicado. A Misericórdia, essa palavra-chave da Mensagem e núcleo do Evangelho, é a expressão do Coração de um Deus que não desiste dos *miseri*, dos sem-amor, daqueles que se apartaram do amor de Deus. Fátima desvela, com esse sabor novo revelado em Jesus Cristo, o rosto de um Deus próximo do drama da liberdade humana. O encontro de Fátima é o encontro do mistério de Deus com o mistério do homem.

E assim, se as palavras inaugurais do Anjo são um convite à adoração que transforma a fé em esperança e caridade – *Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos* – logo a prece oferece uma outra face da adoração, o compromisso com o mistério redentor – *peço-vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não vos amam*. O perdão de um Deus que se define como amor (1Jo 4,8), invocado para os que dele se apartaram, é a Misericórdia. Mais tarde, o Anjo confirmará que a adoração não passa sem a responsabilidade pelos *sem-amor* ao fazer da profundidade da contemplação de Deus – *Santíssima Trindade, adoro-vos profundamente* – uma prece pela *conversão dos pobres pecadores*. Sob este pano de fundo, o Anjo oferece a Eucaristia às três crianças como memorial do dom absoluto de um Deus que alimenta o desejo de reunir todos em si. A abertura à Misericórdia de Deus é sempre vocação, isto é, chamamento ao compromisso com a missão reconciliadora de Cristo.

O drama humano está bem presente no acontecimento-Fátima. As visões com que ele se manifesta não deixam esquecer que o jogo da liberdade não se faz sem que se jogue a vida e se agite a história humana. Há vazios de amor na história dos homens e nos homens da história. Dos sistemas totalitários e desumanizantes, figurados, em Fátima, pelo pedido de conversão da Rússia e pela visão final das ruínas da grande cidade – ocupados com a absolutização da vontade individual e a salvação do homem pelo homem, promovendo a destruição de todo o jeito crente, e acumulando vítimas pelo caminho –, ao drama da liberdade de cada mulher, de cada homem, confrontada a cada instante com essa decisão última face ao mal, desvelado, em Fátima, com a visão do Inferno, o mal é sempre o vazio de amor ao qual a Misericórdia deseja ciosamente responder. Na aparição de julho, a visão do bispo vestido de branco, que atravessa as ruínas da grande cidade, carregando o seu sofrimento e a sua oração, para se prostrar, por fim, diante da Cruz, abatido pelos ferimentos dos que o tentam aniquilar, evoca a história humana sufocada

nas ruínas dos seus confrontos e dos seus egoísmos, e uma Igreja que carrega essas ruínas, qual *via crucis*, para se entregar finalmente a Deus no dom total, diante da Cruz – símbolo do dom total do próprio Deus. E se a visão do inferno serve um propósito, será para recordar ao homem que a sua história se abre sobre outros horizontes, mais definitivos do que o imediato, e que Deus anseia tanto por esse encontro escatológico em que o homem é recuperado para o amor quanto preza a sua liberdade.

O segredo da Misericórdia, revelado há muito na vida do Filho e recordado em Fátima, é desafio profético aos dramas do mundo. Porque o lamento das vítimas da história é escutado por Deus e convertido em missão para os que aceitam viver de uma lógica diferente da do mundo, a lógica eucarística do dom, inaugurada por Jesus. Fátima recorda-nos que a interpelação de Deus continua a ecoar: «homem, onde estás?» (Gen 3,9) e que é sempre seguida de uma outra interpelação que se faz vocação: «onde está o teu irmão?» (Gen 4,9).

Eis o sacrifício: amado como filho, o coração do homem renova-se à imagem do Pai e faz da sua vida dom pelos irmãos. Fazer-se dom é o jeito de ser dos que escutam a palavra do Crucificado: «dei-vos exemplo para que, assim como eu fiz, vós façais também» (Jo 13,15), assumindo verdadeiramente a paixão de Deus pela humanidade. É a pró-existência, o ser-para-os-outros, o ser-dando-se. Face aos dramas do mundo, a liberdade centrada em Deus implica-se nos seus desígnios de misericórdia que abarcam cada homem, cada mulher, na missão reconciliadora do Filho de reunir a todos num só redil (Jo 10,16).

O sacrifício, essa ação que santifica (*sacrum facere*), brota de uma certeza interior de que não se pode deixar o outro no seu sofrimento e na sua solidão. É a responsabilidade diante do sofrimento e da solidão do outro. É a responsabilidade de quem ousa ir ao encontro do outro nos seus próprios dramas de sofrimento e solidão. É a responsabilidade que brota da experiência de um Amor inaugural que transforma o coração –

isto é, a identidade daquele que é amado – à medida do Coração de Deus. A pequena Jacinta sabe-o bem: «Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me» (M 130). A chama que lhe arde no peito, qual *sarça-ardente*, irradia-se pelos *sacrifícios*, gestos singelos que concretizam o amor. O encontro com o Deus do encontro só se completa na medida em que conduz ao encontro dos outros.

A oração do Rosário, a que a Senhora convida insistentemente, é uma boa síntese deste mistério do encontro: enquanto evocação da vida e do amor sacrificial de Cristo pela humanidade, à imagem da qual o crente se vai deixando moldar, num processo de conversão permanente, o Rosário é expressão da humildade confiante daquele que entrega o seu caminho, a sua vida toda, nas mãos de Deus, e se faz prece pelos irmãos, *principalmente os que mais precisarem*.

Como que na transparência deste dom de si pelos outros, brota o convite à consolação do Deus de toda a consolação (2Cor 1,3). No desconcerto deste convite, mostra-se a verdade do encontro. Porque aquele que ama não deixará de desejar a intimidade e a alegria do amado. O pequeno Francisco compreendeu-o bem: com o olhar do seu coração, encontra a *tristeza* de Deus face aos vazios de amor dos dramas da história e das liberdades humanas, e faz dela a sua tristeza: «Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados» (M 141). E da contemplação brota o desejo da consolação: «Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria!» «Se eu O pudesse consolar!» (M 142, 145). E logo o desejo se transforma em missão, num diálogo que há de fluir entre o seu coração de criança e o Coração de Deus.

É a este sabor de vida eucarística, saboreado já das mãos do Anjo e feito vida nos pastorinhos pelo seu *fiat*, que Fátima desafia. É o jeito de ser dos que, surpreendidos por um Amor primordial, se deixam converter segundo o Coração de Deus e se oferecem como dom pelos homens. E este é o mistério eucarístico.

Promessa: A Graça e Misericórdia do Coração [Esperança]

O acontecimento-Fátima nasce da compaixão de Deus.

À imagem da novidade de Cristo, de que faz memória, Fátima constrói-se do olhar compassivo de Deus sobre a multidão humana, cansada e abatida, como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36), sem haver quem reze por ela (M 179). Quando a humanidade desinveste de si própria, ocupada em caminhos de ego-centramento, a compaixão de Deus tem ainda uma palavra que resgata o homem da sua solidão.

A compaixão, feita promessa do Deus da Misericórdia, convida, tornando-a já palpável, a uma vida plena, a um horizonte escatológico, que resgata o homem dos infernos da falta de esperança e do vazio de amor. É para este horizonte de vida abundante que remete também o âmago do pedido da comunhão reparadora nos primeiros sábados. Aqueles *sabbath*, dias consagrados ao encontro com Deus, são sinal de uma recondução de tudo e de todos ao mistério de Deus, através do dom de si de cada mulher, de cada homem. São evocação da libertação prometida, do triunfo escatológico do Coração de Deus feito alegria plena para os corações humanos. São a *escatologização* de quantos se oferecem no sacrifício eucarístico que esboça já a presença do Reino, evocando um recomeço da vida a partir do fim, do tempo definitivo. São imagem de uma vida toda consagrada a Deus.

A consagração do mundo todo, incluindo todos os dramas da história dos homens e dos homens da história, ao Coração Imaculado de Maria é ainda evocação dessa vida plena em Deus. O pedido da Senhora de branco surge do regaço materno que se oferece para acolher os dramas humanos e os confiar carinhosamente ao Coração misericordioso de Deus. O coração da Imaculada, o coração dessa mulher singular que se deixa trabalhar por Deus, figura a vocação de cada mulher, de cada homem. Porque a promessa da Graça estende-se ao coração de quantos se dispuserem a acolhê-la e, no acolhimento da Graça, o coração do

homem descobre-se esboçado para Deus. A consagração ao Coração Imaculado assume esta certeza de que a vocação do homem é a vida plena em Deus, ao jeito dessa Nazarena que fez da vida um *fiat* eterno.

É a partir do fim, da certeza que vem do encontro definitivo, que nasce a esperança que em Fátima se oferece. Na simplicidade da sua mensagem, Fátima recorda que o Evangelho, a boa notícia, é a conclusão do mundo, a recolha de todos no Reino, como sentido último das coisas, a recapitulação de tudo em Cristo. O que o Evangelho oferece, e Fátima recorda, é o sentido último. E o sentido último faz-se promessa. Quando a Lúcia se assusta com a perspectiva de ficar só no mundo, “tão incerto e deserto” (CVM 43), esse receio imenso do coração de cada um, a promessa é lembrada: «Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus» (M 175). O coração traz uma palavra de confiança. E é essa palavra, feita promessa, que há de ser o fundamento e o sustento de uma vida toda. Porque o Coração de Deus tem desígnios de misericórdia. E no fim, no tempo definitivo, no tempo que conta, o Coração triunfará (M 177).

Esta promessa, que abre horizontes de esperança na transparência de uma vida consagrada a Deus, cristaliza-se num pedido: «Construí uma capela», pede a Senhora do Rosário (M 180). Ainda uma vez, o jeito singelo desconstrói. O projeto que em Fátima se desenha é o da construção de uma Igreja viva, de um povo peregrino que alisa o seu caminho na adoração do Deus da Misericórdia e na conversão permanente à sua própria verdade, de uma comunidade alimentada pela vida de Cristo – essa mesma vida evocada nos mistérios do Rosário. O projeto esboçado em Fátima é o de uma Igreja que crê, adora, espera e ama, ao jeito crente da mulher que fez da sua vida um *fiat* permanente; uma Igreja aberta ao Coração de Deus que se oferece como luz para o drama do mistério do homem, como registam as palavras da última visão de Lúcia: *Graça* (isto é, dom) e *Misericórdia* (isto é, coração compassivo).

Em Fátima, somos recordados de que o Coração compassivo de Deus se faz dom; dom acolhido, dom oferecido: o dom do Coração de Deus, acolhido na intimidade de cada homem, saberá transformar o coração de cada um em dom compassivo.

No final, dá-se a bênção. O acontecimento-Fátima, tal como a história humana, completa-se com a bênção do Filho Eterno. No tempo da espera pelo encontro definitivo com o Deus do encontro, a partir do interior dos dramas da história dos homens e dos homens da história, somos atraídos desde o fim, desde o tempo definitivo, pela bênção que abraça a humanidade com a promessa do triunfo dos desígnios de misericórdia. O triunfo do coração, anunciado pela Senhora aos pequenos pastores de Fátima, é o triunfo da misericórdia e da graça. É semente de um mundo a renascer segundo o coração de Deus. É o eco da promessa original: «Tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16,33).

E eis a esperança: a promessa de que a palavra definitiva que irrompe no imediato da história humana é a bênção da Misericórdia que brota do Coração de Deus.

OS PASTORINHOS DE FÁTIMA / Vida e Espiritualidade

«Sem amor nenhuns olhos são videntes.» (Miguel Torga)

«Dispersou os soberbos e exaltou os humildes...» (Lc 1,51-52)

A vida da Lúcia, do Francisco e da Jacinta, pequenos pastores de Fátima, é uma história de *graça* e *misericórdia*. Nestas crianças vemos atuar a mesma força paradoxal que sela toda a história da salvação: a desproporção infinita entre a história dos soberbos e dos poderosos, com os seus esquemas, estratégias e conflitos, e a história dos humildes que, na verdade da sua existência, são convidados por Deus a ser fermento de transformação da humanidade. Como *videntes* da misericórdia de Deus, os pastorinhos *darão a ver* a Mensagem que acolheram através das suas vidas singelas. São constituídos testemunhas da presença do amor de Deus, desse Deus que é Amor (1Jo 4,8), transparecendo para o mundo o seu rosto misericordioso que converterá as suas vidas num reflexo daquela Luz, que era o próprio Deus, na qual, à sombra de uma azinheira, a Senhora os fez ver a si mesmos (M 174).

«Crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens» (Lc 2,52)

Nascidos em Aljustrel, pequeno lugar da Paróquia de Fátima, no início do século XX, os irmãos Francisco e Jacinta e a sua prima Lúcia crescem num ambiente familiar modesto, numa terra agreste, pacata e isolada. Não sabiam ler nem escrever, e pouco sabiam da geografia, da

história e do pensamento do mundo que se encontrava para lá da sua serra. Receberam uma educação cristã muito simples, como seria de esperar no ambiente serrano em que viviam. A mãe da Lúcia introduziu a filha e os sobrinhos na catequese, e é a própria Lúcia quem, um pouco mais velha que os primos, lhes contava as histórias bíblicas e lhes ensinava as orações que aprendera da mãe. Contudo, apesar da simplicidade da sua iniciação cristã, os pais não deixaram de lhes oferecer um exemplo de vida de fé comprometida: a participação dominical na Eucaristia, a oração em família, a verdade e o respeito por todos, a caridade para com os pobres e os necessitados.

Aos sete anos a Lúcia começou a pastorear o rebanho da família. Algum tempo depois, são os primos que pedem para a acompanhar, guardando também o rebanho dos seus pais. Os três passavam grande parte do seu tempo na serra com as ovelhas, distraídos na alegria da sua infância.

A Lúcia era uma criança desperta para o amor de Deus. Ainda com seis anos, ao receber pela primeira vez o Corpo de Cristo, não hesita em fazer a sua prece: «Senhor, fazei-me santa, guardai o meu coração sempre puro, para ti só» (M 72). O desejo íntimo de ser totalmente envolvida pelo abraço de Deus será o traço contínuo do caminho que percorrerá.

O Francisco, pelo olhar contemplativo com que alimentava o silêncio interior, tocava a natureza como quem toca a criação e se deixa banhar pela beleza do Criador. A paz, que daí bebia, transmitia-a aos seus companheiros, para os quais era sinal de concórdia, mesmo na ofensa e na desavença. Deixava-se encantar com o nascer e o pôr-do-sol, que era a sua «candeia» preferida, a «candeia de Nosso Senhor» (M 173).

A Jacinta preferia a “candeia de Nossa Senhora,” a lua, que não fazia doer a vista. A pequena acompanhava de perto a prima Lúcia, por quem tinha um grande carinho. Apreciava as flores que a serra lhe oferecia, colhendo nelas toda a alegria da primavera. Gostava de escutar o eco da sua voz no fundo dos vales, que lhe devolviam cada *Ave-maria*

que ela os convidava a rezar. Abraçava os cordeiros, chamava-os pelo nome, e caminhava no meio deles com um ao colo, «para fazer como Nosso Senhor» (M 44).

Viviam com intensidade, como só as crianças sabem fazer.

Rezavam também. Os pais tinham-lhes recomendado que rezassem o terço depois da merenda, o que eles não deixavam de fazer, com um jeito muito próprio, percorrendo as contas do mistério com a simples evocação das *Ave-Marias*, para finalizar com um profundo e grave *Padre-Nosso* (M 43-44). A oração simples de quem invoca um nome. Desta persistência de invocar o nome de Deus, mesmo com a pressa infantil de quem quer brincar, germinará o dom de uma vida acolhida e oferecida em sacrifício.

E, assim, a Lúcia, o Francisco e a Jacinta cresciam em sabedoria, em estatura e em graça.

«Felizes os puros de coração porque verão a Deus» (Mt 5,8)

Quando numa tarde primaveril de 1916, depois da sua simples oração, os pequenos pastores avistaram, por sobre as árvores, «uma luz mais branca que a neve, com a forma dum jovem, transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do Sol» (M 169), nada lhes fazia supor que aquela luz em forma humana fosse o arauto da Paz de Deus que os iria introduzir na sua escola de espiritualidade e de oração. Era de tal forma inesperado, que os pequenos pastores se sentiram arrebatados na contemplação daquela luz imensa, imersos numa atmosfera intensa em que a força da presença de Deus os «*absorvia e aniquilava* quase por completo» (M 171).

Por três vezes os visitará, na primavera e verão de 1916, o Anjo da Paz. As suas palavras, que se gravavam no espírito das crianças «como uma luz que [os] fazia compreender quem era Deus, como [os] amava e queria ser amado» (M 170), falam do coração de Deus, um coração *atento*

à voz dos humildes, sobre os quais tem «desígnios de misericórdia». Quando ensina as crianças a rezar, o Anjo convida, antes de mais, à adoração desse coração de Deus, de onde brotará a fé, a esperança e a caridade: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos». O convite do Anjo à prostração revela, aos olhos simples das crianças, que a adoração a Deus nasce dessa atitude humilde de se saber acolhido pelo amor primeiro do Criador. Da adoração há de brotar a entrega confiante da fé, a esperança de quem se sabe acompanhado, e o amor como resposta ao amor inaugural de Deus, que frutifica na compaixão e no cuidado dos outros.

A última manifestação do Anjo renova o convite à adoração e desdobra-o com um apelo a dar graças, a fazer *Eucaristia*, e a tornar-se dom oferecido pelos outros. O Anjo convida as crianças a adorar *profundamente* a Santíssima Trindade, unindo-se ao sacrifício de Cristo na reconciliação de todos em Deus (M 170-171). Depois, oferece-lhes o Corpo e o Sangue de Cristo, esse Dom primeiro, à luz do qual elas serão convidadas a oferecer-se em sacrifício por todos os «homens *ingratos*,» por todos aqueles que não sabem viver como quem *dá graças*.

A partir de então, os pastorinhos hão de viver imersos nesta adoração de Deus, com um desejo discreto mas convicto de transformar as suas vidas em dom oferecido ao Criador pelos outros. Esta é a sua *vocação*.

«Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21,17)

E eis que surge o convite inesperado: «Quereis oferecer-vos a Deus?» É com esta ousadia que uma Senhora mais brilhante que o sol irrompe, a 13 de maio de 1917, na vida das três crianças na Cova da Iria. Durante seis meses, a cada dia 13, a Virgem Maria virá renovar este convite, com o qual os três pastores serão feitos testemunhas humildes do coração de Deus, na complexidade de um mundo sofrido.

Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que

Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? (M 174)

O *fiat* espontâneo dos pastores, que «a Senhora acolheu [...] como a primícia da sua Mensagem» (CVM 36), é confirmado pela Virgem com uma luz imensa que penetrou o íntimo das crianças, fazendo-as ver a si mesmas «nessa luz que era Deus» (M 174). Esta luz, com a qual serão banhados também em junho, prepará-los-á para acolher o *Segredo* que em julho lhes é revelado: numa sucessão de imagens desveladas pela Senhora, os pastorinhos compreendem que o coração de Deus não é indiferente à história humana; que o pecado é indiferença para com o coração de Deus; que o coração de Deus é misericordioso, ainda e sempre em busca do homem enredado nos seus dramas; e que os que acolhem a luz do coração de Deus são convidados a associar-se, pela oração e pelo sacrifício, ao seu cuidado pela humanidade.

Logo na primeira imersão nessa luz, a Lúcia, o Francisco e a Jacinta, ainda a saborear os ecos da profundidade que experimentaram, combinam nada contar do sucedido. Mas a Jacinta é tomada pela beleza da Senhora e a sua alegria é tal que não a consegue conter para si só. Ela é a primeira anunciadora dessa alegria divina recém-descoberta que a Senhora comunicava. E como os discípulos de Emaús (Lc 24,32) que, diante do mistério pascal, sentiam um ardor no peito, confessará aos amigos: «Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada» (M 45).

A notícia das manifestações da Senhora do Rosário depressa fará o seu caminho. E se o número dos que vêm, peregrinos, à Cova da Iria não deixará de aumentar, os pequenos terão muito que sofrer às mãos daqueles que duvidavam ou se lhes opunham. Logo no primeiro encontro, como quem confirma o *fiat* das crianças, a Senhora tinha-lhes assegurado que teriam muito que sofrer. Ao modo dos profetas (Jr 1,19), a vocação das crianças acolhe o sofrimento como parte integrante da sua missão. Serão, por muitos, acusados de fraude ou de avidez. As próprias

famílias das crianças, exceptuando talvez o pai do Francisco e da Jacinta, temem que elas estejam a espalhar uma mentira, e receiam pela sua vida. Em casa, e em todo o lado, são submetidos a visitas e interrogatórios incessantes e extenuantes.

Mas a provação maior viria a 13 de agosto. Na manhã desse dia, as crianças são surpreendidas pela visita do Administrador do Município de Ourém, conhecido maçã e livre-pensador. Depois de as interrogar em casa delas e na casa paroquial, querendo a todo o custo que lhe revelem o *segredo* que elas insistem em não desvelar, o administrador propõe-se ardilosamente a conduzi-las à Cova da Iria, levando-as, no entanto, para sua casa em Ourém. Aí continua a pressionar os pequenos para que lhe revelem o *segredo*, chegando a colocá-los por algum tempo numa cela com outros presos e a ameaçá-los de os fazer fritar em azeite. A resposta inocente do Francisco irradia paz e alegria: «Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada» (M 146).

Devolvidos aos pais no dia 15 de agosto, voltarão a encontrar-se com a Senhora de branco no dia 19, nos Valinhos, e em setembro e outubro, na Cova da Iria. Uma grande multidão reúne-se neste último encontro – sedentos de Deus ou simples curiosos – e é testemunha de um sinal, como a Senhora prometera. Mas, para os pequenos, Lúcia, Francisco e Jacinta, o derradeiro encontro torna-se uma permanente evocação de que são chamados a fazer das suas vidas uma *bênção* (Gen 12,2).

«Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração» (Jer 3,15)

A vida dos pequenos pastores não mais deixou de ser ritmada pelo coração de Deus. O *fiat* dado à Senhora mais brilhante que o sol foi sendo permanentemente renovado pelo desejo inocente da Lúcia, do Francisco e da Jacinta de atualizarem, nas suas vidas, o enamoramento de Deus. A presença de Deus torna-se, para as crianças, terreno sagrado e, como

Moisés, descalço diante da sarça-ardente (Ex 3,2-12), a sua intimidade é convertida numa prostração na presença daquela luz interior, que é Deus, que arde sem queimar. É este o segredo inefável que os dinamiza. Essa Sarça Sagrada que lhes arde no peito, desperta-os, tal como outrora a Moisés, para a missão de cuidar dos que vivem na escravidão do pecado e da ingratidão. E assim, diante de todos os outros, são presença da luz de Deus e, diante de Deus, são mediadores em favor de todos os outros. As suas vidas tornam-se numa oferta constante de tudo o que são e fazem – por insignificante que seja – por amor a Deus e aos pecadores.

As vidas do Francisco, da Jacinta e da Lúcia assumem essa vocação inseparavelmente *contemplativa*, *compassiva* e *anunciadora*. Mas cada uma das crianças assumirá com maior relevo a especificidade do seu chamamento.

O Francisco, movido pelo seu olhar interior sensível à luz do Espírito, sente o apelo à adoração e à contemplação. Refugiava-se atrás de um rochedo ou em cima do monte para rezar sozinho. Outras vezes ainda, ficava longas horas na igreja paroquial, na intimidade do silêncio, para fazer companhia a *Jesus escondido*. Ali ficava a rezar e a *pensar em Deus*, absorto na contemplação do mistério insondável daquele que vem ao encontro do homem. O Francisco, e apenas ele, com o olhar do seu coração, encontra a *tristeza* de Deus face aos sofrimentos do mundo, sofre com ela e deseja consolá-lo (M 145). O pequeno pastor que não ouvira o Anjo e a Senhora, apenas os vira, é o mais contemplativo dos três pastores. Como que se salienta, na vida desta criança, que a contemplação brota da escuta atenta do silêncio que fala de Deus, do silêncio em que Deus fala. A atitude contemplativa do Francisco é a de se deixar habitar pela indizível presença de Deus – «Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!» (M 140) – e é essa presença que se há de transfigurar em acolhimento orante do outro. No Francisco descobre-se uma vida de *contemplação*.

A pequena Jacinta traduz a alegria, a pureza e a generosidade da fé, acolhida como oferta do coração de Deus e transformada nas insignificâncias da sua vida simples de menina, em dom agradável ao coração de Deus (Rm 12,1) em favor da humanidade. A força com que a luz divina irrompeu na sua vida de criança arrebatava-a definitivamente com um dinamismo novo que a faz desejar ardentemente partilhar a sua alegria. A pureza do seu coração alegre há de aspirar a que todos possam saborear, agradecidos e puros, a presença e a alegria do coração de Deus. Essa ânsia de partilhar o amor ardente que sentia pelos corações de Jesus e de Maria fazia-a crescer no seu cuidado pelos pecadores. Todos os pequenos detalhes do seu dia de pastorícia, todos os incómodos dos questionários sem fim a que era sujeita, todas as contrariedades da sua doença eram motivo de oferta a Deus pela conversão dos pecadores. Outras vezes, partilhava com os pobres a sua merenda, oferecendo o seu jejum em sacrifício, como sinal do dom da sua vida toda por amor de Deus e da humanidade. Este rezar e sofrer por amor «era o seu ideal, era no que falava» (M 61). Esta era a sua alegria, a de viver mergulhada no amor de Cristo sofredor, ao jeito de São Paulo: «alegro-me nos sofrimentos que suporte por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja» (Cl 1, 24). O lume que trazia no peito irradiava e não deixaria de se expandir enquanto não contagiasse, pela dinâmica teologal da oração e do sacrifício, todos os homens e mulheres, particularmente os homens *ingratos*, isto é, todos os que não se acolhem na Graça. A vocação da Jacinta é a *compaixão*.

Lúcia acolhe a missão de evangelizar, de dar a conhecer a boa-nova da misericórdia de Deus, respondendo ao desejo do Deus da misericórdia de que o mundo se consagre ao Coração Imaculado de Maria (M 175). Cedo, Lúcia compreende que no centro desta devoção ao Imaculado Coração está a força transformadora da Misericórdia de Deus. E aí descobre a sua vocação de *memorial* da «grandeza das Divinas

Misericórdias» (M 190). Ao jeito de Israel, chamado a ser a *luz das nações* (Is 49,6), a vida de Lúcia converte-se em testemunho vivo dos desígnios de misericórdia que Deus tem para com a humanidade. Da sua vida humilde de pastora à clausura da sua consagração religiosa, Lúcia é a testemunha que se apaga para que brilhe incessantemente a luz do *Segredo* do Deus da Misericórdia, já definitivamente revelado pelo Filho e recordado em Fátima. Nela se entrevê a *testemunha* fiel de um dom acolhido e oferecido ao mundo.

«Eu te bendigo, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos» (Mt 11,25)

As vidas do Francisco e da Jacinta foram breves e simples. Apenas viveram do Amor e para o Amor que se lhes revelara na luz oferecida pelas mãos da Senhora tão linda. E isso foi tudo. No final do ano de 1918, o Francisco e a Jacinta são tomados por uma epidemia bronco-pneumónica. A Senhora havia-lhes assegurado que iriam para o Céu brevemente e, por isso, as crianças compreendem que a sua hora se aproximava.

O Francisco morrerá a 4 de abril de 1919 em sua casa, em Aljustrel, e a Jacinta a 20 de fevereiro de 1920, sozinha, num hospital em Lisboa. O menino tinha 10 anos. A irmã tinha 9. O sofrimento de ambos, durante os meses de doença, foi assumido como um dom de si pelos pecadores, pela Igreja, pela história sofrida dos homens e mulheres, a quem amaram até ao extremo. Quando, certo dia, a Senhora voltou a aparecer à Jacinta para lhe anunciar que, depois de sofrer muito, morreria só, num hospital em Lisboa, e que a própria Senhora a viria buscar para o Céu, Jacinta exclama, cheia de inocência e de maturidade: «Ó Jesus, agora podes converter muitos pecadores, porque este sacrifício é muito grande» (M 62).

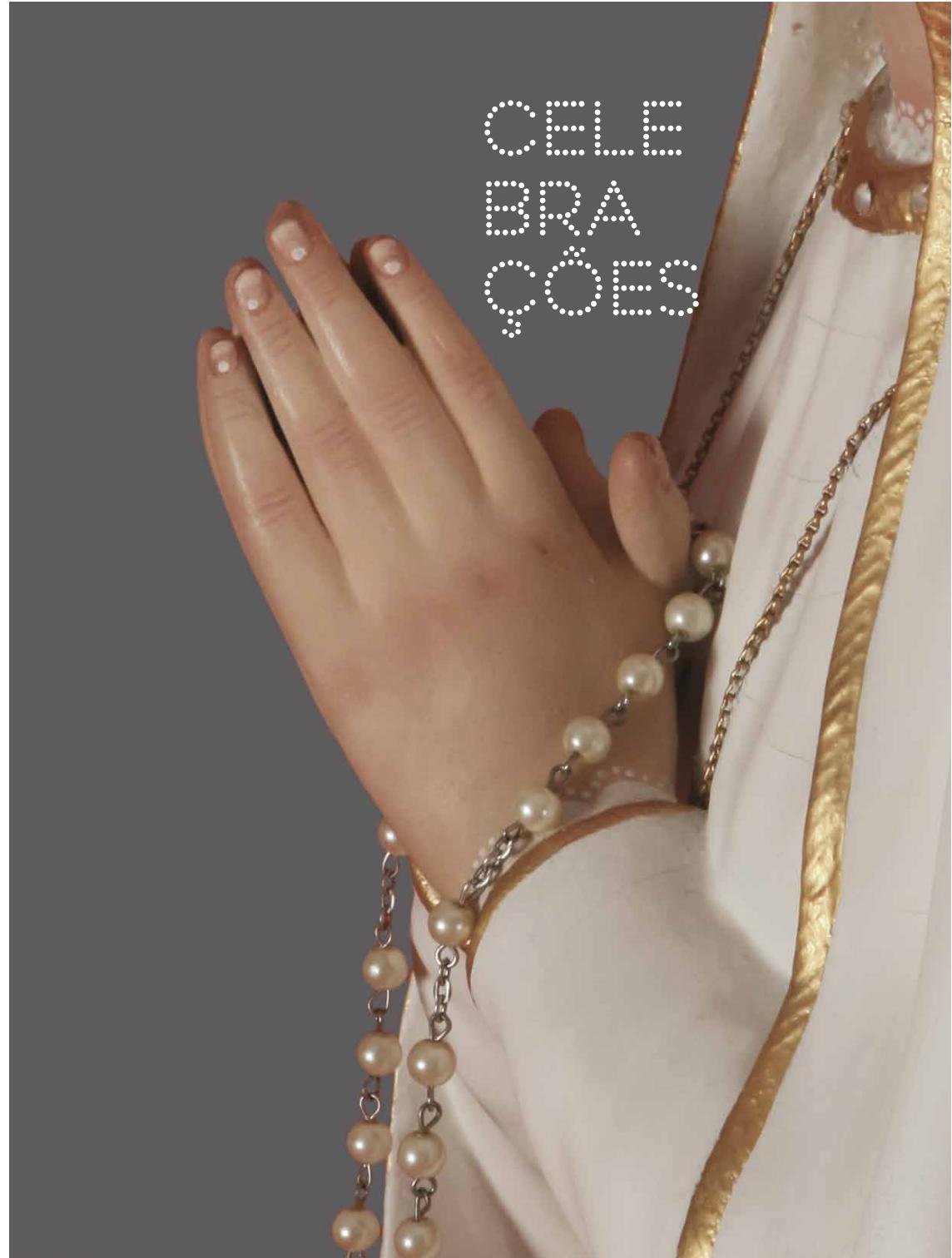
Quem haveria de suspeitar que vidas tão breves e simples fossem capazes de tanto amor?

Lúcia será ainda testemunha de um século sedento de Deus, da sua *Graça* e *Misericórdia*, porque demasiado embrulhado em estratégias

de domínio e violência. Como *memorial* das graças de Deus, ela continuará a anunciar a vocação do Coração Imaculado, como caminho através do qual Deus resgata o Homem com o seu amor. O diálogo inaugurado na Cova da Iria continuará ainda a fazer-se com esta mulher consagrada, outrora pastorinha, que se torna *vidente* da presença do Deus-mistério-de-comunhão nos dramas do mundo e *arauto* da vida plena que Ele oferece. Não mais deixará de repetir os pedidos da Senhora de branco – a conversão que se alcança pela adoração a Deus; a oração do Rosário que medita a vida de Cristo; a consagração ao Coração Imaculado de Maria, essa mulher singular que inaugura um jeito de ser à luz do Filho; a reparação através dos Primeiros Sábados, esses *sabbath* consagrados a Deus que evocam a libertação prometida.

Lúcia verá ainda a Igreja confirmar que o *Segredo* deixado em Fátima é eco do Evangelho. E que, no limiar de um novo milénio, as vidas dos seus primos, pequenas crianças serranas a quem Deus visitou, indicam a toda a Igreja um estilo crente de abertura aos desígnios de misericórdia e, por isso, estes são beatos. No final deste intenso percurso espiritual, Lúcia é acolhida definitivamente pela luz de Deus a 13 de fevereiro de 2005.

Os pastorinhos viveram intensamente a paixão de Deus pela humanidade. E, assim, foram constituídos como profetas do amor de Deus e oferecidos por Ele ao mundo como crianças-pastores *segundo o seu coração* (Jer 3,15).



ACOLHIMENTO DA IMAGEM / Introdução

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,42-45).

«A Mãe do meu Senhor» é o que Isabel chama a Maria. Título que corresponde à sua missão única, absolutamente nova e absolutamente original: ser Mãe do Filho de Deus que vem para salvar o mundo. E, por isso, logo após a saudação de Isabel, Maria entoava o **Magnificat** cuja finalidade é cantar e enumerar as imensas maravilhas que **Deus realiza na vida daqueles que O deixam entrar no seu coração.**

A humanidade, cada um de nós, é uma ânsia de harmonia. Harmonia conosco, harmonia com os outros, harmonia com a criação e, sobretudo, harmonia com Deus. Quando estamos bem conosco, com os outros e com Deus, sentimos que os horizontes do nosso viver se alargam e que a felicidade passa de simples promessa a vocação e a experiência construída.

Como humanidade e como pessoas temos muito mais a ver com o amor do que com o ódio; temos muito mais a ver com a paz do que com a agressividade; temos muito mais a ver com o acolhimento do que com a indiferença. Somos imagem e semelhança de Deus.

Mas, como humanidade, também sabemos, e por experiência, que os nossos desejos às vezes se baralham e que, muitas vezes, acabamos por preferir coisas e tomar atitudes que contradizem a nossa vocação. Sabemos que a indiferença entra nas nossas relações; sabemos, por experiência, que a inveja nos conduz à agressão; sabemos que a vaidade nos leva a esquecer os outros. E, mesmo sem querer, às vezes, dependendo da nossa liberdade, acabamos por construir uma história de infelicidade. E a nossa vocação é outra. Então clamamos a Deus e pedimos ajuda.

Deus quer construir com a humanidade uma história para a eternidade. Nós, às vezes, queremos construir com Deus uma história apenas para aliviar determinados momentos de sofrimento. Mas Deus insiste e permanentemente nos procura. E em Maria, Mãe de Jesus, Deus estabelece com a humanidade uma ponte permanente que nos faz experimentar como é bom viver junto de Deus e com os outros como irmãos.

A Mãe de Nosso Senhor vem até nós! E também nós, como filhos, exclamamos à maneira de Isabel: «Bendita é tu entre as mulheres»! Há quase cem anos – num contexto mundial de guerra e de distanciamento de Deus – a Virgem Maria apareceu a três crianças na Cova da Iria. Trouxe consigo a mensagem do amor e da misericórdia de Deus; trouxe consigo a expressão e afirmação maternal de que Deus não desistiu nunca da humanidade. Mas trouxe consigo também, à liberdade da humanidade, os pedidos de oração, penitência e conversão.

Foi o clamor dos filhos que fez a Mãe falar. Muitos de nós aprendemos a rezar conduzidos pela Mãe do Céu. Foi por ela que melhor entendemos e acolhemos Jesus Cristo, foi por ela que melhor confiámos a Deus a nossas vidas.

Se a dramaticidade da história dos homens não tem de ter, necessariamente e a priori, um desfecho negativo, teremos, no entanto, de convergir para o facto de que ela se constitui como uma ameaça para a felicidade humana. Transversalmente a épocas, continentes e experiências humanas, as guerras e destruições de povos e da própria natureza são uma das expressões dos dramas mal resolvidos.

É aqui que a Mensagem de Fátima aparece e pode ser lida como o triunfo do amor nos dramas da história, uma expressão da misericórdia de Deus, um eco do Evangelho para o nosso tempo, uma mensagem que se «destina de modo particular aos homens do nosso século, marcado pelas guerras, pelo ódio, pela violação dos direitos fundamentais do homem, pelo enorme sofrimento de homens e nações e, por fim, pela luta contra Deus até à negação da sua existência»¹.

«Fátima apresenta-se como um sinal de Deus para a nossa geração, uma palavra profética para o nosso tempo, uma intervenção divina na história da humanidade mediante o rosto materno de Maria»². **Foi o clamor dos filhos que fez falar a Mãe,** dizia-nos João Paulo II.

1 João Paulo II, "Homilia da Missa para a dedicação do Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Zacopane (Polónia)", em *L'Osservatore Romano* (edição em língua portuguesa), n.º 24, 14-06-97, 16.

2 António Marto, *Fátima: uma luz sobre a história do mundo* em Vitor Coutinho (coord.) *Mensagem de Esperança para o Mundo*, Santuário de Fátima, Fátima 2012, 26.

ACOLHIMENTO DA IMAGEM / Celebração

1. Cântico

Bendizemos o teu nome ...

V. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Amén.

V. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

2. Introdução

A Mãe do Céu visita-nos de uma maneira única e singular: não se impõe, não amedronta, não assusta. Como outrora, ao receber a anunciação do anjo, também hoje a Mãe do Céu vem disponibilizar-se para o nosso serviço, para que nós descubramos melhor quem é Jesus. «Eis a serva do Senhor» continua a dizer-nos a Mãe do Céu, como que a dizer-nos também «Eis a vossa serva» porque cada homem precisa de uma Mãe.

A nossa história cruza-se em cada passo com a presença de Nossa Senhora. Portugal nasceu em Guimarães, à sombra da Senhora da Oliveira, e logo foi abençoado por Santa Maria de Braga. Cresceu, conduzido por Santa Maria de Alcobaça e afirmou-se mediante a proteção de Nossa Senhora da Vitória. Expandiu-se pelo mundo, rezando a Santa Maria do Restelo ou de Belém, e restaurou a sua independência, protegido pelo manto de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

E, quando mais tarde Portugal percorreu outros caminhos, reencontrou-se consigo próprio no cimo da Serra de Aire, em Fátima, onde o Imaculado Coração de Maria veio erguer, já no século XX, o maior altar da devoção mariana dos nossos dias.

3. Texto das Memórias da Irmã Lúcia

Andando a brincar com a Jacinta e o Francisco, no cimo da encosta da Cova da Iria, a fazer uma paredita em volta duma moita, vimos, de repente, como que um relâmpago.

– É melhor irmos embora para casa, – disse a meus primos – que estão a fazer relâmpagos; pode vir trovoadas.

– Pois sim.

E começamos a descer a encosta, tocando as ovelhas em direção à estrada. Ao chegar, mais ou menos a meio da encosta, quase junto duma azinheira grande que aí havia, vimos outro relâmpago e, dados alguns passos mais adiante, vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio d'água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio de distância, mais ou menos. Então Nossa Senhora disse-nos:

– Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.

– De onde é Vossemecê? – lhe perguntei.

– Sou do Céu.

– E que é que Vossemecê me quer?

– Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez.

– E eu também vou para o Céu?

– Sim, vais.

– E a Jacinta?

– Também.

– E o Francisco?

– Também, mas tem que rezar muitos terços.

Lembrei-me então de perguntar por duas raparigas que tinham morrido há pouco. Eram minhas amigas e estavam em minha casa a aprender a tecedeiras com minha irmã mais velha.

– A Maria das Neves já está no Céu?

– Sim, está.

Parece-me que devia ter uns 16 anos.

– E a Amélia?

– Estará no purgatório até ao fim do mundo.

Parece-me que devia ter de 18 a 20 anos.

– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

– Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

– Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

4. Aclamação do Evangelho [Sl 117(118), 1-2.16ab-17.22-23]

Aleluia

*Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua misericórdia.*

*Diga a casa de Israel:
é eterna a sua misericórdia.*

*A mão do Senhor fez prodígios,
a mão do Senhor foi magnífica.*

*Não morrerei, mas hei de viver
para anunciar as obras do Senhor.*

*A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se pedra angular.*

*Tudo isto veio do Senhor:
é admirável aos vossos olhos.*

5. Proclamação do Evangelho

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João (2,1-12)

Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.» Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade

de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.» Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.» E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!» Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele. Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.

Palavra da salvação.

6. Pontos para oração | reflexão | breve homilia

- A Mãe de Jesus é nossa Mãe também. Intercede por nós. Sabe o que faz falta na vida de cada um de nós. Como naquela festa de que nos fala o Evangelho. Em Maria, Deus estabeleceu uma ponte permanente com a humanidade: em Jesus Cristo, Deus chega até à nossa vida e, em Jesus Cristo, nós encontramos um caminho para crescer até Deus. E tudo passa pela maternidade de Nossa Senhora: para vir até nós, Deus faz-Se filho; e nós, para nos encontrarmos com Deus, invocamos Maria como Mãe.

Foi isso mesmo que fizeram aqueles homens naquela festa: mostraram as suas necessidades à Mãe de Jesus e logo a Mãe de Jesus falou delas a Jesus.

E por isso nos segreda hoje, como naquele dia: «Fazei tudo o que Ele vos disser». Diz-nos a nós como disse àqueles que queriam entrar numa aliança nova com Deus, que o mesmo é dizer: Abri o coração a Cristo.

- A Senhora mais brilhante que o Sol apareceu a três crianças e mostrou-lhes como é bom o nosso Deus. E a experiência daquelas

crianças foi tão intensa que nada nas suas vidas, e a partir daquele momento, poderia ser motivo de ofensa a Deus e a sua Mãe. A Mãe do Céu falou do amor de Deus pela humanidade e colheu da humanidade, pela simplicidade daquelas três crianças (os pastorinhos) a entrega amorosa. E como o amor, quando é verdadeiro, gera sempre mais amor, a Mensagem de Fátima não deixa de desafiar ao amor, e os pastorinhos nunca deixaram de perceber em cada pequena ocasião ou atitude uma grande possibilidade de amar a Deus.

- É a imagem da mesma Senhora que agora nos visita. Tem nos seus lábios a mesma mensagem para nos dizer: rezai (que é como quem nos diz: «confiai em Deus»); fizeti penitência (que é como quem nos diz: «lembrai-vos de que não se consegue caminhar carregado com muitas coisas e que, por isso, é necessário não deixar que coisas que não fazem parte de nós se apeguem à nossa vida»); reparaí o amor e a capacidade de amar (que é como quem nos diz que há coisas na nossa vida que, por mais que se estraguem, merecem sempre ser reparadas; e o amor é uma delas, a essencial).

Ela, Mãe de Jesus, que acolheu o desígnio de Deus, ela que acolheu no seu coração e no seu seio a Jesus Cristo, ela que se definiu como Aquela que existe para que a Palavra de Deus se realize, nos há de ensinar a deixar Deus entrar nas nossas vidas e nos há de ensinar a construir com Ele uma história de felicidade. Acolhamo-l'A como Mãe e como Mestra.

- Dizia Paul Claudel que «Fátima é o maior acontecimento religioso da primeira metade do séc. XX, uma explosão transbordante do sobrenatural neste mundo prisioneiro da matéria».

O contexto histórico em que Fátima surge como mensagem profética está marcado por divisões entre os povos, guerras sangrentas,

ditaduras impiedosas, banalização do mal, imposição de ideologias, alastramento do ateísmo, perseguições aos crentes.

Os acontecimentos de Fátima são, contudo, marcados por uma impressionante simplicidade: humildade e simplicidade dos intervenientes (crianças de famílias com pouca cultura em contexto rural), extrema austeridade das condições de vida (pobreza acentuada), ausência de espetacularidade, agrestidade dos lugares, irrelevância sociopolítica da localidade e do grupo humano envolvido. Tudo isto contrasta com o conteúdo de uma mensagem que refere acontecimentos de ordem mundial e apelos à conversão da humanidade.

- O ponto de partida da Mensagem de Fátima é, assim, a afirmação de Deus como Absoluto da vida, como o Único que pode ser adorado e ao qual vale a pena entregar toda a nossa existência. Perante a pretensão das ideologias totalitárias que surgiram em diversos contextos da história moderna, as aparições do Anjo convidam, **em primeiro lugar, a olhar para o único Senhor cuja presença é total e não aniquila.** Do princípio ao fim, o cerne da mensagem está no convite premente a reconduzir para o centro da vida cristã e do mundo a adoração de Deus, Senhor da História, o reconhecimento da sua primazia, a adesão à sua vontade salvífica, o convite a acender o desejo de amor a Deus e estimular à prática do amor reparador¹.

As aparições de Fátima, de facto, abrem e encerram com a adoração e a contemplação de Deus. O verdadeiro mistério que é revelado em Fátima é o esplendor de Deus, a sua ilimitada capacidade de amar, que se torna presente no mundo como misericórdia².

¹ Cf. António Marto, *Fátima: uma luz sobre a história do mundo* em Vitor Coutinho (Coord.) *Mensagem de Esperança para o Mundo*, Santuário de Fátima, Fátima 2012, 26.

² Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima: o triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima, Fátima 2013, 180.

- A representação de Deus na Mensagem de Fátima é, portanto, a da imagem de **um Deus que não é indiferente**. É que a experiência do inferno não afeta simplesmente a humanidade, mas também «o amor que Deus lhes dirige, o Amor que é o próprio Deus. **O amor, como ato pessoal, não é imutável e imóvel, mas deixa-se afetar pela situação das pessoas amadas**. Deus fica ofendido e ultrajado, mais ainda, quase se diria implicado na destruição da grandeza do ser humano, quando a imagem que se faz de Deus é uma imagem distorcida».

Na Mensagem de Fátima, a desgraça e o pecado não deixam Deus indiferente. A imagem de Deus presente em toda a Mensagem de Fátima é a do Deus que ama e se desdobra em gestos de amor para ensinar o homem a amar³.

- É assim que o fio condutor de toda a Mensagem de Fátima é a confirmação de que Deus não abandona a história humana e de que o seu amor não cede perante o mal do mundo. É uma mensagem de misericórdia e de esperança para a Humanidade, na qual se reafirma a possibilidade de vencer o pecado do mundo. O amor de Deus é a única força capaz de vencer o mal que ameaça a humanidade⁴.

³ Cf. *Ibid.*

⁴ Cf. António Marto, *Ibid.*

7. Preces com refrão cantado

Irmãos e Irmãs:

Elevemos as nossas orações a Deus Pai todo-poderoso e, por intercessão da gloriosa Virgem Maria, invoquemos a divina misericórdia, cantando com fé e esperança:

R. Interceda por nós a Virgem cheia de graça.

1. Para que a Igreja, esposa de Cristo, acolha como a Virgem Maria a palavra da salvação e, pelo Batismo, dê à luz novos filhos, oremos, irmãos.

2. Para que a Rainha da paz e Mãe da Igreja inspire o sentido da justiça aos governantes, a fim de trabalharem pelo bem de todos os povos, oremos, irmãos.

3. Para que os discípulos de Cristo, no mundo inteiro, cheguem à unidade da fé e da caridade e imitem o coração da Mãe de Deus, oremos, irmãos.

4. Para que todos os que choram e estão tristes sintam a proteção e a presença da Mãe de misericórdia, nas suas aflições e ansiedades, oremos, irmãos.

5. Para que a Mãe de Jesus, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, nos ensine tudo o que guarda no seu coração acerca de Jesus e da vida humana, oremos, irmãos.

6. Para que Nossa Senhora de Fátima, que nos chamou a reparar o nosso amor a Deus, nos dê a graça de rezarmos diariamente o rosário e de oferecermos atos de amor para transformar o mundo, oremos irmãos.

7. Para que os fiéis desta comunidade sintam a ajuda poderosa da Mãe de Jesus, quando chegar o seu último combate, oremos, irmãos.
(Outras intenções)

8. Oração comunitária

Lembra-Vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos Vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. *Ámen.*

9. Oração final

Senhor nosso Deus, mostrai a vossa misericórdia aos filhos que Vos amam, que vos suplicam e que humildemente entregam as suas preces nas mãos da Virgem Mãe de Nazaré.

Por Cristo, nosso Senhor.

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL / Introdução

Os caminhos da vida não são lineares: não se vai sempre na mesma direção, à mesma velocidade, com a mesma motivação e intensidade. Em cada opção há momentos de luzes e momentos de sombras. Mas como um caso não põe em causa um projeto, há a possibilidade, a cada passo, de ler a história e de redefinir as direções e as opções.

O sacramento da reconciliação ou da penitência dá ao cristão a possibilidade de renovar os laços da sua relação a Deus que estejam destruídos ou enfraquecidos como consequência de ações e decisões suas. Aceitando, diante de Deus, as fraquezas e fragilidades pessoais, os erros e pecados, os excessos ou infidelidades, aprendemos a conhecer -nos melhor e aprendemos a necessidade de saber fazer escolhas e a ter ideais.

Cada cristão que celebra este sacramento reconcilia-se com Deus, com os irmãos e consigo mesmo. É por isso que se celebra como sacramento em Igreja. Ao pecar diminuimos ou destruimos a nossa relação com Deus e com a Igreja, Corpo de Cristo e comunidade cristã. Quando celebramos a reconciliação somos readmitidos, recolhidos por Deus e pela comunidade que é Corpo de Cristo, seu Filho. O ministro que o celebra conosco torna presente isso mesmo: «Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo

e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen!»

De certa maneira, celebrar a reconciliação é «batizar-se», porque se entra novamente numa relação de aliança com Deus. A reconciliação, como sacramento e como disposição interior de cada cristão, é a experiência de estar novamente em aliança com Deus.

A Mensagem de Fátima faz um veemente apelo à reconciliação com Deus. Por causa do seu amor a Deus, os pastorinhos ofereceram-se em oração e ações para reconciliar a humanidade com Ele. Na sua pequenez e simplicidade ensinaram o que significa «gostar de Deus». Para isso, deixaram-se guiar pela Mãe do Céu.

A primeira palavra de Maria nos Evangelhos é dita em forma de interrogação: «Como será isso?» Uma interrogação tão humana, tão nossa, e tão parecida a tantas outras interrogações que nós fazemos todos os dias.

Mas logo de seguida a sua palavra abre-se e Maria exclama: «**Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua vontade**». Abrindo o coração e a vida a Deus, confiando absolutamente na sua palavra, Maria é a expressão do acolhimento de Deus no nosso mundo.

De Nazaré ao Gólgota, o «sim» é o grande motor da vida de Nossa Senhora: exclamou-o no momento da anunciação, confiando em Deus; exclamou-o em Belém quando começa a seguir os passos de Jesus; exclamou-o quando apresentou Jesus no Templo; rezou-o em seu coração sem mancha quando, reencontrando Jesus, três dias depois de O ter perdido, ouviu que Jesus devia estar na Casa do Pai; exclamou-o em Caná da Galileia quando convidou os presentes a confiarem plenamente em Jesus; rezou-o quando, durante o ministério de Jesus, O procurou; Maria rezou o seu «sim» quando acompanhou o caminho de Jesus carre-

gando a Cruz para o Calvário; rezou-o junto à Cruz de Jesus, unindo-se ao Mistério da Redenção e recebendo todos os homens como seus filhos; rezou o seu «sim», esperando a vinda do Espírito Santo, perseverando em oração com os apóstolos, associando-se às preces de toda a humanidade e tornando-se modelo de oração.

Nossa Senhora reza permanentemente o seu «sim» no Céu, de onde assiste com amor materno a Igreja peregrina. A vida de Nossa Senhora foi um permanente «sim», «sim a Deus» e ao seu projeto; a Mãe do Céu é a primeira imagem da Igreja e aquela que nos segreda como é que cada um de nós há de ser melhor Igreja.

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL / Celebração

O pecado e a conversão

1. Cântico

Perdoai, Senhor, minha culpa e meu pecado, perdoai Senhor.

2. Ritos iniciais

V. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Ámen.

V. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

V. Irmãos, não há fé sem permanente e constante conversão, sem permanente e constante união da nossa vontade à vontade de Deus. Pela conversão, de facto, o dom da fé que recebemos no nosso batismo é permanentemente reavivado, e reavivado a partir de uma vida permanentemente agradecida e dedicada a Deus; o dom da fé é fonte da esperança, exprime-se em adoração e concretiza-se no amor.

O apelo à conversão é central em toda a Mensagem de Fátima. A Mãe do Céu quer o melhor para os seus filhos e, por isso, os convida à conversão da vida para que a história de cada um e a história do mundo seja uma história feliz.

A partir do encontro com a Senhora e Mãe, os pequenos pastores, Francisco, Jacinta e Lúcia, responderam imediatamente ao apelo vindo do Céu. Viveram, responderam e anunciaram as exigências e a necessidade da conversão: limam o que entendem nas suas vidas como defeitos, abrem-se completamente ao desígnio de Deus a seu respeito, dão uma prioridade absoluta ao amor a Deus, expressam o seu amor aos Corações de Jesus e de Maria através de imensos gestos e sinais. E, cada vez que trabalham na sua conversão, rezam «Ó Jesus é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria».

O drama do pecado consiste, antes de mais, em não deixarmos – intencional ou espontaneamente – que Deus seja Deus nas nossas vidas. É uma ofensa à glória de Deus. Prestamos culto a outras coisas que não têm capacidade de ser a finalidade das nossas vidas e esquecemos a glória de Deus. Então é necessária a conversão para que Deus passe a ser o centro de toda a nossa vida.

Em breves segundos de silêncio olhemos para os nossos corações e, à luz do Espírito de Deus, examinemos a nossa vida.

3. Silêncio

V. Senhor Jesus,
que pela aparição de vossa Mãe Santíssima em Fátima
nos destes a graça de compreendermos melhor
as dolorosas conseqüências dos nossos pecados,
moei os nossos corações e as nossas vontades
para que nos voltemos para Vós e,
pela conversão das nossas vidas,
nos possamos encontrar conVosco no Céu.
Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.
R. Ámen.

4. Memória dos acontecimentos de Fátima

Texto das Memórias da Irmã Lúcia¹

O Francisco era de poucas palavras; e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se ocultar até da Jacinta e de mim. Não poucas vezes o íamos surpreender, de trás duma parede ou dum silvado, para onde, dissimuladamente, se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava:

– Francisco, por que não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta?

– Gosto mais – respondia – de rezar sozinho, para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste.

Um dia, perguntei-lhe:

– Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não (*vão*) fossem mais almas para o inferno?

– Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não O ofendessem mais.

Quando ia à escola, por vezes, ao chegar a Fátima, dizia-me:

– Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na igreja, junto de *Jesus escondido*. Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares, vem por cá chamar-me.

O Santíssimo estava, então, à entrada da Igreja, do lado esquerdo. Metia-se entre a pia batismal e o altar e aí o encontrava, quando voltava. (O Santíssimo estava aí por andar a Igreja em obras).

¹ *Memórias da Irmã Lúcia*, Quarta Memória, I. Retrato de Francisco, 12. Amor ao recolhimento e oração.

Depois que adoeceu, dizia-me, às vezes, quando, a caminho da escola, passava por sua casa:

– Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a *Jesus escondido*. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com *Jesus escondido*.

Um dia, ao chegar junto de sua casa, despedi-me dum grupo de crianças da escola que vinham comigo e entrei, para lhe fazer uma visita e a sua irmã. Como tinha sentido o barulho, perguntou-me:

– Tu vinhas com todos esses?

– Vinha.

– Não andes com eles, que podes aprender a fazer pecados.

Quando saíres da escola, vai um bocado para o pé de *Jesus escondido* e depois vem sozinha.

Um dia, perguntei-lhe:

– Francisco, sentes-te muito mal?

– Sinto; mas sofro para consolar a Nosso Senhor.

Ao entrar, um dia, com a Jacinta, no seu quarto, disse-nos:

– Hoje falem pouco, que me dói muito a cabeça.

– Não te esqueças de oferecer por os pecadores – Lhe disse a Jacinta.

– Sim. Mas primeiro ofereço para consolar a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e depois, então, é que ofereço por os pecadores e por o Santo Padre.

Outro dia, ao chegar, encontrei-o muito contente.

– Estás melhor?

– Não. Sinto-me muito pior. Já me falta pouco para ir para o Céu. Lá vou consolar muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora. A Jacinta vai a pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre e por ti; e tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha: faz tudo o que Ela te disser.

Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento

de converter pecadores e livrar almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que Lhe tinha parecido estarem tão tristes.

5. Celebração da Palavra de Deus

Leitura I [Rom 6, 2b-13]

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

Se nós morremos para o pecado,
como haveríamos de viver ainda nele?

Todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo
fomos batizados na sua morte.

Fomos sepultados com Ele pelo Batismo na sua morte,
para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos,
para glória do Pai,
também nós vivamos uma vida nova.

Se, na verdade, estamos totalmente unidos a Cristo
por morte semelhante à sua,
também o estaremos por uma ressurreição semelhante à sua.

Bem sabemos que o nosso homem velho
foi crucificado com Cristo,
para que fosse destruído o corpo do pecado
e não mais fôssemos escravos dele.

Quem morreu, está livre do pecado.

Se morremos com Cristo,
acreditamos que também com Ele viveremos,
sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos,
Cristo já não pode morrer;
a morte já não tem domínio sobre Ele.

Porque na morte que sofreu,
 Cristo morreu para o pecado de uma vez para sempre;
 mas a sua vida é uma vida para Deus.
 Assim vós também,
 considerai-vos mortos para o pecado
 e vivos para Deus, em Cristo Jesus.
 Não reine o pecado no vosso corpo mortal,
 obedecendo aos seus desejos.
 Não ofereçais os vossos membros
 como arma da injustiça ao serviço do pecado;
 mas oferecei-vos a Deus,
 como homens que revivem de entre os mortos,
 e oferecei os vossos membros
 como armas da justiça ao serviço de Deus.
Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial [94 (95), 1-2.3 e 6.7-8]

Refrão: *Hoje, se escutardes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações.*

Vinde, exultemos de alegria no Senhor,
 aclamemos a Deus, nosso Salvador.
 Vamos à sua presença e dêmos graças,
 ao som de cânticos aclamemos o Senhor.

Pois grande Deus é o Senhor,
 Rei maior que todos os deuses.
 Vinde, prostremo-nos em terra,
 adoremos o Senhor, que nos criou.

Pois Ele é o nosso Deus
 e nós o seu povo, ovelhas do seu rebanho.
 Quem dera ouvísseis hoje a sua voz:
 «Não endureçais os vossos corações».

Evangelho [Jo 21, 15-19]

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Quando Jesus Se manifestou aos seus discípulos
 junto ao mar de Tiberíades,
 depois de comerem, perguntou a Simão Pedro:
 «Simão, filho de João, amas-Me tu mais do que estes?»
 Ele respondeu-Lhe:
 «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo».
 Disse-lhe Jesus: «Apascenta os meus cordeiros».
 Voltou a perguntar-lhe segunda vez:
 «Simão, filho de João, tu amas-Me?»
 Pedro respondeu-Lhe:
 «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo».
 Disse-lhe Jesus: «Apascenta as minhas ovelhas».
 Perguntou-lhe pela terceira vez:
 «Simão, filho de João, tu amas-Me?»
 Pedro entristeceu-se
 por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez se O amava
 e respondeu-Lhe:
 «Senhor, Tu sabes tudo, bem sabes que Te amo».
 Disse-lhe Jesus: «Apascenta as minhas ovelhas.
 Em verdade, em verdade te digo:
 Quando eras mais novo,
 tu mesmo te cingias e andavas por onde querias;
 mas quando fores mais velho,

estenderás a mão e outro te cingirá
e te levará para onde não queres».

Jesus disse isto para indicar o género de morte
com que Pedro havia de dar glória a Deus.

Dito isto, acrescentou: «Segue-Me».

Palavra da salvação.

6. Homilia

Pontos para a oração/homilia:

- Amas-Me? A pergunta sobre o amor e sobre o que ou quem amamos é uma pergunta essencial da nossa vida;
- que finalidades revela, no dia a dia, a nossa vida?
- a confiança em Deus, o Único que “merece” ser a finalidade da nossa vida;
- o dom agradecido da vida;
- a fidelidade criativa ao nosso batismo;
- o pecado como ingratidão para com os dons de Deus;
- o apelo à conversão para que o mal não tenha a última palavra sobre o mundo e sobre o homem
 - Fátima e o apelo do Céu como vocação de todo o homem
 - Não podemos voltar atrás e fazer novos começos, mas podemos parar agora e, recomeçando, fazer novos fins: a reparação como capacidade de “ir à raiz do problema” para lhe dar outro final que não seja a destruição;
 - o fazer por obrigação ou por amor: o Cristianismo como religião do amor.
 - o inferno e a autodestruição do homem que se nega a aceitar Deus;
 - a Rússia como símbolo dos males resultantes da ausência de Deus;
 - a pergunta de Fátima e do Céu pela Mãe de Jesus: Quereis oferecer-vos a Deus?
- os pedidos da Mãe do Céu na Mensagem de Fátima (oração, penitência...)

7. Silêncio

8. Oração comum

V. Deus mostrou o seu amor para connosco pelo facto de Ele nos ter amado primeiro e ter tido compaixão de nós quando ainda éramos pecadores. Nós temos mais facilidades em construir muros do que pontes. Mas, em Maria, Deus estabeleceu uma ponte contínua com a humanidade para nos dar a saborear a sua misericórdia. Por isso, convertamo-nos a Ele de todo o coração e, confessemos-Lhe humildemente o nosso amor, dizendo:

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Como Pedro, também nós, Senhor, confiámos muitas vezes mais em nós próprios do que na vossa graça e na vossa Palavra; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Muitas vezes, Senhor, nós procedemos sem humildade e sem prudência e assim caímos na tentação; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Em muitas ocasiões fomos soberbos e julgámo-nos melhores do que os outros ou deixámos sobrevir à nossa vida os sentimentos de inveja; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Pela presença dos sentimentos de inveja, Senhor, talvez nos tenhamos alegrado com as quedas dos nossos irmãos, em vez de nos

entristeceremos e nos oferecermos para os ajudar; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Àqueles que se encontravam em dificuldades, Senhor, fomos muitas vezes indiferentes e até os desprezámos em vez de os ajudarmos; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Ao contrário do que vossa Mãe pediu, muitas vezes nos esquecemos de rezar; e, às vezes, por medo, recusámo-nos a dar testemunho da verdade e da justiça; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Contemplando-nos a nós próprios e às obras das nossas mãos, fomos muitas vezes infiéis às promessas do Batismo, pelas quais nos tornámos vossos discípulos; mas Vós, Senhor, voltai-Vos para nós e tende piedade.

R. Senhor, Vós sabeis tudo, bem sabeis que Vos amo (ou refrão cantado).

V. Dirijamos agora a nossa oração ao Pai, e, como Cristo nos ensinou, peçamos-Lhe que perdoe os nossos pecados:

Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;

perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal. *Ámen.*

9. Tempo para a reconciliação sacramental individual

10. Ritos finais

Cântico

Senhora um dia descestes...

Oração

Senhor Jesus, nosso Salvador, que nos chamais a ser vossos discípulos e que sempre nos acolheis como amigos quando, arrependidos, regressamos para junto de Vós, voltai para nós o vosso olhar e fazei que, sempre acompanhados por vossa Mãe Santíssima, sigamos os vossos caminhos com renovado amor.

Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.
Todos: *Ámen.*

Rito de conclusão

V. O Senhor esteja convosco.

R. Ele está no meio de nós.

V. Abençoe-vos Deus todo-poderoso,
Pai, Filho e Espírito Santo.

R. *Ámen.*

V. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA / Introdução

Na inauguração do acontecimento-Fátima, o Anjo da Paz conduz os três pastorinhos pelos caminhos da adoração a Deus, abrindo-lhes o coração para o mistério eucarístico. Se as primeiras palavras do Anjo convidam as três crianças – e, com elas, cada crente – à adoração que transforma a fé em esperança e amor, o Anjo não deixará de as conduzir aos sabores da Eucaristia, dando-lhes a tomar o Corpo e o Sangue de Cristo. Esta presença de Deus constitui, para os pastorinhos, o prelúdio de uma vida de entrega a esse Outro que deles se fez íntimo. O pequeno Francisco recordará essa experiência inefável: «Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!» O dom eucarístico, saboreado das mãos do Anjo, e feito vida neles através da oferta de si a Deus pelos irmãos, é o horizonte para que aponta a Mensagem de Fátima, enquanto convite a que, pelo encontro com a Misericórdia de Deus, o crente converta a sua vida à lógica eucarística, oferecendo-se a Deus como dom pelos irmãos.

Ao adorarmos a presença daquele que se fez Dom Eucarístico, recordamos o jeito singelo com que os pastorinhos se encontravam com *Jesus escondido* e aí, na força desse encontro íntimo, alimentavam o seu

sacrifício, isto é, o dom de si pelos irmãos. A intimidade desses encontros deu fruto de vida abundante para eles e para quantos através deles saborearam a Misericórdia do Coração de Deus. Este *Jesus escondido* – a presença Eucarística – é o Jesus que se faz íntimo, que convida ao recolhimento, ao encontro vitalizante no *esconderijo* da interioridade de cada um e que desse encontro faz missão.

A exposição do Santíssimo santifica-nos e expõe-nos. O encontro com o Cristo que adoramos promete uma profundidade interior que moldará o nosso coração à imagem do Coração de Deus. E o redescobrir desta *imagem e semelhança* com o Deus misericordioso não deixará de nos conduzir ao encontro dos irmãos; como o Francisco, que fazia da adoração de *Jesus escondido* o alimento da sua entrega.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA / Celebração

Testemunhas de um Deus de Misericórdia

PRIMEIRO MOMENTO: ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

Cântico

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos.

Peço-vos perdão para os que não creem,

Não adoram, não esperam e não vos amam. (3 vezes)

Oração

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.

Momento de adoração

Meditação

A palavra-chave do acontecimento-Fátima é a Misericórdia. Em Fátima, o Deus da misericórdia irrompeu como luz para um mundo desconhecido, trazendo, nas palavras da Virgem Maria, uma promessa de encontro. O Segredo de Fátima é o amor de Deus pela humanidade; por cada mulher, por cada homem. Na linguagem simples da Mensagem, nos gestos singelos da Senhora de Fátima, o mistério de Deus toca o mistério do homem com a promessa de que o amor vence o ódio e transforma os corações de cada um. É do milagre desse encontro permanente que nos fala a Irmã Lúcia:

«É nesse mar [de Deus] que eu vivo, aí me submergi e nunca mais daí saí. Ele me tomou em seus braços de Pai e me conduziu por onde me quis levar. Nele acreditei, a ele me entreguei até que queira transportar-me e levar-me a esse novo dia, onde hei de servi-lo, adorá-lo e amá-lo para sempre sem fim.» (*Como vejo a mensagem*, 18)

O desafio que daí nasce é o de se deixar transformar por esse encontro amoroso com Deus e se comprometer com os seus desígnios de misericórdia para cada mulher e cada homem. Ao adorarmos a presença daquele que se fez Dom Eucarístico, recordamos o jeito singelo com que os pastorinhos se encontravam com *Jesus escondido* e alimentavam aí, na força desse encontro íntimo, o seu sacrifício, isto é, o dom de si pelos irmãos. A intimidade desses encontros deu frutos de vida abundante para eles e para muitos que, através deles, saborearam a Misericórdia do coração de Deus.

Cântico

Breve momento de silêncio

SEGUNDO MOMENTO: ATRAÍDOS PELA MISERICÓRDIA

Admonição

A leitura de Ezequiel, que vamos ler, revela-nos o rosto solícito e misericordioso de Deus, como pastor que vai, ele mesmo, em busca de cada ovelha, na promessa de um encontro festivo. Esta iniciativa do mistério do coração misericordioso de Deus torna-se esperança para todo aquele que se deixa encontrar. É da graça deste encontro que nos fala também a Irmã Lúcia, no breve trecho que leremos do livro *Como Vejo a Mensagem*: o encontro com a graça de Deus faz-se alimento para o caminho da fé e promessa da amizade de Deus que dá vida em abundância.

Leitura do livro de Ezequiel

«Eis que Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas. Como o pastor se preocupa com o seu rebanho, quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu. Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso, num dia de nuvens e de trevas. Arrancá-los-ei de entre os povos e os reunirei dos vários países, a fim de reconduzir à sua própria terra e os apascentar nos montes de Israel, nos vales e em todos os lugares habitados da região. Eu os apascentarei em boas pastagens; o seu pasto será nas montanhas elevadas de Israel; estarão tranquilas em bons pastos; comerão em férteis prados, nos montes de Israel. Sou eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou eu quem as fará descansar – oráculo do Senhor Deus. Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente. Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça.» (Ez 34,11-12)

Breve silêncio

Palavras da Irmã Lúcia

«Foi a força do amor que atraiu – uma vez mais – este olhar de Deus sobre nós, para atrair-nos e levar-nos a Ele. A beber nessa fonte de água cristalina, manancial de vida, de graça, de força e luz, que jorra dos Céus para a terra, convidando-nos a beber dessa água e a comer desse Pão, para que não voltemos a ter sede nem fome. [...]

O Senhor não nos enganou, nem nos faltou com a Sua graça, como prometeu Nossa Senhora: “*A graça de Deus será o vosso conforto*”. É esta graça de Deus que atua em nós, levando-nos onde Deus nos quiser conduzir, [...] como crianças abandonadas nos braços do Pai, [...] pondo os nossos pés nas pegadas que Cristo, indo à nossa frente deixou marcadas no solo da terra; é subir contigo até à última gota do cálice que o Pai Te apresentou; é ser uma contigo no partir do pão e no beber do cálice; é, pela nossa íntima união contigo, ser o Filho muito amado em quem o Pai se compraz, vendo em nós, o rosto de Seu Filho, o Espírito Santo que ateia em nós o fogo do puro amor que nos transforma num ser de eterno louvor à Santíssima Trindade, a Quem adoro, confio, amo e para sempre quero louvar! De Ti espero esta graça que há de ser o meu hino de eterno amor!» (*Como vejo a Mensagem*, 12 e 38)

Momento de silêncio e adoração

Prece

Na dispersão dos nossos dias, vem, Senhor da Misericórdia, recolher-nos no teu regaço de pastor e reconduzir-nos à nossa verdade de filhos amados. Que a adoração da tua presença escave em nós uma profundidade interior que nos converta à imagem e semelhança do teu Filho. E que a tua promessa, lembrada em Fátima, da *graça* e da *misericórdia* nos renove e nos dinamize para uma vida plena.

Ámen.

Salmo 22 (23) ou Cântico de Zacarias (Lc 1,67-79)

TERCEIRO MOMENTO: COMPROMETIDOS COM A MISERICÓRDIA

Admonição

Acolhidos na misericórdia de Deus, e transformados por ela, somos agora convidados a contemplar a compaixão de Jesus pela multidão e a fazê-la nossa também. A outra face da misericórdia com que somos amados por Deus é o amor que nos aproxima dos demais e nos leva ao encontro das suas alegrias e tristezas, dos seus sofrimentos e necessidades. Em Fátima, é esse o desafio que nos deixa a Virgem do Rosário: a oferecermo-nos a Deus pelos irmãos. Ao contemplar a resposta resoluta dos pastorinhos, somos levados ao compromisso com a missão compassiva de Jesus.

Leitura da Segunda Carta aos Coríntios

«Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas.

A hora já ia muito adiantada, quando os discípulos se aproximaram e disseram: “O lugar é deserto e a hora vai adiantada. Manda-os embora, para irem aos campos e aldeias comprar de comer.” Jesus respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer”» (Mc 6,34-37)

Breve silêncio

Palavras da Irmã Lúcia

«Vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio de água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão

perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia [...].

Então Nossa Senhora disse-nos:

- Não tenhais medo. Eu não vos faço mal. [...] Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

- Sim, queremos.

- Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras [...] que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

- Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.» (*Memórias da Irmã Lúcia*, 173-174)

Momento de silêncio e adoração

Prece

Nos dramas da história humana que tocamos diariamente, que a tua compaixão, Senhor, seja semente de uma nova criação. Renovados pela tua presença, sejamos testemunhas da tua luz para a conversão da cidade dos homens, participando da missão reconciliadora do teu Filho. E que, saboreando o teu dom eucarístico, e transformados por ele, a nossa vida se converta em dom pelos outros, encontro eucarístico, sacrifício que dá vida.

Ámen.

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor *

E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: *

De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração *

Sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço *

E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos *

E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens *

E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, *

Lembrado da sua misericórdia,

Como tinha prometido a nossos pais, *

A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho *

E ao Espírito Santo,

Como era no princípio, *

Agora e sempre. Amen.

Envolvidos pela Misericórdia com que Deus nos converte e nos faz participar da sua missão compassiva e reconciliadora, elevamos a nossa oração ao Pai, com as palavras que o Filho nos ensinou:

Pai Nosso...

QUARTO MOMENTO: BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

Cântico Eucarístico

Oração

Senhor Jesus Cristo que, neste admirável sacramento, nos deixastes o memorial da vossa paixão concedei-nos, Vos pedimos, a graça de venerar de tal modo os mistérios do Vosso Corpo e Sangue que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Bênção do Santíssimo

Louvor

Bendito seja Deus,
 Bendito o Seu santo Nome,
 Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem,
 Bendito o Nome de Jesus,
 Bendito o Seu Sacratíssimo Coração,
 Bendito o Seu Preciosíssimo Sangue,
 Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar,
 Bendito o Espírito Santo Paráclito,
 Bendito a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima,
 Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição,
 Bendita a sua Gloriosa Assunção,
 Bendito o nome de Maria Virgem e Mãe,
 Bendito São José, seu castíssimo esposo,
 Bendito Deus nos Seus Anjos e nos Seus Santos.

Cântico

Ó verdadeiro corpo do Senhor,
 Nascido para nós da Virgem Mãe,
 Penhor da eterna glória prometida!
 Ó verdadeiro corpo do Senhor.

Despedida

Ide em paz...

Cântico

COMUNHÃO LEVADA AOS DOENTES / Introdução: catequese para agentes da Pastoral da Saúde

**Felizes vós,
os que agora chorais,
porque haveis de rir**

1. Introdução

A realidade da doença e do sofrimento é a realidade decisiva da existência humana. Mesmo para quem é otimista não poderá escapar a fazer um conjunto de perguntas irreprimíveis: porquê o sofrimento? Ele é só possível ou é necessário? Se Deus existe e é bom, porque permite o sofrimento, sobretudo em pessoas inocentes (frágeis, indefesas) como as crianças? Se Deus nos salvou, porque não nos salvou da doença e do sofrimento? Será o sofrimento um castigo de Deus pelos nossos pecados? Mas, então, por que razão as grandes catástrofes naturais atingem indiscriminadamente pessoas «boas» e «más»?

São mais as perguntas do que as respostas. Por muito que se aprofunde do ponto de vista antropológico, filosófico, teológico ou ético, sentimos ainda mais a dificuldade quando o sofrimento deixa de ser uma matéria abstrata, objeto da nossa reflexão, conjugada na terceira pessoa, e passa a ser uma realidade existencial na segunda pessoa ou, ainda mais, na primeira: «o teu sofrimento, o vosso sofrimento, o meu sofrimento, o nosso sofrimento»; uma proximidade que não nos deixa tranquilos na

nossa «zona de conforto». Então, as frases feitas, os lugares comuns perdem vigor. Dizer: «Temos de sofrer. Deus também sofreu e não precisava»; «Tem coragem. Quem sofre agora não sofre depois»; ou pior: «O nosso sofrimento é para compensar as nossas faltas». Estas afirmações e outras não resultam no alívio de quem sofre, antes pelo contrário.

Se o sofrimento é uma realidade tão universal, como o podemos encarar? Com a resignação de quem caminha para um beco sem saída, para a morte, como alguns filósofos do século XX teorizaram (M. Heidegger), ou podemos descobrir nessa experiência fontal uma réstia de esperança para o homem que não a simples dor ou a morte?

As religiões, ao longo dos séculos, procuraram ir dando resposta a estes interrogativos. Na tradição judaico-cristã é célebre a figura de Job na literatura sapiencial do Antigo Testamento. Mas é com Jesus *bom-samaritano* que encontramos um *salto copernicano* no entendimento do sofrimento. Não só pela sua ação junto de quem sofre mas, essencialmente, na forma como encarou o Seu próprio sofrimento e o viveu como *dom de si* para os outros. E Maria, sua mãe, foi não apenas testemunha mas *coprotagonista* da cruz como sinal maior do amor de Deus pela humanidade. Um Deus que viu o sofrimento do seu povo (Ex 3, 7-10) e o veio salvar.

As Aparições de Fátima são uma *revisitação*, entre outras ao longo da história, do Evangelho, da Boa Notícia, do *Emanuel* que vem para aqueles que andavam nas trevas (Mt 4, 15-17). Maria reaviva em nós o fazer da vida uma experiência de *cooferecimento* com Cristo na Eucaristia.

Iremos fazer um breve percurso pelo entendimento sobre a realidade da doença e do sofrimento com o olhar das Sagradas Escrituras, passando pela visão atual da Igreja, a partir da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de São João Paulo II, para colher das Aparições de Fátima e do testemunho dos pastorinhos uma atitude de esperança que devemos ser capazes de levar àqueles que visitamos em sofrimento. Essa esperança maior tem um rosto e tem um nome: Jesus Cristo, o *Pão Vivo* descido dos céus.

Objetivos

- À luz da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e da Mensagem das Aparições de Fátima ajudar os Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC) a estarem mais sensibilizados para a realidade da doença e do sofrimento, procurando ser uma ajuda para quem sofre.

- Ser um instrumento para os MEC com o objetivo de estes ajudarem a pessoa que sofre a acompanhar ativamente a recepção da Imagem Peregrina de Fátima na sua diocese.

2. Desenvolvimento do encontro

Este esquema que agora se apresenta pode ser usado tendo em conta o grupo que se tem diante, bem como o tempo de que se dispõe. Nesse sentido alguns elementos podem ser suprimidos e outros podem ser perfeitamente integrados na linha dos objetivos traçados.

2.1. Experiência humana

(Iniciar o encontro com um pequeno diálogo de cerca de 10/15 minutos. As experiências pessoais vividas captam de imediato a atenção e podem servir de ponto de partida para a reflexão)

2.1.1. *Diálogo inicial*: Que entendemos nós por doença e sofrimento? São realidades equivalentes? Haverá outros sofrimentos para além do físico? Como reagimos às perguntas de uma pessoa doente que nos pergunta porque tem de sofrer tanto? Qual foi a experiência mais tocante/iluminadora que vivi como MEC?

2.1.2. A experiência do sofrimento é das realidades mais universais. Nasce-se para a vida, a maioria, a chorar. Em muitos momentos da vida não se contêm as lágrimas, embora estes possam ser também de alegria. E no processo do morrer elas aparecem de novo, se não nos

olhos da pessoa que está para partir, pelo menos nos olhos daqueles que a amam. As lágrimas são uma *epifania* do nosso mundo interior. E o sofrimento, como expressão da doença, acompanha o arco da nossa vida. Ninguém lhe poderá escapar. «A doença é o lado noturno da vida, uma cidadania mais penosa. Todos aqueles que nascem têm uma dupla cidadania, do reino do estar bem e naquele do estar mal. Todos preferimos, somente, o passaporte bom, mas mais tarde ou mais cedo cada um se sente obrigado, ao menos num certo período, a reconhecer-se cidadão daquele outro país»¹. A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de São João Paulo II, no seu n.º 3 lembra-nos esta mesma realidade: «Pode dizer-se que o homem se torna caminho da Igreja de modo particular quando o sofrimento entra na sua vida. Isso acontece, como é sabido, em diversos momentos da vida; verifica-se de diversas maneiras e assume dimensões diferentes; mas, de uma forma ou de outra, o sofrimento parece ser, e é mesmo, quase *inseparável da existência terrena do homem*.»

Se a doença e o sofrimento são realidades às quais não se pode fugir nem pedir a outro que as viva por nós, só temos duas possibilidades: ou nos resignamos, *morrendo antes de morrer*, ou resistimos como quem descobre, *nessa nova experiência*, recursos jamais encontrados e, sobretudo, reelaborando, com realismo, um sentido para vida. Este sentido passa pelas pequenas esperanças humanas até chegar a uma esperança maior.

2.1.2.1. Um texto iluminador que nos mostra a atitude correta a ter diante da doença, da dor, do sofrimento e da morte.

Das *Memórias da Irmã Lúcia* sobre a doença e a morte da prima Jacinta. (O texto pode ser lido em diálogo, se se entender que pode ser útil.)

¹ S. Sontag, *Malattia come metáfora. Il cancro e la sua mitologia*. Einaudi, Torino 1979 (tradução nossa).

«Nas vésperas de adoecer (Jacinta) dizia:

Jacinta: Dói-me tanto a cabeça e tenho tanta sede! Mas não quero beber, para sofrer pelos pecadores.

Lúcia: Todo o tempo que me ficava livre da escola e de alguma outra coisa que me mandassem fazer, ía para junto dos meus companheiros. Quando, um dia, passava para a escola, diz-me a Jacinta:

Jacinta: Olha, diz a *Jesus escondido*, que eu gosto muito dele e que O amo muito.

Lúcia: Outras vezes dizia:

Jacinta: Diz a Jesus que lhe mando muitas saudades.

Lúcia: Quando ia primeiro ao quarto dela, dizia:

Jacinta: Agora vais ver o Francisco; eu faço o sacrifício de ficar aqui sozinha.

Lúcia: Um dia sua mãe levou-lhe uma xícara de leite e disse-lhe que o tomasse.

Jacinta: Não quero, minha mãe – respondeu, afastando com a mãozinha a xícara.

Lúcia: Minha tia ateimou um pouco e depois retirou-se, dizendo:

- Não sei como lhe hei de fazer tomar alguma coisa, com tanto fastio!

Logo que ficámos sós perguntei-lhe:

- Como desobedeces assim a tua mãe e não ofereces este sacrifício a Nosso Senhor?

Ao ouvir isto, deixou cair algumas lágrimas, que eu tive a felicidade de limpar, e disse:

Jacinta: Agora não me lembrei!

Lúcia: E chama pela mãe, pede-lhe perdão e toma tudo quanto ela quiser. A mãe traz-lhe a xícara do leite; toma-o sem mostrar a mais leve repugnância. Depois, diz-me:

Jacinta: Se tu soubesses quanto me custa tomar!

Lúcia: Em outra ocasião, disse-me:

Jacinta: Cada vez me custa mais a tomar o leite e os caldos; mas não digo nada. Tomo tudo por amor de Nosso Senhor e do Imaculado Coração de Maria, nossa Mãezinha do Céu.

Lúcia: Perguntei-lhe um dia:

- Estás melhor?

Jacinta: Já sabes que não melhora.

Lúcia: E acrescentou:

Jacinta: Tenho tantas dores no peito! Mas não digo nada; sofro pela conversão dos pecadores.

Lúcia: Quando, um dia, cheguei junto dela, perguntou-me:

Jacinta: Já fizeste hoje muitos sacrifícios? Eu fiz muitos. Minha mãe foi-se embora e eu quis ir muitas vezes visitar o Francisco e não fui.

(visita de Nossa Senhora)

Lúcia: Recuperou, no entanto, algumas melhoras. Pôde ainda levantar-se e passava, então, os dias sentada na cama do irmãozinho. Um dia mandou-me chamar: que fosse junto dela depressa. Lá fui, correndo.

Jacinta: Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus. Perguntei se tu ias comigo. Disse que não. Isto é o que me custa mais. Disse que ia minha mãe levar-me e, depois, fico lá sozinha!

Lúcia: Depois, ficou algum tempo pensativa. Depois acrescentou:

Jacinta: Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar, o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada; e eu

estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa, sofro por amor de Nosso Senhor, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.

Lúcia: Quando chegou o momento do seu irmãozinho partir para o Céu, ela fez as suas recomendações:

Jacinta: Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem, para converter os pecadores e reparar o Coração Imaculado de Maria.

Lúcia: Sofreu muito com a morte do irmão. Ficava por muito tempo pensativa; e se lhe perguntava no que estava a pensar, respondia:

Jacinta: No Francisco. Quem me dera vê-lo!

Lúcia: E os olhos arrasavam-se-lhe em lágrimas. Um dia, disse-lhe:

- A ti já te falta pouco para ires para o céu; mas eu!

Jacinta: Coitadinha! Não chores. Lá, hei de pedir muito, muito, por ti. Tu, é Nossa Senhora que quer assim. Se me quisesse a mim, ficava contente, para sofrer mais pelos pecadores»².

2.1.2.2. Se for conveniente proponha-se uma leitura pessoal do texto, convidando a que se assinale as expressões do diálogo que mais nos chamam a atenção. De seguida, favorecer um breve diálogo de partilha no qual o orientador deve incentivar a participação do maior número possível de pessoas. As intervenções devem ser breves.

2.1.2.3. Alguns pontos de reflexão a partir do texto a serem usadas por quem orienta o encontro. Se o grupo for numeroso podem constituir-se pequenos grupos, o que favorece o aprofundamento.

- Logo na aparição de maio de 1917, Nossa Senhora, no diálogo com os pastorinhos Lúcia e os primos Francisco e Jacinta, faz-lhes a

² Irmã Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2011 (15.ª ed.), pp 58-60.

pergunta: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»³. A esta pergunta os pastorinhos respondem: «Sim, queremos»⁴. Ao que Nossa Senhora acrescenta: «Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto»⁵. Esta é a chave hermenêutica da vida dos videntes de Fátima a partir desse momento; e também do núcleo da própria Mensagem de Fátima, como escreveu Eloy Bueno de la Fuente: «A pergunta ‘Quereis oferecer-vos...?’ constitui em sentido próprio a abertura do acontecimento-Fátima, que nos situa desde o início no núcleo da sua Mensagem e do Segredo, que deve ser conservado como o tesouro do jardim do rei, e que só paulatinamente, pela dinâmica do próprio oferecimento dos destinatários, se vai comunicando e desdobrando»⁶.

A expressão «que Ele vos quiser enviar» deve ser interpretada no sentido do mistério da condescendência divina. Por que permite Deus o sofrimento, o mal? Entendamo-lo, para aqueles que o aceitam, como uma forma de crescimento espiritual pessoal e para o bem da Igreja. Mas jamais se fica só. Deus faz caminho com aquele que sofre: «A graça de Deus será o vosso conforto».

- Jacinta cumpre na perfeição (na santidade) este pedido de Nossa Senhora. Ficamos estupefactos com esta coragem e heroicidade diante da doença e do sofrimento. Jacinta era uma criança. Porque o conseguiu? Porque **deu um sentido ao sofrimento que estava a viver**. Não é sofrer

³ *Ibidem*, p. 174.

⁴ *Ibidem*, p. 174.

⁵ *Ibidem*, p. 174.

⁶ Eloy Bueno de la Fuente, *Quereis oferecer-vos a Deus? A Mensagem de Fátima como interpelação ao sentido da vida e da história humanas*, em Isabel Varanda (coord.) *Quereis oferecer-vos a Deus? Horizontes contemporâneos da entrega de si*, Santuário de Fátima, Fátima 2013.

para nada. Mas pela conversão dos pecadores, por amor a Nosso Senhor, ao Imaculado Coração de Maria e ao Santo Padre. É fundamental a um doente encontrar um sentido para o que está a viver. Enquanto MEC como tenho procurado ajudar a pessoa que sofre a encontrar um sentido para aquilo que está a viver?

- «Diz a *Jesus escondido* que gosto muito dele e que o amo muito» – Jesus Eucaristia. Um dos maiores sofrimentos de muitos cristãos no tempo de doença ou velhice é não poderem participar na Eucaristia comunitária. Se é certo que se pode rezar a partir de casa ou do leito, poder receber o Senhor é um conforto «de outro mundo» – um Deus que se faz Emanuel. O MEC é este Cireneu que leva o *sacrifício de amor* celebrado por uma comunidade cristã para os seus membros que fisicamente ali não estão. O MEC é o confidente que acolhe, como Lúcia, os desejos mais íntimos de quem sofre: «diz a Jesus...».

- Jacinta na sua doença tem dificuldade em comer. Mas advertida pela prima Lúcia, arrepende-se de não ter feito mais um sacrifício e por ter preocupado sua mãe. Por isso, derrama algumas lágrimas que Lúcia teve «a felicidade de limpar». Quantas vezes o MEC é aquele que enxuga as lágrimas de quem sofre. O profeta Isaías afirma que o próprio Deus nos enxugará as lágrimas (Is 25, 8). O MEC nunca deve esquecer-se de que é enviado pela Igreja, em nome de Deus, para levar Deus na **Palavra** e no **Pão**. É também aquele que ajuda o doente a entender o que lhe está a acontecer, com a luz da fé e da esperança cristã.

- «Sabes que não melhora». Jacinta tinha plena consciência da gravidade da sua doença. Não tinha ilusões, apesar da sua tenra idade. Sabia, e tinha essa consolação, de ir para o céu. Mas aceitava cada sofrimento para a conversão dos pecadores. Muitas vezes não são os doentes

aqueles que sofrem mais com a certeza da proximidade da morte, mas os familiares e quem deles cuida. E isto traz ao doente ainda maior sofrimento do que a própria doença. Ao MEC é pedido que ao visitar um irmão doente não se esqueça da família deste. Por vezes são estes que precisam mais de ajuda devido à sua fragilidade psicoemocional. Em momentos de fragilidade uma palavra menos acertada pode deixar feridas para sempre. O MEC não é um médico nem lhe é pedido que o seja; por isso, não deve alimentar falsas esperanças de cura nem ser *mensageiro de desgraças*. Em regra geral, um doente sabe melhor do que ninguém como se sente. Então, saber ouvir, saber iluminar com a fé o que está a acontecer é o papel ajustado.

- «O que me custa é ir sem ti... E eu estou ali a sofrer sozinha». A maioria das pessoas, hoje, no mundo ocidental, morre só no hospital, no meio de uma pequena multidão de operadores sanitários e gente que circula. A pessoa foi *isolada* porque está para morrer e, de facto, morre só. Este é o maior sofrimento de uma vida: não ter ninguém com quem possa partilhar a dor e o sofrimento. Muitos são abandonados pelos próprios familiares no momento que mais precisavam. A quantos não ouvi já dizer: «Sei que vou morrer! Só gostava que meu filho, ... me viesse ver». E as lágrimas de imediato afloram aos olhos, muitas vezes conscientes de uma espera que é repetida para não se perder logo a esperança. O MEC é chamado a levar o Senhor ao doente e a levar-se a si mesmo. A sua chegada é desejada, frequentemente, como o sol pela manhã. Ele é o *bendito que vem em nome do Senhor*. A sua presença junto do doente é sinal visível de Deus junto de quem sofre. Como vivo eu este compromisso que a Igreja me confiou?

- «Sofreu muito com a morte do irmão». Com frequência identificamos o sofrimento com a dor física provocada por uma doença ou um

acidente. O sofrimento é sobretudo fruto da interpretação que a pessoa dá ao que está a viver. E há tantos sofrimentos para além dos físicos: psicológicos, relacionais, espirituais, muitos deles jamais revelados. Quantas vezes o sofrimento é causa de dor e não a dor causa de sofrimento. Jacinta, doente, sofria muita com a morte do irmão. Sabia que estava no céu. Mas as saudades, o desejo de o voltar a ver corroíam-lhe a alma. Também aqui o MEC deve estar atento. Para a pessoa doente, com frequência, o que mais a preocupa não é tanto morrer, mas o que isso significa para si e para os seus. Projetos que ficam por realizar, pessoas e coisas que se deixam, sentido de tempo perdido que já não se recupera mais... A dor física pode ser lancinante, mas a dor psíquica, espiritual, relacional pode ser devastadora. Também aqui a fé na eternidade, na vida que não acaba e que Jesus nos oferece no seu Mistério Pascal e de que a Eucaristia é memorial, é alívio e conforto a quem sofre.

- «Coitadinha! Não chores. Lá hei de pedir muito, muito, por ti». É um erro pensar que o doente é sujeito passivo, que nada pode dar e tudo tem a receber. O paternalismo pastoral é perigoso e não ajuda a pessoa doente a desenvolver todos os seus recursos humano-espirituais. O doente é protagonista de uma pastoral da saúde; é sujeito ativo, como nos recordou o Beato Novarese. Tem muito a receber, mas também muito a dar. Jacinta, no seu sofrimento, não é egoísta, não pensa só em si. Não cai em lamúrias estéreis. Antes pensa em consolar a sua prima que sofre por não poder ir já para o Céu. Ao MEC é pedido que, seguindo o pedido de Nossa Senhora em Fátima, possa ajudar a pessoa doente a oferecer as suas orações, as suas dores, o seu sofrimento, para consolação de *Deus que está muito ofendido*, pela Igreja, pela sua paróquia, por si mesma. Na oferta de si, no fazer-se dom para os outros, eis o segredo de uma vida cristã que aprendeu a ser eucarística como Jesus que se dá para a vida e redenção do mundo.

2.2. A Palavra de Deus

2.2.1. Antigo Testamento

A doença e o sofrimento no Antigo Testamento eram frequentemente entendidos como um castigo de Deus. Particularmente algumas doenças como a lepra eram incapacitantes até do ponto de vista relacional, uma vez que obrigavam a pessoa a isolar-se da família e da sociedade.

A tradição hebraica dá muita importância à vida e a uma vida com saúde. Uma vida marcada pela doença devia-se ao facto de não se cumprirem as normas divinas. «Se escutares com atenção a voz do Senhor, teu Deus, e se fizeres o que é reto aos seus olhos, se deres ouvidos aos seus mandamentos e se guardares todos os seus preceitos, não farei vir sobre ti nenhum dos flagelos que infligi ao Egito, porque Eu sou o Senhor que te cura». Sobretudo no *Livro de Job*, no *Livro de Eclesiastes* e o no *Livro dos Salmos* o tema da doença e do sofrimento é debatido.

O Rabi, filósofo e médico Moisés Maimónides (século XIII) escreveu: «conservar o corpo são e íntegro faz parte dos caminhos indicados por Deus. De facto, é impossível ao homem doente compreender ou aproximar-se do conhecimento de Deus. Por isso o homem deve manter-se afastado das coisas que prejudicam o corpo e cuidar de si mesmo com as coisas que dão saúde e cura»⁷ (Ez 15,22-27).

O *Livro de Job* abre brechas na denominada *teologia da retribuição* protagonizada pelos amigos de Job. É um marco na literatura mundial. Uma meditação sobre se existe uma ligação necessária entre a doença, o sofrimento e a morte com a conduta moral da vida. Job pergunta-se porque sofre. Chega quase ao desespero de perder a fé. «O Livro de Job põe de modo perspicaz, a pergunta sobre o ‘porquê’ do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução

ao problema» (*Salvifici Doloris* n.º 12). A resposta encontramos-la em Jesus. Mas no fim a sua fé em Deus permanece ainda que a sua situação de sofrimento se mantenha. Antes sentia Deus. Agora vê-O:

«Job respondeu ao Senhor e disse: Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido? De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: “Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e tu me responderás”. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos. Por isso retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e cinza» (Jb 42,1-6).

No fim do Livro de Job, Deus não deixa de fazer justiça a este pobre sofredor. A confiança de Job em Deus, apesar das lutas interiores, não é resignação mas abertura ao mistério que nos surpreende e nos supera. Ele pode ser para nós modelo inspirador de paz na tempestade da vida, de uma consciência em paz. «A paz e o bem-estar de Job são esta consciência pacificada. Aquela certeza que sustenta cada crente, mesmo quando apenas vê dor e não encontra nenhuma resposta, como na maior parte dos casos»⁸.

2.2.2. Novo Testamento

O Novo Testamento, centrado na pessoa de Jesus, colhe uma nova sensibilidade que o Mestre da Galileia anuncia na sinagoga de Nazaré:

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a redenção aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19).

7 Luciano Caro, in *Salute malattia e morte nelle grandi religioni*, Ed. Camilliane, Torino, 2002, p. 21 (tradução nossa).

8 Bruno Moriconi, *Giobbe il peso della sofferenza, la forza della fede*, Ed. Camilliane, Torino 2001, 108 (tradução nossa).

É um programa de toda uma vida que Jesus partilha com os seus primeiros discípulos; um estilo de ser que tem como prioridade a pessoa humana, mais do que o cumprimento da Lei. Por causa desta nova centralidade, Jesus era mal visto pelos fariseus e saduceus. Não que Jesus estivesse contra a Lei, mas porque veio dar-lhe pleno cumprimento. Até ao fim, na Última Ceia, Jesus mostra a centralidade do serviço a quem precisa, lavando os pés aos discípulos e deixando o exemplo para que o façamos nós também (Jo 13, 12-17).

Há quem afirme que resta muito pouco dos Evangelhos se lhes retirarmos a ação de Jesus em favor dos doentes, dos pobres, dos últimos. Jesus ousava ir às *periferias da humanidade* para resgatar a ovelha perdida. A título de exemplo basta ver que logo no primeiro capítulo do relato evangélico de Marcos encontramos a cura de um possesso na sinagoga de Cafarnaum, a cura da sogra de Simão e a cura de um leproso, abrindo o capítulo segundo com a cura de um paralítico. Mas não pensemos que Jesus fosse um curandeiro ambulante. Os milagres que Jesus realizou são *sinais* de uma cura mais profunda e expressão do amor de Deus por nós: a libertação definitiva do pecado, do mal e da morte através do seu Mistério Pascal. A este propósito bem nos recorda São João Paulo II:

«O homem “perece”, quando perde a “vida eterna”. O contrário da salvação não é, pois, somente o sofrimento temporal, qualquer sofrimento, mas o sofrimento definitivo: a perda da vida eterna, o ser repellido por Deus, a condenação. O Filho unigénito foi dado à humanidade para proteger o homem, antes de mais nada, deste mal definitivo e do *sofrimento definitivo*. Na sua missão salvífica, portanto, o Filho deve atingir o mal nas suas próprias raízes transcendentais, a partir das quais se desenvolve na história do homem. Estas raízes transcendentais do mal estão pegadas ao pecado e à morte: elas estão, de facto, na base da perda da vida eterna. A missão do Filho Unigénito consiste em *vencer o pecado e a morte*. E Ele vence o pecado com a sua obediência até à morte, e vence a morte com a sua ressurreição» (SD 14).

Pela sua descrição e amplitude, a parábola do Bom Samaritano é um verdadeiro ícone à caridade. Diante de quem sofre, a prioridade é cuidar, é aproximar-se, é deixar-se comover até às lágrimas, fazendo de quem sofre o nosso próximo. O sofrimento não se explica nem se justifica. Devemos ser companhia e alívio do que sofre, devemos ser o rosto de um Deus próximo que a todos ama, ao ponto de dar a vida por cada um de nós.

As referências a Maria no Novo Testamento não são muitas, mas são essenciais. Maria está presente nos momentos decisivos da vida de Jesus: de Belém ao Calvário.

2.2.2.1. Propõe-se a leitura do texto Jo19, 25- 27:

«Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à Mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!”. E desde aquela hora, acolheu-a como sua».

2.2.2.2. Alguns pontos de reflexão:

- «junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe...»

Podemos definir a vida de Nossa Senhora em três atitudes que abarcam toda a sua existência: **Fiat**, **Magnificat** e **Stabat**.

Fiat: Maria, no seu sim dito ao Arcanjo Gabriel, aceita a vontade do Senhor Deus de Israel sobre a sua pessoa. É um sim fiel, que será repetido em cada dia da sua vida no íntimo do seu coração. Não entende todas as coisas, mas confia N’Aquele que para si olhou com desígnios de misericórdia. O amor é fiel e, por isso, para sempre. Deus não desilude e Maria ensina-nos a confiar.

Magnificat: Maria é uma mulher agradecida. N’Ela Deus fez grandes coisas. Na sua humildade canta louvores ao Senhor porque ao longo da História da Salvação jamais deixou de olhar para o seu povo. De geração em geração foi chamando homens e mulheres que, na fidelidade, colabo-

raram na obra da salvação. De entre todos, Maria recebe uma missão especial: ser a mãe do Salvador. Por ela se cumprem os tempos. Maria louva o Senhor e convida-nos a reconhecer e a agradecer as maravilhas que Deus faz em nós.

Stabat Mater: Maria é a mulher resistente. Maria está de pé, apesar da dor que lhe esmaga o coração: a morte do seu único filho. Haverá dor maior no mundo que a perda de um filho? E Maria ali está. Não desiste. De pé, símbolo de quem não desiste. É a mulher que permanece até à cruz. Não foge, não se esconde, não se deixa abater. Confiou e confia no amor de Deus que não abandona aqueles que O Amam. Maria convida-nos a permanecer, a resistir, a confiar mesmo contra toda a esperança.

- «Mulher, eis o teu filho!»

Não se encontra nas várias línguas um vocábulo adequado para definir um pai ou uma mãe que perde um filho. Sinal de que é algo tão difícil de gerir interiormente que nem há palavras para descrever essa realidade. Na cultura hebraica, particularmente para a mulher, ficar em estado de viuvez e sem filhos era sinónimo de uma grande fragilidade e ser-se sujeito a abusos vários. Jesus, na cruz, entrega a Maria o seu discípulo João como filho. Maria não é apenas mãe de Jesus mas mãe da Igreja (*Lumen Gentium*, cap. VIII); mãe da Cabeça e do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja. Na cruz de seu filho Maria alarga a sua maternidade; velará por cada um como por Jesus. E como Mãe intui o que mais precisamos, ainda antes de lho dizermos. Acolher a imagem peregrina de Fátima é uma ocasião para mostrarmos todo o nosso afeto por aquela que nunca nos esquece e nos ampara nos seus braços com ternura.

- «“Eis a tua mãe!” E desde aquela hora, acolheu-a como sua.»

João, o discípulo amado, recebe Maria como sua, isto é, em sua casa, no seu coração. Ela é a *Nova Eva*, mãe de uma nova humanidade

redimida pelo sangue de seu filho Jesus. Que nos diz sermos filhos de Maria? Que esperança podemos ter nela? Maria continua hoje a dizer-nos: «Fazei tudo o que ele vos disser» (Jo 2, 5); a dirigir-nos um olhar que nos traz paz, que aquieta a nossa alma. «Não tenhais medo. Eu não vos faço mal»⁹. São estas as primeiras palavras que Nossa Senhora dirige aos pastorinhos em Fátima. Acolher a imagem peregrina de Fátima na nossa Diocese é acolher o convite de Jesus a João: recebermos Maria na nossa vida, na nossa casa. Ela, como esteve junto à cruz de seu filho e não teve medo, não tem medo das nossas cruces, das nossas dores, das nossas angústias. A sua obra é clara: «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto da Cruz, até à consumação perpétua de todos os eleitos. De facto, depois de elevada aos céus, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna (...) Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e medianeira» (CIC 969). Saibamos, pois, ajudar aqueles que sofrem a encontrar em Maria um regaço de alívio, de ternura e de paz que a presença da sua imagem nos convida a viver.

Ideia síntese: A doença e o sofrimento não são castigos de Deus; são fruto da nossa fragilidade humana, em muitas ocasiões fruto de escolhas pessoais que têm as suas consequências mais cedo ou mais tarde. A mensagem de Fátima, pela mão da Irmã Lúcia, ensina-nos a orientar esse sofrimento: não se trata de sofrer para nada, mas sim de saber oferecer esse sofrimento para um bem.

«A Mensagem pede que ofereçamos a Deus, de tudo o que pudermos, um sacrifício: “De tudo o que puderdes, ofereci um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica

9 Irmã Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia*, 15.ª ed., Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2011, 173.

pela conversão dos pecadores” (palavras do Anjo). Podem ser sacrifícios de bens espirituais, intelectuais, morais, físicos e materiais; segundo os momentos, teremos ocasião de oferecer ora uns ora outros. O que importa é que estejamos dispostos a aproveitar as ocasiões que se nos deparam»¹⁰.

São João Paulo II no final da sua Carta Apostólica já referida, em conclusão, afirma:

«Estas palavras sobre o amor, sobre os atos de caridade relacionados com o sofrimento humano, permitem-nos descobrir, uma vez mais, por detrás de *todos os sofrimentos humanos, o próprio sofrimento redentor de Cristo*. O mesmo Cristo diz: “A mim o fizestes”. É Ele próprio quem, em cada um, experimenta o amor; é Ele próprio quem recebe ajuda, quando ela é prestada a quem quer que sofra, sem exceção. Ele próprio está presente em quem sofre, pois o seu sofrimento salvífico foi aberto de uma vez para sempre a todo o sofrimento humano. E todos os que sofrem foram chamados, de uma vez para sempre, a tornarem-se participantes “dos sofrimentos de Cristo”. Assim como todos foram chamados a “completar” com o próprio sofrimento “o que falta aos sofrimentos de Cristo”. Cristo ensinou o homem a *fazer bem com o sofrimento* e, ao mesmo tempo, a *fazer bem a quem sofre*. Sob este duplo aspeto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento» (SD n.º 30).

E deixa um convite a quem sofre, do qual os MEC podem ser portadores: «E pedimos a todos vós *que sofreis*, que nos ajudeis. Precisamente a vós, que sois fracos, pedimos que *vos torneis uma fonte de força* para a Igreja e para a humanidade. Na terrível luta entre as forças do bem e do mal, de que o nosso mundo contemporâneo nos oferece o espetáculo, que vença o vosso sofrimento em união com a Cruz de Cristo!» (SD 31).

¹⁰ Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, *Apelos da Mensagem de Fátima*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2000, 89-90.

2.3. Expressão de Fé

2.3.1. Cântico: Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.

Louva, minha alma o Senhor
Louvarei o Senhor toda a minha vida.

Feliz o que tem por auxílio o Deus de Jacob,
o que põe a sua confiança no Senhor, seu Deus,
que fez o céu e a terra,
o mar e quantos neles existe.

Eternamente fiel à sua palavra
Faz justiça aos oprimidos
E dá pão aos que têm fome.

2.3.2. Proposta de alguns textos que podem servir para o momento de oração:

- De Tonino Bello, bispo de Molfetta (Itália) falecido em 1993, vítima de doença cancerosa. Um pastor luminoso, cujo processo de beatificação está em curso:

«E a vossa tristeza se tornará em alegria.

E agora, para que o nosso lamento se transforme em dança, quero dizer-vos ainda: não devemos envergonhar-nos da nossa doença. Não é algo para manter escondido. Não é um tabú.

É aquela parte do nosso bilhete de identidade que nos faz assemelharmo-nos mais a Jesus Cristo. Como podemos mantê-la escondida? É um bilhete de reconhecimento incrível. Extraordinário. Não devemos envergonhar-nos da nossa doença. Nisto devemos ser orgulhosos.

E devemos lutar contra a doença. Devemos lutar. Nunca nos devemos resignar. Nunca nos devemos resignar, como Jesus nunca se resignou.

Jesus e Maria nunca foram pessoas resignadas; combateram sempre até ao fim. E também para nós devemos ter a mesma coragem. “Se sabemos lutar de pé devemos saber lutar também de joelhos”, dizia Séneca a um gladiador.

A todos vós digo: coragem.

O Senhor Jesus está connosco. Tantos amigos estão connosco. Querem-nos bem.

Não tenhamos medo da solidão! Porque no mundo ainda não desapareceu a boa raiz das almas generosas... A doença não é fruto dos nossos pecados pessoais. Porque o Senhor não dá o sofrimento e a dor segundo os méritos ou deméritos de uma pessoa. Tudo o que tenha a ver com o sofrimento é um mistério que nos transcende e vai para além de nós¹¹.»

- A oração de um doente:

«Ó Senhor,
a doença bateu à porta da minha vida,
e me *transplantou* a um *outro mundo*,
o mundo dos doentes.
Uma experiência dura, Senhor,
uma realidade difícil de aceitar.

Contudo, Senhor, agradeço-te precisamente por esta doença:
fez-me tocar com a mão a fragilidade e a precariedade da vida,
libertou-me de tantas ilusões.

11 Tonino Bello, *Coraggio! Lettera agli ammalati*, Ed. La Meridiana, Lecce 2012, 21-22 (tradução nossa).

Agora olho tudo com um olhar diferente:
aquilo que tenho e que sou não me pertence, é um dom teu.
Descobri o que quer dizer *depende*,
ter necessidade de tudo e de todos,
não poder fazer nada sozinho.
Experimentei a solidão, a angústia, o desespero,
mas também o afeto, o amor, a amizade de tantas pessoas.

Senhor, ainda que me seja difícil, digo-te:
seja feita a tua vontade!
Ofereço-te os meus sofrimentos e uno-os aos de Cristo.
Peço-te: abençoa as pessoas que me assistem
e aqueles que sofrem comigo¹².»

- Palavras dirigidas aos doentes na Peregrinação de 13 de outubro de 1992, no Santuário de Fátima:

«Querida irmã doente
Querido irmão doente

O sofrimento é algo de essencial à natureza humana. Algo de tão profundo e tão misterioso como o homem, que se situa no plano da transcendência. Só Deus pode iluminar o mistério do homem, como só Ele pode iluminar o mistério do seu sofrimento.

Para a maior parte das pessoas a dor, o sofrimento são realidades verdadeiramente dramáticas, fatalidades, enigmas, impenetráveis à luz. Para os irmãos doentes que não receberam ou acolheram o dom da fé, imploro com toda a minha alma: Senhor, dai-lhes a fé, aumentai-lhes a fé, para que na escuridão brilhe a luz...

12 AA.VV., *Dio è amore ma può soffrire? Deus caritas est, ovvero il pathos de carità*, Ed. Camilliane, Torino 2008, 2007 (tradução nossa).

Então, meu irmão doente, o sofrimento entra numa nova ordem: a ordem do amor. Pelo teu sofrimento, unido ao sofrimento de Cristo na cruz, és, por meio dele, redentor dos homens. E, por outro lado, cresce em ti o amor de Deus e o amor dos homens. E o sofrimento torna-se Boa Nova de salvação.

Aí onde te encontras és o melhor obreiro da *civilização do amor!* Contempla o teu crucifixo e o teu olhar torna-se luminoso. Contempla Maria, Mãe Dolorosa, Mãe do Amor Formoso e o teu coração estará mais perto do coração da tua Mãe. E chegarás a compreender que S. Paulo exulte de alegria, mergulhado em tribulações. Sentirás crescer em ti o amor, prova de que Deus está contigo, porque Deus é amor¹³».

2.3.3. Se for útil proponha-se uma pequena partilha, partindo do(s) texto(s) lido(s) com alguns tópicos:

- Como ajudar a pessoa doente a celebrar o amor de Deus que se faz próximo;
- De que modo a presença da Imagem Peregrina de Fátima na diocese pode ser um fator de Nova Evangelização;
- Colher do exemplo de vida dos pastorinhos um modelo inspirador;
- Realçar a Aparição de Nossa Senhora em Fátima como um sinal visível da misericórdia de Deus pela humanidade.

2.3.4. Cântico:

1. Com minha Mãe estarei na santa glória um dia:
Junto à Virgem Maria, no Céu triunfarei.

No Céu, no Céu, com minha Mãe estarei.

No Céu, no Céu, com minha Mãe estarei.

2. Com minha Mãe estarei em seu colo materno,
Em seu coração terno, sem fim descansarei.

COMUNHÃO LEVADA AOS DOENTES

/ Celebração

(Seguimos as orientações do Ritual Romano para a Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da missa, segunda edição típica, 1995, particularmente as que se referem os números 54 a 63).

Ritos iniciais

M. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

T. Ámen.

M. Paz a esta casa e a todos os que nela habitam.

T. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

(Em seguida, o ministro depõe o Santíssimo Sacramento sobre a mesa e adora-O juntamente com as pessoas presentes. Depois de alguns momentos em silêncio adorante, o ministro convida o doente e as pessoas presentes ao ato penitencial dizendo):

M. Irmãos, como sabemos, no contexto do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, a Imagem da Virgem Peregrina encontra-se em visita às Dioceses de Portugal. Está agora na nossa Diocese. Um dos apelos de Maria na Cova da Iria foi de conversão e penitência. Para participarmos dignamente nesta celebração, reconheçamos que somos pecadores.

(Faz-se uma breve pausa em silêncio. Depois, o ministro, ou outro dos presentes, diz as seguintes invocações, terminando sempre com Senhor, tende piedade de nós).

13 Alberto Cosme do Amaral, *A palavra ao doente*, Ed. Rei dos Livros, Viseu 1996, 92-94.

Senhor, filho de Maria, que vos compadeceis de nós, pobres pecadores, Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

M. Cristo, filho de Maria, que nos chamais continuamente à conversão,

Cristo, tende piedade de nós.

T. Cristo, tende piedade de nós.

M. Senhor, filho de Maria, que nos tornais participantes do sacrifício pascal pela comunhão do vosso Corpo, Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

M. Deus Todo Poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

T. Ámen.

Leitura da Palavra de Deus

Leitura do Santo Evangelho segundo São João (Jo 6, 41-51)

Naquele tempo, os judeus murmuravam de Jesus, por Ele ter dito: «Eu sou o pão que desceu do Céu». E diziam: «Não é Ele Jesus, o filho de José? Não conhecemos o seu pai e a sua mãe? Como é que Ele diz agora: “Eu descí do Céu”». Jesus respondeu-lhes: «Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, não o trouxer; e eu ressuscitá-lo-ei no último dia. Está escrito no livro dos Profetas: “serão todos instruídos por Deus”. Todo aquele que ouve o Pai e recebe o seu ensino vem a Mim. Não porque alguém tenha visto o Pai; só Aquele que vem de junto de Deus viu o Pai. Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. No deserto, os vossos pais comeram o Maná e morreram. Mas este pão é o que desce do Céu

para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu hei de dar é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo».

Palavra da Salvação

(Se as condições o permitirem, pode fazer-se uma breve meditação, realçando alguns aspetos: Jesus, Pão da vida; a promessa da vida eterna; a referência à família de Jesus (na última aparição de Nossa Senhora em Fátima, em 13 de outubro de 1917, aparece também Jesus e S. José abençoando o mundo); o amor de Jesus pela humanidade, dando a sua própria vida por nós).

Oração dos Fiéis

M. Irmãos, nesta ocasião em que a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima visita a nossa Diocese, elevemos as nossas orações ao Senhor, por meio de Maria, dizendo:

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

Senhor, que em Maria nos destes uma mãe e um exemplo, ajudai-nos a viver na humildade e na confiança os momentos de prova, de doença e de dor. Oremos

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

Senhor, nós Vos pedimos que, a exemplo dos pastorinhos, particularmente da Jacinta, nos ajudeis a oferecer o nosso sofrimento pela conversão dos pecadores, para louvor do Coração Imaculado de Maria, pelo bem da Igreja e pelo Santo Padre Francisco. Oremos.

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

Senhor, nós Vos pedimos que, como ao cego Bartimeu, nos cureis das nossas cegueiras para que, à luz da fé, possamos guiar toda a nossa vida pelo bem e evitar o mal. Oremos.

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

Senhor, que, na Cova da Iria, nos recordastes através de Maria a importância da oração e do sacrifício para acolhermos o dom da Vossa misericórdia, nós Vos pedimos que aceiteis os nossos sacrifícios por aqueles que ainda não Vos amam e também pelo crescimento espiritual da nossa diocese. Oremos

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

Senhor, que nos quereis a todos reunir no Banquete Celeste no fim da nossa vida terrena, aceitai os nossos humildes sacrifícios que oferecemos, como nos ensinou Maria em Fátima, por aqueles que se encontram em Purgatório e mais precisam. Oremos.

T. *Faça-se em mim segundo a vossa vontade*

M. Nossa Senhora, em Fátima, prometeu aos pastorinhos que a graça de Deus jamais os abandonaria. Nesta confiança filial, rezemos a oração que Jesus nos ensinou:

*Pai nosso, que estais no céus,
Santificado seja o vosso nome;
Venha a nós o vosso reino;
Seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.*

*O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
Perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal. **Ámen***

(Em seguida, o ministro, mostrando o Santíssimo Sacramento, diz):

M. Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

T. Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas disse uma palavra e serei salvo.

(O ministro aproxima-se do doente, apresenta-lhe o Sacramento e diz):

M. O Corpo de Cristo.
(O doente responde:) **Ámen.**

(As outras pessoas presentes que queiram comungar recebem o Sacramento de modo habitual. Terminada a distribuição da comunhão, o ministro faz a purificação. A seguir, depois de um breve silêncio, diz:)

M. Como o Anjo da Paz ensinou aos pastorinhos, digamos nós também:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam. (3x)

Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade, de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infi-

ritos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.

Senhor, Pai Santo,
Deus eterno e onipotente,
nós Vos pedimos cheios de confiança,
que o Santíssimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso
Filho,
que este nosso irmão doente recebeu,
seja remédio de vida eterna
para o seu corpo e para sua alma
e possa, com Maria e todos os santos, no final da vida,
participar no Banquete das Núpcias do Cordeiro.

Ritos de Conclusão

(Em seguida, o ministro, invocando a bênção de Deus e fazendo sobre si mesmo o sinal da cruz, diz):

M. O Senhor onipotente e misericordioso,
Pai, Filho e Espírito Santo,
Nos abençoe e nos guarde para sempre.

Ámen.

ROSÁRIO

/ Introdução

Contemplamos o Mistério, primeiro e definitivo, do Deus que se faz homem para resgatar o homem para Deus. Na oração do Rosário, ao ritmo do coração cheio de graça de Maria, somos conduzidos à vida do fruto bendito do seu ventre, Jesus. Somos desafiados pelo imperativo da alegria com que o Anjo saúda a Virgem: *Alegra-te Maria, cheia de graça*, porque Deus está presente, porque ele fez morada entre nós. Cada *Ave-Maria* que entoamos faz memória de que somos criados para a alegria da vida em Deus. A promessa da morada de Deus entre os homens, concretizada em Jesus, é o motivo da festa que nos congrega. A oração do Rosário é oração que celebra a alegria do Deus que nos resgata para a alegria.

Em Fátima há um convite constante à alegria. A Senhora do Rosário não se cansará de pedir aos pastorinhos que «rezem o terço todos os dias». A insistência da Senhora do Rosário de Fátima nesta oração não é sem razão. O rosto bíblico de Deus que Fátima recorda é o de um Deus com entranhas de misericórdia (Jer 4,19), que vem ao encontro do homem, sedento de o resgatar para a alegria plena. Somos ali recordados do Deus da Glória, Pai, Filho e Espírito Santo, que tem desígnios de misericórdia para com cada mulher e cada homem. A oração do Rosário centra-nos nessa promessa definitiva do triunfo da Misericórdia que a

vida de Cristo veio inaugurar; porque ele está presente; porque ele fez morada entre nós.

O Rosário educa-nos na humildade da fé, ao estilo dessa mulher única que, com o seu *fiat*, fez da sua vida dom, e que conservava cada gesto, cada palavra de Jesus, «ponderando-os no seu coração» (cf. Lc 2,19). Meditar os mistérios da vida de Cristo, ao jeito simples da Senhora da alegria, é deixar-se habitar pela presença do Deus incarnado, tal como ela. O Rosário não será outra coisa que esse jeito contemplativo de, como Maria, guardar no coração as feições do fruto bendito do seu ventre, Jesus.

ROSÁRIO / Celebração

MISTÉRIOS DA ALEGRIA

I. A anunciação à Virgem Maria

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,26-31)

O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.»

Parte de Deus a iniciativa do encontro com os homens, fazendo-se homem no seio de Maria. Deus faz-se dom oferecido ao homem por amor. É essa a dinâmica da vida cristã, em que tudo é graça. Foi Deus quem nos amou primeiro e é nesse amor primordial que se fundamenta a vida e a vocação do crente. Ao jeito de Maria. Na Anunciação, o *fiat* da menina judia assume todas as expectativas do seu povo: «faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). Abrindo-se ao dom que nela incarna, Maria de Nazaré afirma a presença de Deus na vida dos homens e das mulheres do seu tempo, e configura-se com o projeto do Criador. Ela é modelo do crente que permanece fiel a Deus, na escuta atenta, no cuidado ao próximo, na intimidade da prece.

Em Fátima, durante a primeira aparição, a Virgem Mãe convida os Pastorinhos ao mesmo *fiat* com que ela mesma acolhera os desígnios de Deus: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos [...] em ato de reparação?» A resposta dos Pastorinhos é de disponibilidade para acolher a vontade de Deus: «Sim, queremos!» Guiados pela Virgem, os Pastorinhos aprendem a dar-se por amor, em resposta ao amor primeiro do Deus que toma a iniciativa do encontro.

Virgem do *fiat*,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós junto do Pai,
para que aprendamos a escutar a vontade de Deus
com disponibilidade para responder convosco:
faça-se em mim segundo a tua palavra.

II. A visita da Virgem Maria a sua prima Isabel

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,39-42)

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.»

Maria faz caminho ao encontro da humanidade fragilizada. Em si leva o fruto do seu ventre, Jesus, sinal de esperança e promessa de salvação. Assim foi no ditoso encontro com sua prima Isabel que, ao ver a Mãe do seu Senhor a proclama feliz, cheia da graça de Deus. Solícita, a Virgem Mãe faz-se próxima de quem mais necessita. Fiel à sua missão, é o

Verbo de Deus quem ela leva ao encontro dos homens e das mulheres de todos os tempos, a Palavra do Deus da Promessa, do Deus que «acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre» (Lc 1,54-55). A Senhora do *magnificat* é bendita porque, cheia da graça de Deus, se faz próxima de quantos necessitam de uma palavra de esperança.

Fátima contém também este convite à solicitude, a uma vida feita dom em prol dos outros, a uma vida transfigurada pelo amor. Os pastorinhos dão expressão a este espírito sacrificial na simplicidade das suas vidas. Nas suas *Memórias*, Lúcia relata que «havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir... A Jacinta ao vê-los, disse-nos: ‘Dêmos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores?’ E correu a levar-lha».

Virgem do *magnificat*,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós junto do Pai,
para que saibamos perscrutar a necessidade de quem nos rodeia
e aprendamos a solicitude, a generosidade, e a ação de graças.

III. O nascimento de Jesus em Belém

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,39-42)

Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.» Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura.

Eis que Deus «se tornou semelhante aos homens» (Fl 2,7) em Jesus, «imagem do Deus invisível» (Col 1,15). O Deus que vem e se faz dom

estava já no horizonte da nossa espera, mas supera a nossa expectativa e alimenta a nossa esperança. Porque o Filho revela-se como Palavra da misericórdia de Deus, de um Deus atento à nossa história e que nos acolhe como filhos no Filho. Em Belém, somos convidados à alegria, porque no Deus incarnado se renova a promessa de uma criação nova, de «uma Jerusalém cheia de alegria e um povo cheio de entusiasmo» (Is 65,18). É «o coração misericordioso do nosso Deus que das alturas nos visita como sol nascente» (Lc 1,78) e nos convoca à misericórdia, ao dom e à alegria.

Também em Fátima somos recordados dos «desígnios de misericórdia» do Deus que nos visita. Já nas aparições do Anjo da Paz, os pastores são recordados de que os desígnios que os Corações de Jesus e Maria têm sobre eles são «desígnios de misericórdia», de um amor solícito, cheio de esperança e que se dá como perdão. A misericórdia de Deus – somos recordados em Fátima – é a revelação do próprio Deus, que é amor (1 Jo 4,8), e que alimenta o desejo de a todos reunir no seu redil.

Virgem da alegria,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que saibamos acolher o dom da misericórdia nas nossas vidas com a alegria da fé.

IV. A apresentação de Jesus no Templo

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 2,21-22.25-26.34-35)
Quando se completaram os oito dias, para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno. Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para

o apresentarem ao Senhor. Ora, vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel. O Espírito Santo estava nele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição. Uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações.»

Seguindo o costume de Israel, Jesus é apresentado, no Templo. Colocado diante de Deus, como membro do seu povo, o Filho é consagrado ao Pai. Neste gesto ritual entreve-se já a vida toda de Jesus, centralizada em Deus, consagrada à sua missão. Ao contemplar o menino-Deus apresentado no Templo por seus pais para o dedicar a Deus, somos recordados de que a filiação adotiva que por ele recebemos nos consagra e nos apresenta diante de todos como memória viva da intenção salvífica de Deus para com os homens. E ser sinal da presença de Deus é, como indica o velho Simeão, ser, como Jesus, sinal de contradição. Porque a luz de Deus que se oferece a todos é, por uns, aceite e, por outros, rejeitada.

A Virgem da apresentação continua a indicar-nos a presença misericordiosa do seu Filho. Em Fátima, a presença de Deus manifesta-se por uma luz bela que oferece ao mundo a esperança da promessa do triunfo do coração. Mas o Francisco entrevê que este Deus belo tem também feições de tristeza, porque se *comove* com os dramas da vida humana que rejeita o amor.

Virgem da apresentação,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,

para que saibamos contemplar a beleza da vida plena oferecida em Deus e a deixemos converter o nosso desamor.

V. A perda e encontro de Jesus no Templo

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 2,43.46-47)

Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas.

Jesus fica em Jerusalém sem que os pais o soubessem. Está no Templo, entre os doutores, e fala de Deus, na casa de seu Pai, sem que os seus pais o soubessem. Na verdade, Jesus não se perdera. Na cena do reencontro, o menino-Deus aponta para a sua missão de Filho: «não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» (Lc 2,49). Estar na casa do Pai, viver uma vida centrada em Deus, e compreender-se como Filho muito amado, é a vida de Jesus. Convidar-nos para a casa do Pai, a viver a partir de Deus, é a sua missão. Esse é o encontro fundamental: o encontro com Deus.

Fátima recorda constantemente o apelo a uma vida centrada em Deus, pela oração e pela oferta da vida a Deus em prol dos demais. O beato Francisco foi disto exemplo. Ninguém suspeitaria que uma criança fosse capaz de uma tal profundidade contemplativa, de uma vida assim unificada em Deus. Gostava de se encontrar a sós para “pensar em Deus”, e a sua felicidade maior era estar com o seu amigo, *Jesus escondido*, junto do sacrário da igreja paroquial.

Virgem do encontro,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que a nossa vida esteja centralizada em Deus.

MISTÉRIOS DA LUZ

I. O batismo de Jesus no Jordão

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 3,16-17)

Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado.»

Batizado por João, Jesus emerge das águas do Jordão sendo anunciado como Filho muito amado do Pai. O servo de Yahwé, que a profecia de Isaías cantou, é agora o Filho eleito e bem-amado, sobre quem o Pai fez «repousar o [seu] espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça» (Is 42,1). O batismo sela o início da missão de Jesus: o Espírito está sobre Ele para que se comprometa com a transformação da história humana, para que se empenhe na conversão da vida de cada mulher, de cada homem.

Também em Fátima somos desafiados a participar da missão de Jesus, a missão de reunir todas as ovelhas perdidas no redil do Pai. E o amor do Pai misericordioso é-nos confirmado pela presença da Virgem, cujo coração cheio da graça de Deus triunfará.

Virgem missionária,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que, convocados a participar na missão redentora de Cristo,
nos comprometamos com a conversão das nossas vidas e das
vidas dos demais.

II. A revelação de Jesus nas Bodas de Caná

Do Evangelho segundo São João (Jo 2,3-8)

Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.» Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.» Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.»

Caná marca o começo da revelação de Jesus, do anúncio da chegada do Reino, simbolicamente aludido na abundante transformação de água em vinho. As duas palavras pronunciadas por Maria, nesta cena, evocam a confiança persistente de uma discípula de Jesus. A primeira dessas palavras é dirigida ao Filho de Deus, com o cuidado e a atenção de quem intercede pelos outros: *Não têm vinho!* A segunda é uma palavra dirigida aos homens, com a certeza e a paz de quem sabe em quem pôs a sua confiança: *Fazei o que Ele vos disser!* Maria inaugura, em Caná, um estilo crente de seguir Jesus: diante de Deus, faz-se intercessora atenta dos homens; diante dos homens, recorda a confiança inabalável na presença de Deus.

Em Fátima, a Virgem Mãe convida os pastorinhos – e, com eles, cada um de nós – a uma vida ao jeito de Caná: a interceder junto de Deus pelos que mais necessitam, e a anunciar a presença misericordiosa de Deus entre os homens.

Virgem da intercessão,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que aprendamos a viver ao jeito de Caná,
intercedendo pelos irmãos diante de Deus e testemunhando a
presença de Deus entre nós.

III. O anúncio do Reino de Deus

Do Evangelho segundo São Marcos (Mc 1,14-15)

Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho.»

O anúncio do Reino é proposta de uma vida bem-aventurada, como Jesus sugere no seu sermão da montanha. São felizes todos os que colocam a Deus no centro das suas vidas, porque não mais se moverão por dinamismos de egoísmo, mas tornar-se-ão, com uma multidão de crentes, herdeiros de um Reino onde todos são acolhidos e onde impera a lei do amor. É este o Reino que o Cristo anuncia. Acreditar no Evangelho, na boa-notícia desse Reino que está iminente e que já chegou, é converter-se a esta vida centrada em Deus e conformada com o jeito de Cristo e é comprometer-se com a evangelização.

Também em Fátima, a Senhora do Rosário convida à conversão e ao compromisso. Os pastorinhos são, desde logo, levados a verem-se a si mesmos à luz de Deus, a descobrirem o que são chamados a ser. E esta visão de si mesmos em Deus ganha a força de um impulso evangélico e missionário. É por isso que escutamos Jacinta exclamar: «Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimarme e a fazerme gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria».

Virgem bem-aventurada,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que a nossa vida se converta e renove
no compromisso com as bem-aventuranças do Reino.

IV. A transfiguração de Jesus no Monte Tabor

Do Evangelho segundo São Marcos (Mc 9,2-4.7)

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles. As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim. Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés, e ambos falavam com Ele. Formou-se, então, uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e da nuvem fez-se ouvir uma voz: «Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.»

À luz da transfiguração, os discípulos são confirmados na fé em Cristo, o Filho de Deus, síntese da Lei – prefigurada em Moisés – e da Profecia – prefigurada em Elias. Será esta luz, definitivamente confirmada na Ressurreição, que alimentará a vida dos discípulos e da Igreja

nascente. Perante a transfiguração do Filho amado, aquele que o Pai, uma vez mais, nos recorda ser o seu eleito, aquele a quem devemos escutar, os discípulos de Jesus «guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto» (Lc 9,36). Na sua intimidade fermenta a fé, a esperança e a caridade que deverão dar fruto na vida de muitos.

Em Fátima, a luz de Deus é-nos oferecida pelas mãos da Senhora do Rosário. Essa experiência inefável há de alimentar a vida dos pastorinhos, como nos narra Lúcia a respeito de Francisco: «O que mais impressionava ou absorvia [o Francisco] era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois dizia: “Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer! Mas que pena estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...”».

Virgem da luz,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que, contemplando a luz da Palavra de Deus,
a deixemos fermentar na intimidade da oração e dar fruto de
compromisso com a vida dos demais.

V. A instituição da Eucaristia

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 26,26-28)

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo.» Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados.

No pão partido e no sangue partilhado se faz memorial do Dom salvífico, do sacrifício de Cristo que dá vida em abundância. Ali é oferecida a medida do mandamento do amor até ao extremo: «como eu fiz, fazei também» (Jo 13,1-17). O memorial eucarístico recorda-nos que somos resgatados em Cristo, santificados por Ele, e compromete-nos com um estilo de vida eucarístico, um jeito de entregar a vida como dom para os demais, no seguimento de Jesus.

Em Fátima, somos recordados de que o coração compassivo de Deus se faz dom para o seu povo. Os pastorinhos são introduzidos, pelo Anjo da Paz, ao banquete eucarístico, memorial da presença salvífica de Deus para a humanidade. O Anjo convoca-os a oferecerem as suas vidas em prol dos irmãos, a viverem uma vida eucarística. Com os pastorinhos, também nós somos desafiados a oferecermos as nossas vidas nas mãos de Deus em prol dos irmãos.

Virgem do dom eucarístico,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que, comungando da celebração eucarística,
sejamos conduzidos a uma vida pautada pelo sacrifício redentor.

MISTÉRIOS DA DOR

I. A oração de Jesus no Horto das Oliveiras

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 22,39.41-42)

Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras. E os discípulos seguiram também com Ele. Quando chegou ao local, disse-lhes: «Orai, para que não entreis em tentação.» Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.»

No Horto das Oliveiras, a missão de Jesus encontra o seu momento decisivo. Ele que indicara a vontade do Pai como seu alimento (Jo 4,34), Ele que vivera cumprindo essa vontade salvífica do Pai, deve agora levar o amor pelos seus até ao extremo (Jo 13,1). A narrativa do Evangelho deixa-nos entrever duas palavras de Jesus no jardim da sua tribulação: a primeira, dirigida aos discípulos, aponta a oração como alicerce de uma intimidade com Deus que permite discernir qualquer tentação egocêntrica – *Orai, para que não entreis em tentação*; a segunda, dirigida ao Pai que tanto ama, manifesta a oferta total da sua vida à vontade misericordiosa de Deus – *Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice, mas faça-se a tua vontade*. Fazer a vontade do Pai é deixar-se alimentar pela intimidade de uma relação de amizade com o próprio Deus e depor a vida toda nas suas mãos, intuindo profundamente que a sua vontade é o caminho que conduz à vida plena.

O apelo feito pela Virgem de Fátima aos pequenos pastores é de que ofereçam a sua vida ao cumprimento da vontade do Pai. Esse convite, que se estende a cada crente, faz eco da atitude a que Jesus continuamente nos desafia no Evangelho.

Virgem do discernimento,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
a fim de estarmos atentos e dispostos a discernir a vontade do Pai.

II. A flagelação de Jesus

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 27, 22-26)

Pilatos disse-lhes: «*Que hei-de fazer, então, de Jesus chamado Cristo?*» Todos responderam: «*Seja crucificado!*» Pilatos insistiu: «*Que mal fez Ele?*» Mas eles cada vez gritavam mais: «*Seja crucificado!*» Pilatos, vendo que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: «*Estou inocente deste sangue. Isso é convosco.*» E todo o povo respondeu: «*Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!*» Então, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado.

Jesus é entregue para ser flagelado, cumprindo-se o anunciado pelo profeta: «*ofereci as minhas costas ao que me feriam e as minhas faces aos que me arrancavam a barba; não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam*» (Is 50,6). O clamor do povo, que pede a sua crucifixão, revela que aquele que vive e anuncia um Reino construído na humildade através do dom de si será tido como sinal de contradição e desprezado pelo mundo. Por seu lado, o lavar das mãos de Pilatos, que o entrega para ser flagelado e crucificado, reflete que a atitude de quem não se compromete com a justiça e a verdade abre espaço a um caminho de sofrimento e iniquidade.

Fátima recorda que o Evangelho é sinal de contradição e que a Igreja, Corpo de Cristo, na medida em que seja fiel ao jeito do Filho de

Deus, continuará a sofrer a flagelação. A imagem do bispo de branco a percorrer a cidade em ruínas, na terceira parte do Segredo de Fátima, recorda que a via da injustiça e do descompromisso é um caminho dramático de autodestruição e negação de Deus.

Virgem das dores,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que sejamos incansáveis a trabalhar pela justiça e a paz.

III. A coroação de espinhos

Do Evangelho segundo São João (Jo 19,2-3)

Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura; e, aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!» E davam-lhe bofetadas.

O Cristo Rei é coroado com uma coroa de escarnio. Ao fazerem-no, os soldados, ainda que o não soubessem, coroam o Senhor de um Reino novo, de um Reino que não é deste mundo, mas que vem trazer a este mundo a esperança de uma vida plena e abundante (Jo 18,36). Ao coroarem Jesus com uma coroa de espinhos, os soldados apontam inconscientemente para a lógica desse reinado inaudito, que se constrói com o sacrifício de si, o amor até ao extremo, até à entrega da própria vida pelo bem dos homens.

A mensagem de Fátima faz memorial deste Reino de verdade e de vida plena ao qual se adere pelo dom da sua vida a Deus pelos demais. Os pastorinhos iluminam o caminho com a sua entrega, feita de oração e sacrifício, e de confiança no triunfo de Deus sobre os dramas do mundo.

Virgem serva do Rei,
 Senhora do Rosário de Fátima,
 rogai por nós junto do Pai,
 para que deixemos resplandecer no nosso rosto os traços do
 Reino dos Céus.

IV. Jesus, com a cruz às costas, a caminho do Calvário

Do Evangelho segundo São João (Jo 19,17)

*Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da
 Caveira, que em hebraico se diz Gólgota.*

O caminho do Calvário espelha o itinerário dramático da história humana que é igualmente o percurso da salvação oferecida por Deus. Jesus caminha por entre o desamor humano como quem se faz presença do amor incondicional e misericordioso do próprio Deus. O peso da cruz é paradoxalmente sinal de esperança, porque promessa de misericórdia perante a miséria humana.

Também em Fátima, a mensagem recorda o drama do itinerário humano, demasiadamente marcado pela miséria e pelo desamor, encerrando, nesta evocação, um convite à conversão. Mas a palavra definitiva pronunciada em Fátima é a da misericórdia de Deus oferecida como graça ao desamor humano.

Virgem do caminho,
 Senhora do Rosário de Fátima,
 rogai por nós junto do Pai,
 para que, acolhendo a presença de Cristo,
 sejamos convertidos ao seu caminho de amor.

V. A crucifixão e morte de Jesus

Do Evangelho segundo São João (Jo 19, 30.33-34)

Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. Vendo que Jesus já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água.

Jesus entrega o espírito nas mãos do Pai. Tudo está consumado neste dom definitivo. Embora a morte imprima tons de desânimo e dor, o escândalo da cruz há de tornar-se sinal da esperança do crente na herança de uma vida plena em comunhão com Deus. A cruz de morte do Filho cruza o limiar da vida dos bem-aventurados. Os crentes são adotados neste Filho, cujo peito trespassado oferece uma vida nova, um nascer de novo, e um jeito novo de ser: recebendo-se do outro e dando-se até ao extremo.

Em Fátima, somos recordados deste dom sublime de Deus, que não desiste dos seus desígnios de misericórdia para com a história humana. Na visão que encerra a mensagem, testemunhada por Lúcia em Tuy, é ainda o sinal da Cruz que ilumina toda a mensagem e se oferece como sua chave de leitura: o Mistério do Deus que se entrega, por *graça e misericórdia*, aos homens.

Virgem da misericórdia,
 Senhora do Rosário de Fátima,
 rogai por nós junto do Pai,
 para que, contemplando o sacrifício definitivo do Filho,
 sejamos transformados pela lógica do dom até ao extremo
 e vivamos em oferta total da nossa vida.

MISTÉRIOS DA GLÓRIA

I. A ressurreição de Jesus Cristo

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 28, 1-6)

Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro. Nisto, houve um grande terramoto: o anjo do Senhor, descendo do Céu, aproximou-se e removeu a pedra, sentando-se sobre ela. O seu aspecto era como o de um relâmpago; e a sua túnica, branca como a neve. Os guardas, com medo dele, puseram-se a tremer e ficaram como mortos. Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: «Não tendes medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde jazia.»

Eis a mensagem da ressurreição: *Não tendes medo*, o lugar vazio onde outrora jazia um morto é o selo de que a promessa de vida plena se concretizou em Cristo. *Não tendes medo*, aquele que entregou a sua vida toda ao Pai, por amor dos seus, até ao sacrifício definitivo, está vivo, como fora anunciado. *Não tendes medo*, derrotada a morte, é à vida nova que sois chamados, a uma força de vida que afasta o receio e a dúvida. A plenitude da vida em Cristo é aqui inaugurada e, nele, somos chamados à adoção divina.

Este convite a não temer é renovado, também em Fátima, por aquela que vive da glória do Ressuscitado. A Virgem é testemunha de que a presença de Deus afasta o medo, porque é garantia de vida em plenitude. Ela é também interlocutora de um convite divino, a que cada crente deixe converter o seu rosto pela luz gloriosa da ressurreição.

Virgem do Coração Imaculado,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que vivamos animados pela fé na ressurreição.

II. A ascensão de Jesus ao Céu

Do Livro dos Atos dos Apóstolos (At 1, 6-9)

Estavam todos reunidos, quando lhe perguntaram: «Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?» Respondeu-lhes: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo.» Dito isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos.

O Reino de Jesus não é instaurado pela força, como esperavam os discípulos. O Reino da vida bem-aventurada é alimentado pela força do Espírito Santo a atuar em cada crente e fazendo de cada um testemunha da presença de Cristo, fermento que leveda a massa do mundo, sal e luz para a terra inteira. É pelo testemunho de vida que o Reino de Deus chegará aos confins do mundo.

A Virgem Maria é também enviada. Em Fátima, ela é testemunha da presença de Cristo, oferecendo o seu Coração sem mácula como reflexo da verdade e da beleza do amor de Deus. Porque é enviada, a Senhora de Fátima oferece uma mensagem que não é sua, mas daquele que a enviou, o próprio Deus. E, na medida em que acolhemos essa mensagem de esperança que ecoa a proposta do Evangelho de Cristo, somos constituídos, também nós, testemunhas da presença de Deus.

Virgem missionaria,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que, acolhendo a força do Espírito,
sejamos feitos testemunhas do vosso Filho, Jesus Cristo.

III. A vinda do Espírito Santo

Do Livro dos Atos dos Apóstolos (At 2, 1-4)

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo.

Depois da paixão, ressurreição e ascensão de Jesus, os discípulos fecham-se sobre si mesmos, abalados pela ausência do Mestre e pelo medo de que a mensagem de vida que custodiavam atraísse sobre eles o desprezo dos poderosos. Maria estava com eles. O Espírito de Deus, prometido pelo Ressuscitado, arrebatava as suas vidas com um fôlego novo, com um ímpeto que afasta todo o temor, transformando as suas vidas em anúncio da nova criação.

A mensagem oferecida em Fátima pela Senhora do Cenáculo é a de que, na oferta da vida a Deus, o medo é ofuscado pela promessa da sua presença. É a garantia dada pela Virgem do Rosário à pequena Lúcia, assustada por ficar sozinha no mundo, sem a presença amiga dos seus primos: «e tu sofres muito? – pergunta-lhe a Senhora. – Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o

caminho que te conduzirá até Deus». O Coração de Maria, habitado pelo Espírito de Deus, oferece-se como memorial da presença de Deus-Trindade.

Virgem do Pentecostes,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que também nós sejamos repletos do Espírito
que faz da nossa vida uma nova criação
e memorial da presença de Deus.

IV. A assunção da Virgem Maria

Do Livro do Apocalipse (Ap 12,1)

Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.

A Virgem cheia de graça, que viveu sob o signo daquele *fiat* oferecido à vontade do Pai, é assunta ao convívio de Deus. Para Deus vivera voltada, configurada com Cristo, e na sua presença é chamada a viver plenamente, como primícia de uma multidão de crentes. Esta mulher vestida da Luz de Deus, Maria, é ícone da Igreja, chamada a deixar resplandecer sobre o mundo a vontade misericordiosa do Pai.

Também em Fátima, a Virgem Mãe se oferece como veículo da luz de Deus, essa luz indizível que purificou o olhar dos pastorinhos e os transformou, também a eles, em candeias da luz divina. Na Cova da Iria, a Senhora do Rosário convida-nos a procurar e a acolher a luz de Deus e a manter o olhar fixo nessa luz que há de converter a nossa vida pelo amor.

Virgem da Assunção,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que vivamos com o olhar voltado para Deus.

V. A coroação de Maria como rainha do céu e da terra

Do livro dos Salmos (Sl 44(45),10)

À tua direita está a rainha ornada com ouro de Ofir.

A Senhora do Coração Imaculado é a discípula primeira do fruto do seu ventre, Jesus. Na medida em que guardava todos traços da vida de Jesus, meditando-os no seu coração (Lc 2,51), Maria deixa-se configurar ao estilo do Reino das bem-aventuras que ele anuncia. Ela é a prefiguração da Igreja, herdeira do Reino da vida em plenitude.

Em Fátima, somos recordados que o Coração sem mácula daquela que vive ao ritmo das bem-aventuras do Reino dos Céus triunfará. Porque a palavra definitiva, apesar dos dramas da história humana, há de ser a do amor que transforma a vida em graça e misericórdia.

Virgem Rainha,
Senhora do Rosário de Fátima,
rogai por nós junto do Pai,
para que aguardemos, com jubilosa esperança,
o triunfo do Coração Imaculado.

PROCISSÃO DAS VELAS

/ Introdução

Somos um povo que caminha, Igreja que peregrina. As procissões são a experiência sensível dessa nossa identidade. Todos nós, batizados, somos permanentemente peregrinos de um encontro mais forte e mais pleno com Deus porque, todos nós, batizados, somos também peregrinos da nossa própria verdade.

Nesta escola da aprendizagem do amor e da verdade, a Virgem Maria é Mãe e é Mestre. Quando nos deixamos acompanhar pela Mãe do Céu, aproximamo-nos sempre mais de Jesus e percebemo-nos sempre melhor a nós próprios. É por isso que, nos caminhos que fazemos – símbolo de todas as nossas caminhadas para Deus –, nos fazemos acompanhar pela Mãe de Deus cuja presença aqui se torna sensível na imagem da Virgem Peregrina.

Aprender a dar tempo ao tempo é a grande sabedoria dos peregrinos, dos que caminham: não perder tempo, mas também não embarcar em corridas que esgotam antes do tempo; ir pela vida, passo a passo, pacientemente, sem desesperos e sem precipitações; ir, sem ansiedades banais e sem dispersar as forças; ir com a certeza de que se chegará.

O peregrino confia em Deus, põe esperança em cada passo, sente-se caminhar ao lado de tantos que procuram a verdade e a sabedoria, sabe que não vai sozinho, no caminho que faz com os pés e na vida que constrói com as opções.

O peregrino tem um objetivo, uma meta; e tem, por isso, aquela tranquilidade persistente que acaba por vencer as dificuldades e que faz com que em cada gesto se coloque amor e serenidade.

PROCISSÃO DAS VELAS / Celebração

Cântico

Senhora um dia desceste à terra que em vós confia

Bênção das velas

A Luz dos Povos é Cristo e a Igreja é o seu sinal ou sacramento. Isto significa que só sabemos em que direção caminhar quando nos deixamos guiar pela Luz que é Cristo. Hoje, aqui, em procissão, fazemos a experiência de ser esta Igreja cujo caminho é iluminado por Cristo. Por isso, acendemos as nossas velas a partir do Círio pascal e cantamos: *Venite adoremus Dominum*

Depois do acender das velas procede-se à sua bênção:

Ó Deus, Vós que sois o Criador da luz e nos destes, em Jesus Cristo, a graça de vencermos as trevas do pecado, dignai-Vos + abençoar estas velas, que acendemos em Vosso louvor; e por intercessão da Virgem Mãe, que em Fátima se manifestou revestida da Vossa luz, fazei que perseveremos na fé, até que um dia, quando o Senhor vier, possamos ir ao Seu encontro, com todos os Santos, no Reino dos Céus. Por Nosso Senhor Jesus Cristo Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Introdução

Nossa Senhora pediu insistentemente que rezássemos o Terço: «Rezai o terço todos os dias. Quero que continueis a rezar o Terço todos os dias».

Deus é a Luz que não Se vê mas com a qual tudo se vê; é a Luz que tudo ilumina e tudo descobre, é a Luz que tudo clarifica e tudo simplifica; é a Luz do amor e que faz amar. Foi nessa Luz que Francisco, Jacinta e Lúcia descobriram o mistério da Santíssima Trindade, foi na claridade dessa Luz que entenderam o horror do que seria viver sem Deus, foi expondo-se a essa Luz que perceberam a imensidade do pecado mas, ao mesmo tempo, a sua impotência diante de Deus. Foi expondo-se à Luz de Deus que sentiram o seu imenso Amor. E, sobretudo, foi abrindo o coração a essa Luz que os Pastorinhos entenderam Deus como Pessoa que ama e que sente, que é amada e que pode ser ofendida. Foi à Luz de Deus, enfim, que descobriram a beleza de fazerem das suas vidas uma oferta agradável a Deus pela conversão dos pecadores e em oblação de amor na identificação com os Corações de Jesus e de Maria. Cantemos:

Cântico

Avé, avé, avé Maria (A treze de maio...)

Dezena

Introdução

Quando morrermos, onde estaremos, para onde iremos? É esta a interrogação que a celebração deste mistério hoje nos faz. E a Mãe do Céu segreda a cada um de nós que o Céu é a nossa vocação e que o Céu se faz de disponibilidade (como na anunciação); se faz de caridade e amor (como na visitação); se faz de acolhimento (como no nascimento de Jesus); se faz de entrega (como no cuidado e comunhão com o projeto do reino de Jesus); se faz de proximidade (identificando-se com os seus discípulos); se faz de presença nas dores (como na Paixão) e se faz de alegria (como na Ressurreição e no Pentecostes). Nesta noite peçamos a Nossa Senhora que nos ensine o caminho do Céu. Cantemos:

Cântico

No Céu a irei ver, no Céu que feliz dia...

Dezena

Introdução

Estar e ser «cheia de graça» significa que, na Mãe de Jesus, tudo nos fala de Deus. Primeiro, acolhendo-O, gerou-O no seu coração; depois, amando-O, gerou-O em seu seio e deu-O à luz. Em Nossa Senhora está prefigurada a Igreja, cada um de nós. Porque na Igreja se aperfeiçoa e se cumpre aquilo que, na Assunção de Nossa Senhora, se revela: a força da imensa e transbordante graça da morte redentora de Cristo na Cruz por amor. O que sucedeu a Maria vai realizar-se na Igreja. Cantemos:

Cântico

Senhora, nós vos louvamos

Dezena

Introdução

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração em Nossa Senhora: «Rezai, rezai muito, rezai o terço todos os dias», diz a Mãe do Céu ao mundo inteiro através dos Pastorinhos. Rezar para escutar o que Deus tem para nos dizer; rezar para nos podermos dizer a Deus com toda a autenticidade; rezar para descobrir o amor e a misericórdia do céu; rezar para saber escolher; rezar para nos convertermos; rezar para encontrarmos a paz. Nesta noite peçamos à Mãe do Céu que nos ensine a rezar. Cantemos:

Cântico

Salve nobre Padroeira

Dezena

Introdução

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração em Maria. Diz-nos S. Bernardo que «Maria é aquela estrela, cuja luz se difunde por todo o mundo [...]! Nos perigos, nas angústias, na dúvida, pensa em Maria, invoca o seu nome. Que ela não se afaste da tua boca, que não se afaste do teu coração, e, para obteres o socorro da tua oração não desprezes o exemplo da sua vida. Se a seguires, não te desvias. Se lhe rezares, não desesperas. Se a consultares, não te enganas. Se nela te apoiares, não caís. Se nela confiares, nada temes. Se ela te conduzir, não te cansas. Nesta noite, peçamos-lhe que nos guie e ilumine». Cantemos:

Cântico

Senhora nossa, Senhora minha

Dezena

Introdução

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração em Nossa Senhora: «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus», disse a Mãe do Céu a Lúcia. Quantos dos nossos medos têm encontrado refúgio no coração da Mãe do Céu! Encontrar segurança e refúgio no coração imaculado de Maria é aprender com a Mãe do Céu a confiar em Deus; é entrar na sua escola de fé, de disponibilidade, de fidelidade. Vale a pena recolhermo-nos junto do coração de Nossa Senhora. Nele ressoam todos os mistérios de Jesus, seu Filho. Nesta noite, peçamos-lhe que nos guie e ilumine. Cantemos:

Cântico

Cantemos alegres a uma só voz

Dezena

Introdução

Mãe de Clemência e de Piedade; Mãe da Paz e de Doçura, Nossa Senhora é Mestra do anúncio da Verdade de Deus aos homens e é Profecia do Amor de Deus vivido por toda a humanidade. Humilde serva, acolheu a Palavra e guardou-a no seu coração; junto à Cruz de Jesus uniu-se ao Mistério da Redenção e recebeu todos os homens como seus filhos; esperando a vinda do Espírito Santo, perseverou em oração com os apóstolos associando-se às preces de toda a humanidade e tornando-se modelo de oração; no Céu, Nossa Senhora, assiste agora com amor materno a Igreja peregrina. A nossa história cruza-se, por isso, em cada passo com a maternidade de Nossa Senhora. Cantemos:

Cântico

Hino do Centenário

Dezena

Introdução

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração em Nossa Senhora. Nossa Senhora é imagem e figura da Igreja, este povo que pela fé em Cristo todos formamos. Significa que, ao aprendermos e ao vivermos a sua capacidade de escuta, o seu acolhimento, a sua fé, a sua entrega, o seu amor e a sua fidelidade, seremos melhor Igreja, sinal e sacramento explícitos e ousados do amor de Deus. Nossa Senhora, a nossa Mãe do céu, que primeiro acolheu Jesus no seu coração e depois O acolheu no seu seio, acompanha-nos e ensina-nos a preparar o coração e a vida para acolher Jesus. Por Maria vamos a Jesus. Ela é a Mãe e a Mestra do amor a Deus e aos irmãos. Nesta noite, peçamos-lhe que nos guie e ilumine.

Cântico

Canto da Ladainha Lauretana

Dezena**Oração Universal**

Deus Pai todo-poderoso quis que Maria, Mãe de seu Filho, fosse honrada por todas as gerações. Proclamemos a sua grandeza, e peçamos humildemente:

Interceda por nós a cheia de graça.

Vós que fizestes de Maria a Mãe de misericórdia, fazei que todos os que vivem em perigos sintam o seu amor de Mãe.

Interceda por nós a cheia de graça.

Vós que confiastes a Maria a missão de mãe de família no lar de Jesus e de José, fazei que, por sua intercessão, todas as mães fomentem nos seus lares o amor e a santidade.

Interceda por nós a cheia de graça.

Vós que fortalecestes Maria quando estava aos pés da cruz e a enchestes de alegria com a ressurreição de vosso Filho, levantai e robusteci a esperança dos que vivem em tribulação.

Interceda por nós a cheia de graça.

Vós que fizestes de Maria a serva fiel e atenta à vossa palavra, fazei-nos, por sua intercessão, fiéis servos e discípulos de vosso Filho.

Interceda por nós a cheia de graça.

(outras intenções)

Vós que coroastes Maria como Rainha do Céu, fazei que os defuntos alcancem com todos os Santos a alegria do vosso reino.

Interceda por nós a cheia de graça.

Pai nosso**Salve Rainha****Oração**

Senhor Jesus Cristo, que Vos dignastes escolher para vossa morada o seio virginal de Maria Santíssima, concedei-nos a graça de sermos defendidos pela sua proteção e de celebrarmos a sua festa com santa alegria. Por Nosso Senhor.

Oração a Nossa Senhora

Lembraí-Vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos Vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Ámen.

Bênção**Cântico**

Minha Senhora e minha Mãe, eu me consagro todo a Vós

DESPEDIDA DA IMAGEM / Introdução

«Mulher, eis aí o teu filho. E a partir daquele momento o discípulo recebeu-a em sua casa» (Jo 19,26-27). A Mãe do Céu é um dom de Deus à humanidade e um chamamento permanente à fé e à santidade. O mistério da sua maternidade está, por isso, cheio de implicações que se projetam na vida do homem como convite e como experiência de encontro com Deus.

Nas nossas vidas, e nestes dias, Maria visitou-nos e visita-nos de uma forma particular. Veio ao que nós somos como sociedade, como Igreja, como família, como pessoas. Somos isto, somos assim, e foi ao que somos que a Mãe do Céu veio. Mas, depois de passar pelas nossas vidas, e no momento de nos deixar, deixa-nos mais ricos: convidou-nos a rezar, convidou-nos a colocar Deus no centro das nossas vidas, convidou-nos a purificar os nossos desejos e as nossas ações, convidou-nos a vivificar a nossa vocação cristã.

Jesus, o próprio Jesus, Palavra eterna do Pai, encontrou de tal modo acolhimento em Maria que no-l'A deu como Mãe para que com Ela aprendamos a viver, a acreditar, a procurar, a interrogar, a confiar, a enfrentar os dias de cruz, a guardar no coração, a rezar, a exultar. Jesus dá-nos sua Mãe como nossa Mãe também porque sabe que é na sua escola que melhor aprenderemos a amar.

Despedimo-nos da Imagem Peregrina de Nossa Senhora e pedimos à Mãe do Céu que leve no coração as nossas preces.

DESPEDIDA DA IMAGEM / Celebração

Cântico

Avé ó Théotokos

V. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Amén.

V. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Introdução

Deus escolheu e chamou Maria para ser a Mãe do Verbo de Deus, Jesus Cristo. Das primeiras palavras que conhecemos a Nossa Senhora fazem parte as suas exclamações de surpresa, de acolhimento alegre da missão que Deus lhe define, de fidelidade ao projeto do Céu. Maria exclama «Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra». Seguramente por isso a Igreja, Povo de Deus que caminha na história, sempre olhou para Maria como Mãe e Rainha do Céu e da terra. Significa que a Igreja escolheu como rainha alguém que se ofereceu para servir.

Colocando-se ao serviço de Deus, de facto, Maria colocou-se também ao serviço da humanidade: um serviço de amor e de ensinar a amar. É este serviço que lhe permite realizar durante toda a sua vida a experiência de uma misteriosa realeza. A sua realeza é um serviço e o seu serviço é uma autêntica realeza.

Às nossas paróquias, às nossas comunidades, às nossas famílias, a cada um de nós em particular, durante estes dias, a Mãe do Céu, Senhora do Rosário de Fátima, visitou e visita de uma forma particular. Deixa-nos apelos muito fortes de santidade e de vida cristã que hão de afirmar-se nas nossas vidas do dia a dia.

«Quereis oferecer-vos a Deus?». A pergunta que chega do Céu pela Mãe de Jesus obtém imediatamente uma resposta positiva: «Sim queremos», respondem Francisco, Jacinta e Lúcia. «Não tenhais medo» acrescenta Nossa Senhora.

Não se oferece a ninguém de quem gostemos muito aquilo que, de antemão, sabemos não lhe agradar; antes pelo contrário. S. Paulo descreve o amor com as vivas cores do dom de si mesmo (1 Cor 13,4-8a): o amor é paciente, conduz ao serviço diligente, não se deixa motivar pela inveja, não é orgulhoso, não procura o próprio interesse, não se deixa levar pela ira, perdoa as ofensas, não se alegra com injustiças, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Quereis oferecer-vos a Deus? Naquela hora de encontro dos pastorinhos com a Mãe do Céu e no hoje de cada dia, o convite é o da entrega de si, o convite de aprender a ser tão livre que se experimenta que apenas se possui o que se dá e o que se partilha. O que não se dá estraga-se ou perde-se. É o chamamento a fazer de cada momento da vida, e da vida toda, uma oferta agradável a Deus. E para que a vida seja agradável a Deus há, muitas vezes, que a transformar. O segredo da transformação é o amor que se exercita na experiência de amar.

Fátima é uma escola da humildade necessária para acolher a

Deus e para O deixar habitar nos nossos corações: a alegria de Francisco, Jacinta e Lúcia, juntamente com a sua admiração; a confiança na senhora que lhes falava; o amor a Jesus e à sua vontade; a identificação com o sofrimento de Deus pela insensibilidade humana ao seu amor; a fragilidade da vontade em manter o segredo; a vontade de rezar e a entrega imediata à oração; a procura de todas as pequenas coisas que pudessem ser expressão de entrega e oblação a Deus; a vontade de estar com *Jesus escondido*; a aceitação da doença como meio de saborear a fragilidade humana e de poder confiar mais fortemente em Deus... tudo nos acontecimentos de Fátima nos fala de humildade.

Texto das Memórias da Irmã Lúcia

«Contámos, em seguida, ao Francisco, tudo quanto Nossa Senhora tinha dito. E ele, manifestando o contentamento que sentia, na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito, dizia:

– Ó minha Nossa Senhora, terços, rezo todos quantos Vós quiserdes.

E, desde aí, tomou o costume de se afastar de nós, como que passeando; e se chamava por ele e Lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço. Se Lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco, respondia:

– Depois também rezo. Não te lembras que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muitos terços?

Um dia, disse-me:

– Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum» (Retrato de Francisco. Influência da Primeira Aparição, *Memórias da Irmã Lúcia*, 126).

Aclamação do Evangelho [Sl 117(118), 1-2.16ab-17.22-23]

Aleluia

*Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua misericórdia.*

*Diga a casa de Israel:
é eterna a sua misericórdia.*

*A mão do Senhor fez prodígios,
a mão do Senhor foi magnífica.*

*Não morrerei, mas hei de viver
para anunciar as obras do Senhor.*

*A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se pedra angular.*

*Tudo isto veio do Senhor:
é admirável aos vossos olhos.*

Proclamação do Evangelho

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João (19, 25-27)

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua. Palavra da Salvação.

Pontos para oração | reflexão | breve homilia

A Mensagem de Fátima é uma mensagem de reconstrução do homem. É uma afirmação permanente de que «da desconfiança não se vive; só se morre»: da desconfiança em relação ao outro e da descon-

fiança em relação ao próprio Deus.

A fé, de facto, não aparece como uma invenção absurda de religiões obscurantistas, nem imposição artificial e forçada de uma qualquer ideologia dominadora. A fé colhe o nervo e as dinâmicas mais elementares da vida humana. O seu húmus, o seu contexto, a sua circunstância é o humano. Por isso, o que seria a fé se perdesse o humano? Mas, também, o que será do humano se não deixar que a fé lhe defina caminhos? *A fé não despertaria interesse capaz de implicar toda a vida e a vida de todos se não tivesse o sabor daquilo «que dá sabor à vida»¹.*

Na Mensagem de Fátima existem algumas linhas muito expressivas do que pode ser a confiança e, portanto, a fé. São indicadores da reconstrução da humanidade:

- **Comunhão com a Igreja** (aprender a sentir, a pensar e a amar com a Igreja) é uma vivência muito acentuada na atitude que os videntes vão desenvolvendo e transmitindo. No amor profundo ao Santo Padre exprime-se a comunhão intensa com toda a Igreja. E a terceira parte do segredo acentua o caminho dramático da Igreja pelo mundo, mostrando o sacrifício dos crentes que são vítimas das muitas perseguições que a história regista. Mais, acentua-se a comunhão solidária de toda a Igreja na intercessão pela paz no mundo e pela própria Igreja perseguida².

- O apelo à **conversão** do coração a Deus

A visão do inferno sublinha o forte relevo das desgraças que pendem sobre a humanidade e sobre a Igreja, por causa do pecado. A Mãe do Céu vem dizer que Deus nos quer e nos espera no Céu.

¹ José Frazão, SJ, *A fé vive de afeto* (Paulinas, Lisboa 2013), 25 s.

² Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (Santuário de Fátima, Fátima 2013).

- Atitude reparadora (reparação)

O apelo da mensagem à reparação é um convite aos homens a não se resignarem à banalização do mal. Na vida de toda a gente e de todos os dias, existem coisas, relações, projetos, certezas, convicções... que se estragam e que necessitam de ser reparadas. O amor, às vezes, também se estraga e também necessita de ser reparado. O que estraga o amor? A desconfiança, a suspeita, a falta de gratidão e de gratuidade, a falta de liberdade.

Estamos num tempo em que a rapidez e a provisoriedade de tudo nos levam a deitar fora as coisas que se estragam em vez de as tentarmos reparar. Mas existem outras demasiado valiosas para se deitarem fora! Então vale a pena empreender a sua reparação. E o coração e a capacidade de amar é algo que vale sempre a pena reparar e ser reparado.

Na Mensagem de Fátima a atitude reparadora concretiza-se em diversas expressões, nas quais ressalta uma dimensão pedagógico-religiosa concretizada em exercícios de piedade (orações, devoções, sacrifícios) de matriz popular (como caminho espiritual simples e acessível a todo o povo) segundo os costumes do tempo e num registo de linguagem psicológica e afetiva (reparar, consolar, desagravar...). «Esta atitude mostra que, no encontro com o amor de Deus, se desperta a própria capacidade de amar, que não pode ficar indiferente perante a situação dos que se afastam da fonte do amor»³.

Refletindo a reparação é importante sublinhar uma evidência: a única medida do amor é, precisamente, não ter medida. Significa que não há maneira de entrar no mistério do amor senão fazendo a experiência de amar. É neste amor que, unindo-se a Jesus Cristo, Fátima chama o homem cristão a entrar nos sofrimentos da história; a entrar com amor, com excesso de amor, com a força da desproporção do amor, com a

desmesura da gratuidade, nos sofrimentos da história para os transformar, para os reparar, para os reconstruir a partir de Deus. Onde houver caridade, aí Deus estará.

- Oração, nomeadamente a oração do rosário que a Mãe de Deus pediu em Fátima

13 de maio 1917

«Rezai o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo.»

13 de junho 1917

«Quero que venhais aqui no próximo dia 13 e que rezeis o terço todos os dias.»

13 de julho de 1917

«Quero que venhais aqui no próximo dia 13 e que continueis a rezar o terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário para obter a paz.»

19 de agosto 1917

«Continuai a ir à Cova da Iria no dia 13 e a rezar o terço todos os dias.»

13 de setembro 1917

«Continuai a rezar o terço para obter o fim da guerra.»

13 de outubro 1917

«Peço que façais aqui uma Capela em minha honra. Eu sou a Senhora do Rosário. Rezai o terço todos os dias.»

A oração do terço do Rosário pode ajudar-nos porque: nos ajuda

³ Eloy Bueno, *Ibid.*

a perceber Deus como Pai, Filho e Espírito Santo; nos ajuda a entender a especificidade da revelação de Deus no Novo Testamento; sublinha a centralidade de Cristo na nossa salvação – ninguém se salva a não ser em Jesus Cristo; sublinha a ação do Espírito santo e a fecundidade dessa mesma ação; sublinha a dimensão eclesial da nossa oração (somos Igreja de batizados) e a comunhão dos santos; recorre de maneira intensa à Sagrada Escritura; recorre à Tradição (a forma como os nossos pais viveram a mesma fé no mesmo Senhor Jesus Cristo); mantém íntegra a confissão da fé cristã; responde à vida das pessoas, às suas necessidades, ânsias e ideais; revela profundamente como a nossa pátria definitiva é o céu e por isso não temos aqui morada permanente; explicita a necessidade de compromisso e de dar testemunho cristão como discípulos de Jesus, etc.

- Sacrifício

Segundo os costumes piedosos da época, não se pode passar indiferente ante o mal, não é digno tentar iludi-lo: há que atravessá-lo com o objetivo de introduzir o enxerto purificador de um amor autêntico; e isso implica um preço que deve ser «pago»⁴.

- Adoração Eucarística

«Tomai e comei... tomai e bebei... fazei isto em minha memória, disse Jesus aos seus discípulos. Sempre que o fizerdes lembrareis a minha morte até eu vir».

A Eucaristia é memorial da entrega de Jesus por amor. Determina-nos diante da Eucaristia, contemplarmos a Eucaristia, aproxima-nos de Jesus e do seu desejo de comunhão que alcança toda a humanidade. Este é o Sacramento da entrega de Jesus que, por amor, reparou a nossa capacidade de amar.

⁴ Cf. Eloy Bueno, *Ibid.*

Fátima e a Eucaristia estão indissolúvelmente ligados porque na Eucaristia se vive o amor de Deus pela humanidade. E foi do amor de Deus pela humanidade que a Mãe do Céu aqui veio falar aos pastorinhos e à humanidade.

Na Eucaristia contemplamos Jesus que permanece connosco. É em vidas que são marcadas pela ausência de Deus que, em Jesus, Deus quer encarnar. Na custódia sobre o altar e nas pequenas custódias das nossas histórias, Jesus, o Santíssimo, continua a expor-Se-nos, permanece e faz caminho connosco.

Jesus dá nova realidade ao pão e ao vinho e continua a vir às nossas vidas encarnando-as. O Santíssimo expõe-Se no baixíssimo... expõe-se porque se deixa ver a amar, a perdoar, a acolher, a curar... como sempre fez.

Numa vulnerabilidade imensa, Ele expõe-Se até à nossa desconsideração e ao nosso não-reconhecimento: é Deus e é coisa; é Senhor e é servo; é Pastor e é cordeiro; é grão lançado à terra e é alimento.

Contemplando a Eucaristia é impossível não nos lembrarmos das palavras e dos gestos de Jesus: cada palavra, cada gesto. Contemplar a Eucaristia faz-nos reaprender o despojamento, faz-nos reaprender a amar.

- Devoção e amor ao Coração Imaculado de Maria.

Preces com refrão cantado

Irmãos e Irmãs:

Maria Santíssima é o sinal maravilhoso do que podemos ser quando nos abrimos à palavra do Senhor. Por sua intercessão invoquemos a Deus, nosso Pai, cantando com alegria:

R. Dai-nos, Senhor, um coração novo.

1. Pelo povo santo de Deus,
para que, à semelhança da Virgem sempre fiel, dê testemunho da
sua fé no meio do mundo,
oremos, *por intercessão de Maria.*

2. Pelos nossos pastores,
para que, imitando a Virgem de Nazaré, anunciem a Boa-Nova
aos que são pobres,
oremos, *por intercessão de Maria.*

3. Pelos que cuidam dos doentes e dos idosos,
para que sejam um sinal vivo, como a Virgem Maria, da solicitude
de Cristo pelos humildes,
oremos, *por intercessão de Maria.*

4. Pelos pais e mães de toda a terra,
para que, à luz das aflições da Virgem Mãe, aprendam a pôr a
confiança só em Deus,
oremos, *por intercessão de Maria.*

5. Pelos cristãos que duvidam e vacilam,
para que se entreguem a Deus como a Virgem, que acreditou no
cumprimento das promessas do Senhor,
oremos, *por intercessão de Maria.*

6. Por todos nós aqui presentes em assembleia,
para que, invocando Santa Maria, esperança nossa, recebamos o
dom de perseverar até ao fim,
oremos, *por intercessão de Maria.*

(Outras intenções).

Oração comunitária

Ó Senhora minha ó minha Mãe...

Oração final

Senhor, que fizestes da Virgem Santa Maria a mulher forte,
sempre ao lado do seu Filho, concedei-nos também a nós a graça de cola-
borarmos generosamente na obra da redenção da humanidade.

Por Cristo, nosso Senhor.

CATE
QUE
SES



SOU A SENHORA DO ROSÁRIO / Catequese para crianças

I. INTRODUÇÃO

Para o(a)s Catequistas

A visita da Imagem Peregrina de Fátima às Dioceses é um momento privilegiado para, dentro da preparação para a celebração do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, proporcionar ao povo de Deus um conhecimento mais aprofundado da íntima participação da Virgem Maria na história da salvação, ela que interveio de modos diversos e admiráveis nos mistérios da vida de Cristo (cf. Missas da Virgem Santa Maria – Missal, Preliminares, n.º5, p.12).

É também uma oportunidade para aproximar as crianças das nossas catequese «Àquela Mulher vestida de Sol» (Ap 12, 1) que, por desígnio divino, veio do Céu a esta Terra, à procura dos pequeninos privilegiados do Pai (cf. João Paulo II, Homilia em Fátima, 13 de maio de 2000). Ajudá-las a conhecer mais de perto a Senhora de Fátima e a forte atração que exerceu sobre os três Pastorinhos e, conseqüentemente, a progressiva transformação das suas vidas acaba também por envolver os nossos catequizandos e cada um de nós num dinamismo de abertura ao mistério de Deus e do seu amor.

A proximidade das idades dos nossos catequizandos e dos três Pastorinhos será também um elemento catalisador na recetividade da Mensagem trazida pela Senhora, em Fátima, e no modo de as crianças da

Catequese apreenderem a espiritualidade de Fátima, captando-a como um convite a pôr em prática o ideal evangélico traçado por Jesus.

Toda a dinâmica desta catequese é, apenas, uma proposta que se oferece a(o)s catequistas. Cada um(a) orientará a sessão de catequese utilizando a metodologia que melhor se adequar aos objetivos apresentados e tendo em conta as idades das crianças e a realidade concreta do(s) seu(s) grupo(s).

Será consolador verificar que as crianças se alegram e entusiasma-se na expectativa e na preparação da visita da Imagem Peregrina e, por conseguinte, sentem desejo de fazer das suas vidas um dom para Deus e para os outros, à imitação da Serva do Senhor, aprendendo «na sua escola» como recomendou o Papa João Paulo II, na homilia já citada: «Pedi aos vossos pais e educadores que vos metam na ‘escola’ de Nossa Senhora, para que Ela vos ensine a ser como os pastorinhos, que procuravam fazer tudo o que lhes pedia».

Na narração da primeira aparição, cujo texto vai ser ouvido ou lido na sessão de catequese, é interessante verificar que as primeiras palavras da Virgem Maria aos pastorinhos são também as que Ela ouviu do Anjo da Anunciação: «Não tenhas medo» / «Não tenhais medo». Palavras que inspiram tranquilidade, paz. Se for oportuno o/a catequista poderá aproveitar esta ocasião para passar a informação de que a interpelação da parte de Deus a não ter medo se repete algumas centenas de vezes ao longo da Bíblia, mais precisamente, 366 vezes. A aproximação de Deus ao ser humano estabelece-se sempre numa relação de confiança e não de medo, qualquer que seja a situação em que o ser humano se encontra, ou qualquer que seja o desafio que lhe é feito.

Depois de perguntar aos pastorinhos «quereis oferecer-vos a Deus...?» e de ouvir a sua resposta inocente, mas pronta, «Sim, queremos», Nossa Senhora não lhes esconde o sofrimento que uma tal opção pode trazer consigo. De imediato afirma: «Mas a graça de Deus

será o vosso conforto». A consolação de Deus que lhes será dado experimentar, no meio das provações, mantê-los-á firmes.

Os pequeninos gestos de solidariedade visíveis na vida dos Pastorinhos podem, por vezes, exigir privações, mas estas, por causa do amor que lhes dá sentido, comportam em si a alegria. A verdadeira solidariedade no dar e no dar-se aprende-se com o Evangelho, concretamente com Jesus e Maria. Por aqui passa também o dinamismo da Mensagem de Fátima.

Quem se descobre amado por Deus sente que a sua vida tem de mudar. Aceita então entrar num processo de conversão, abandonando os caminhos do erro e da mentira para passar a viver como um discípulo credível de Jesus Cristo. Segundo a terminologia paulina, trata-se de «despir-se do homem velho» – a conduta de uma vida anteriormente marcada pelo pecado, para «revestir-se do homem novo», capaz de viver segundo o caminho apontado no Evangelho. S. Paulo, em termos decisivos e claros, depois de explicar como se deve fazer uma autêntica mudança de vida (cf. Ef.4, 22-31), resume assim: «Sede, bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo» (Ef. 4, 32). Uma tal mudança de vida torna-se dom e oferta de si a Deus e ao próximo, e concorre para a paz e fraternidade.

O apelo à conversão e à mudança de vida na Mensagem de Fátima atualiza, na nossa época histórica, o mesmo apelo de Jesus, em Mt. 4, 17: «Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu».

Teremos entendido a espiritualidade de Fátima se tivermos em conta que uma conversão autêntica da vida aponta sempre para a Comunhão com Deus, e para o serviço ao próximo, segundo o Modelo que é Jesus.

É para Jesus Cristo que a Virgem Maria nos aponta o caminho quando diz: «Fazei tudo o que Ele vos disser». Fê-lo em Caná da Galileia. E a partir das manifestações de há 100 anos, em Fátima, temos a garantia de que continua a fazê-lo ainda.

A Igreja, nos Documentos do Magistério e nos textos da Liturgia, anima-nos a confiar seguramente, na intercessão e no auxílio da bem-aventurada Virgem Maria que «não abandonou a missão salvadora que Deus Pai lhe confiou, mas continua a obter-nos com a sua múltipla intercessão os dons da salvação eterna» (LG.,62). A Igreja, que, pelos vínculos que a unem a Maria, «quer viver o mistério de Cristo» (*Marialis Cultus*, n.º 11) com ela e como ela, tem a experiência contínua de que a bem-aventurada Virgem Maria está sempre presente, sobretudo na sagrada liturgia, como sua mãe e auxiliadora (Missas da *Virgem Santa Maria - Missal*, Preliminares, n.º12, p.14).

Na introdução à Missa de Nossa Senhora, sob a invocação de «Nossa Senhora de Caná», é sublinhada a presença da Virgem Maria nos mistérios da nossa salvação e por conseguinte em comunhão com o Povo de Deus em cada Eucaristia.

A Mãe de Jesus, que por admirável providência esteve presente nos mistérios da nossa Salvação (...) solícita pelo bem dos homens, roga ao Filho que atenda as suas necessidades; manda aos homens que façam o que o Filho nos mandou no Evangelho. Mais ainda, segundo o sentido da liturgia, devemos estar convencidos do seguinte: a Mãe de Jesus, que esteve presente no banquete nupcial de Caná, está presente no banquete nupcial eucarístico da Igreja. Por isso a comunidade dos fiéis celebra todos os dias a Eucaristia, reunidos em comunhão [antes de mais] com a gloriosa Virgem Maria (*Missas da Virgem Santa Maria - Missal* p. 63).

Ao introduzir os catequizandos na leitura da Palavra de Deus (**Doc. 2**), momento alto da catequese, convém lembrar-lhes que a Senhora que interage na ação do texto evangélico que vão ouvir é a mesma que apareceu em Fátima, pois segundo as belas palavras do Concílio Vaticano II, ela «cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada» (LG, 62).

Após a leitura ou dramatização do texto (**Doc. 2**), o(a) catequista convida os catequizandos a fazerem uma breve reflexão sobre o Evangelho acabado de ouvir. Segundo as suas idades e capacidades, tenta ajudá-los a reter a mensagem deste texto e, de forma especial, o papel intercessor de Maria, num momento que poderia ter sido de grande aflição para os noivos, mas que ela evitou. Por outro lado, antecipou a manifestação do poder divino de seu Filho, Jesus, num milagre, num sinal – o primeiro, segundo o evangelista João – tão claro para os olhos dos que estavam presentes e, sobretudo, tão clarividente para a fé dos discípulos. Naquele lugar concreto, em Caná da Galileia, abriu-se-lhes um novo horizonte: alguém a quem eles podiam entregar a sua fé, e, por esta porta, encontrar Aquele, o Único, a quem eles podiam entregar-se, na realidade das suas vidas.

Maria não se coloca no centro. O seu objetivo é robustecer e aprofundar a relação de Deus com os homens, como bem o afirma Eloy Bueno de la Fuente, conceituado teólogo espanhol:

Como testemunha fiel, a sua figura é a transparência de Alguém que a chamou e enviou. A Virgem apenas existe em relação a Deus. Paulo VI afirmou que «na Virgem Maria tudo é relativo a Cristo e dependente dele» (*Marialis Cultus*, n.º 25). Nesta dimensão profundamente teológica configura-se a sua relação com os demais, com os filhos do Pai, com os irmãos do Filho. O Espírito enriquece-a com os seus dons para que o amor mostre toda a sua fecundidade na história. Neste sentido, pode ver-se a Virgem como «presença sacramental dos traços maternos de Deus» (Puebla, n.º 291), também portanto da sua misericórdia. (E. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus: O triunfo do Amor nos dramas da História*, Santuário de Fátima, 2013, p. 45-46)

Saibamos aceitar e, sobretudo, agradecer a participação da Virgem Maria, na História da Salvação e também na história pessoal de cada um(a) de nós. E, nesta preparação para a celebração do Centenário das Aparições em Fátima, a melhor forma de a louvar é imitá-la como

discípula de seu Filho, para quem Ela aponta e nos recomenda: «fazei o que Ele vos disser».

Enquanto mãe de Jesus, Maria é também nossa mãe. As boas mães responsabilizam-se sempre pelos filhos. Esta mãe não foge à regra. Já na terra, ela mobilizou-se junto de Jesus pelos outros, como foi o caso das bodas de Caná, em que ela salvou o casal de noivos de uma situação complicada. Na sala do dia de Pentecostes, ela orava com os discípulos. Porque o seu amor por nós não acaba, podemos estar certos de que ela se comprometeu por nós nos dois momentos mais importantes da nossa vida: «Agora e na hora da nossa morte» (YOUCAT 148, *Catecismo Jovem da Igreja Católica*).

Atente-se no seguinte:

Se o(a) Catequista achar oportuno trabalhar este tema em duas sessões, pode terminar a primeira sessão no fim da Experiência Humana, findando com o cântico «Ensinai-nos, pastorinhos» para que o aprendam já. Retoma o tema na sessão seguinte com este mesmo cântico para ser mais fácil estabelecer ligação entre as duas sessões.

Insiste-se de novo que a metodologia apresentada, bem como as atividades sugeridas não passam de simples propostas de trabalho em ordem aos objetivos traçados.

OBJETIVOS

- Conhecer um pouco da História e da Espiritualidade de Fátima;
- Relacionar a Mensagem de Nossa Senhora em Fátima com o anúncio e interpelações que os Evangelhos nos apresentam;
- Manifestar alegria em fazer da vida um presente ou dom para Deus e para os outros.

MATERIAIS

- Poster ou imagem de Nossa Senhora de Fátima com os Pastorinhos;

- Cópia de texto retirado de *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 8.^a edição, agosto, 2000, pp. 161-165 (**Doc. 1**);
- Cópia do Evangelho de S. João 2, 1-11 (texto preparado para ser lido de forma dialogada ou para ser dramatizado) (**Doc. 2**);
- Letra do cântico “Pastorinhos, ensinai-nos” (**Doc. 3**); pode ser encontrado em áudio, no site do Santuário: www.santuario-fatima.pt / Arquivo Multimédia / Áudio / Cânticos / Cânticos Peregrinação das Crianças 2009 / Ensinai-nos Pastorinhos ou em CD *Avé Fátima*, Schola Cantorum Pastorinhos de Fatima, Cânticos do Santuário, faixa 14;
- Leitor de CD ou computador;
- Cestinha ou caixa com pequenos papéis enrolados (**Doc. 4**), contendo mensagem, um para cada catequizando ou indicação de tarefa para executar.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Experiência Humana

Depois de acolher as crianças no lugar próprio para a catequese, o(a) catequista dirige-lhes algumas perguntas para as introduzir no tema desta sessão:

quem já ouviu falar de uma terra com o nome de Fátima?

E de um lugar chamado Cova da Iria?

E de um cântico que começa assim: A treze de maio, / na Cova da Iria, / apareceu brilhando / a Virgem Maria.

Ouvir as respostas e no caso de conhecerem o cântico, deixar que o cantem.

Então, numa terra que tem o nome de Fátima, e num lugar que pertence a Fátima, com o nome de Cova da Iria, quem é que apareceu? E a quem é que Nossa Senhora, a Mãe do Céu, apareceu? – A três crianças. Sabem

os nomes? (Ajudar). — *Sim, Lúcia, Francisco e Jacinta. E que mais sabem sobre estes meninos? (Ouvir). Francisco e Jacinta eram irmãos e eram primos de Lúcia. Eram muito amigos. Que idades tinham? Lúcia, 10 anos; Francisco, 9; e Jacinta 7. Mais ou menos as vossas idades, não? E sabem o que é que eles faziam? (Ouvir e ajudar nas respostas). Ajudavam os pais e os irmãos mais velhos.*

Os seus pais eram agricultores. Trabalhavam no campo e nos serviços da casa. E as três crianças, apesar de tenra idade, também começaram cedo a trabalhar. Faziam coisas muito simples: ajudavam os pais e os irmãos mais velhos. Os três eram pastores dos rebanhos de seus pais. Passavam o dia na serra ou nos campos, guardando as ovelhas. Por isso ficaram conhecidos como os três Pastorinhos.

O seu trabalho era uma festa, uma alegria! Durante o dia, além de guardarem as ovelhas, tinham tempo para jogar, brincar e rezar. O Francisco gostava muito de subir para os penedos mais altos, para tocar o seu píforo. Gostava, também, de brincar. A irmã e a prima corriam atrás das borboletas, apanhavam flores, dançavam e divertiam-se com outras brincadeiras.

O(A) catequista pode apresentar agora um poster ou quadro com a imagem de Nossa Senhora de Fátima e os três pastorinhos e afixá-lo ou colocá-lo diante dos catequizandos. E continua, explicando ou dialogando:

Era o ano de 1917. Quase 100 anos, por isso, dizemos que vamos festejar 100 anos ou celebrar o centenário. É uma data muito importante, não acham? Porquê? Porque vamos ter ocasião de lembrar o que se passou nesse ano e sobretudo porque vamos ter oportunidade de conhecer e dar muita atenção às Palavras que Nossa Senhora disse aos três pastorinhos, à Mensagem que trouxe do Céu e ao modo como eles ficaram encantados e como corresponderam à Mensagem que Nossa Senhora lhes comunicou.

E já agora uma outra pergunta: quando estamos a falar em Nossa Senhora, Nossa Senhora de Fátima, estamos a falar em quem? (Deixar que os cate-

quizandos respondam, para nos certificarmos de que estão a acompanhar o nosso raciocínio). Muito bem. Dizemos Nossa Senhora de Fátima, porque apareceu em Fátima e já sabemos que foi em 1917 e que apareceu a três crianças. Deixar repetir os nomes. Mas, na verdade, quem é esta Senhora, que nós também designamos por Nossa Senhora? (Deixar que associem a Maria de Nazaré, Mãe de Jesus). Muito bem, é Maria, Mãe de Jesus. Quer então dizer que foi a Mãe de Jesus que apareceu em Fátima. Vamos ouvir agora o que Lúcia descreveu passados alguns anos.

Sugere-se que se faça uma leitura em diálogo do **Doc. 1**, pelas crianças (3.º, 4.º Anos). Para as mais pequeninas do 1.º e 2.º Ano, a leitura deverá ser feita pelo(a) catequista.

Lido o texto sobre a primeira aparição, entrar em diálogo com os catequizandos, tendo em conta as suas idades e capacidades de compreensão.

Então, gostaram de ler / ouvir ler o que Lúcia deixou escrito sobre como foi a primeira vez que Nossa Senhora apareceu aos três Pastorinhos, em Fátima? Quais foram as primeiras palavras de Nossa Senhora? (Ouvir as respostas). «Não tendes medo». Era natural, terem medo, pois não é habitual ter assim uma visão de alguém, envolvido em tanta luz, a luz do Céu, que nós designamos, neste caso, por aparição. E Lúcia, numa linguagem própria do seu tempo, fez logo duas perguntas. Lembram-se dessas duas perguntas no início? Muito bem, donde era a Senhora e o que desejava. Como é que Lúcia perguntou? (Deixar que respondam e ajudar, tentando sempre louvar a atenção com que ouviram). «Donde é Vossemecê?» e «o que é que Vossemecê me quer?» E que respondeu Nossa Senhora? Que era do Céu e que vinha pedir aos três pastorinhos para virem àquele lugar no dia 13, durante seis meses seguidos, naquela mesma hora. Depois lhes diria quem era e o que pretendia.

Foi o primeiro pedido feito aos Pastorinhos. Eles escutaram e aceitaram o pedido da Senhora. Assim, como podeis imaginar, cada dia 13, à mesma hora, lá estavam eles à espera. E sabem o que faziam, enquanto esperavam?

Faziam uma coisa boa, que Nossa Senhora lhes recomendou em cada uma das seis aparições: rezavam o terço, como Ela lhes tinha recomendado. Assim, já estavam a pensar em Nossa Senhora e em Jesus, por isso para eles a oração do terço não era «nenhuma seca», não. E se os Pastorinhos nunca faltaram ao combinado, a Senhora também nunca faltou. É que Ela queria prepará-los, pouco a pouco, para acolherem, viverem e depois transmitirem uma Mensagem muito importante que Deus lhes queria confiar.

E porque é que Nossa Senhora apareceu? – Podeis perguntar.

Sabemos que uma boa mãe deseja o melhor para os seus filhos. Protege-os, acompanha-os, ensina-os, faz tudo para que eles vivam alegres e felizes. Não é verdade?

Maria, a Mãe de Jesus que é também nossa Mãe, a nossa Mãe do Céu, ao aparecer, em Fátima, mostra-nos que não se esquece de nós e que vem em nosso auxílio. Também Ela está muito, muito atenta às nossas necessidades. Preocupa-se connosco para sermos verdadeiramente felizes. Nós é que facilmente nos esquecemos dela e de Jesus. Ao aparecer em Fátima, veio dizer-nos para darmos mais atenção a Jesus, e lembrar-nos de quanto Ele gosta de nós, e que é n'Ele que devemos confiar sempre, mesmo nas situações mais difíceis. Veio dizer também que quando nos afastamos de Deus e seguimos os nossos caprichos e fazemos todas as asneiras possíveis, só estamos a contribuir para a nossa desgraça e infelicidade. Então o melhor é mudar de rumo.

E o que é que acham que Deus quer? Isso mesmo, quer o nosso bem, quer ver-nos felizes, muito felizes. Maria veio então dizer-nos como seria bom se todos colaborássemos a fazer um mundo melhor, mais fraterno, a viver em paz e sem guerra, seguindo o exemplo de Jesus.

E as palavras de Nossa Senhora foram tão importantes e decisivas para os Pastorinhos que eles aceitaram com muita alegria e generosidade os pedidos que ela lhes fez e passaram a viver de uma maneira nova.

Francisco sentia-se atraído para junto do Sacrário, para estar em união com Jesus, para falar com Ele, como o seu maior amigo, manifestando a sua

pena ao ver que muitas pessoas se afastavam do bom caminho, espalhavam erros, eram ingratas para com Deus, que é tão bom. Procurava assim, junto de «Jesus escondido» consolá-Lo e pedir perdão por essas pessoas e para que elas se emendassem dos seus errados caminhos.

Jacinta aceitava, com muito amor por Jesus, as coisas que lhe custavam, não se queixava e oferecia a Jesus. Sabem por quem é que ela oferecia? Pelos pecadores, para que mudassem a sua vida dos caminhos errados para o caminho de Jesus e assim serem felizes. Também rezava e oferecia o seu sofrimento pelo Santo Padre. Jacinta para dar gosto a Jesus, procurava dar do que tinha aos pobres. Às vezes privava-se totalmente do seu lanche para dar aos que não tinham e sentia-se assim muito feliz, pois estava a seguir o exemplo de Jesus.

Lúcia, que viveu muitos anos procurou fazer tudo para transmitir a Mensagem que Deus lhe confiou, através de Maria, não se poupando a sofrimentos e incompreensões. Mas sentiu sempre no Coração da Mãe do Céu um grande apoio e refúgio. E isso criava na Lúcia muita alegria e muita paz.

A Palavra

Poderá introduzir por estas palavras ou por outras mais adaptadas: neste momento, gostava que ouvissem uma passagem da Palavra de Deus, que nos mostra a preocupação que Maria tem pelas pessoas, procurando ir em auxílio delas, mesmo que tenha de pedir a Jesus para as socorrer, em momentos difíceis. Vamos ouvir com muita atenção e como é uma passagem do Evangelho, vamos pôr-nos de pé (Segue-se leitura ou dramatização de Jo 2, 1-11, Doc.2).

A título de sugestão, apresentam-se, algumas pistas de reflexão, aproveitando sempre as respostas das crianças e partindo dessas mesmas respostas para as questões a pôr-lhes.

Numa terra com o nome de Caná houve uma festa de casamento. E quem é que foi também convidado? Quando estavam na festa o que aconteceu?

– Faltou o vinho, pois claro. Mas houve alguém que reparou nisso. Quem foi? – Foi a Mãe de Jesus. E acham que ficou calada, que não disse nem fez nada? O que disse ela a Jesus? E aos serventes? E depois, o que fez Jesus? Só Maria, Jesus e os serventes é que souberam o que tinha acontecido, não é verdade? Nem o chefe da mesa, nem o noivo sabiam. E afinal quem fez o milagre de transformar a água em vinho? Jesus livrou assim aqueles noivos de uma situação complicada, não acham? Pois Ele, por ser Deus, tinha esse poder tão grande. Os noivos ficaram certamente muito contentes, mas houve umas pessoas que perante aquele facto, acharam que podiam acreditar verdadeiramente que Jesus era Deus e que valia a pena escutá-Lo com muita atenção e queriam até aprender a viver como Ele, para serem bons e fazerem o bem. Quem foram essas pessoas? – Foram os discípulos.

E agora a última pergunta mas que é muito importante. Vamos ver se sabem responder. Qual foi a pessoa que contribuiu, mesmo sem dar nas vistas, para que Jesus, ali mesmo, livrasse de apuros aqueles noivos e para que a alegria da festa pudesse continuar? Nem temos dúvidas, pois não? – Foi a Mãe de Jesus. Foi a mesma Senhora que apareceu em Fátima, como que a querer dizer às pessoas deste tempo: Deem muita atenção a Jesus, fazei o que Ele vos disser, fazei o bem como Ele fez, quando andou na terra e os que andam por caminhos errados, deixem esses caminhos para terem paz e serem felizes.

Expressão da Fé

Em resposta à pergunta que Nossa Senhora fez aos Pastorinhos «Quereis oferecer-vos a Deus...?» como é que nós podemos oferecer-nos, isto é, fazer da nossa vida um presente ou uma dádiva para Deus? (Ouvir as respostas dos catequizandos e aproveitá-las no sentido de os ajudar a crescer na generosidade, e na abertura a Deus e ao próximo). Respostas possíveis: Ser bom, sim. Seguir o caminho de Jesus, muito bem! Mas vamos concretizar: – tratar bem as pessoas...; – seguir os bons conselhos dos pais, dos professores, dos catequistas...; – fazer os TPC da escola e da catequese...; – ajudar nas tarefas em casa...; – ser respeitador,

não maltratar os colegas...; – ter paciência com os irmãos...; – não estragar comida...; – não exigir coisas demais aos pais, quando se vai às compras...; – ser capaz de partilhar as nossas coisas com quem não tem ou tem menos do que nós...; – portarmo-nos bem, na igreja, na escola, em casa...; Tanta coisa boa que podemos fazer! E também falar com Jesus. Temos tanta coisa a dizer-Lhe e também a agradecer-Lhe o que nos dá e a pedir-Lhe perdão quando erramos (ouvir das crianças outras propostas).

E quando nos custar? Dizer assim, como Nossa Senhora ensinou aos Pastorinhos: «Ó Jesus, é por teu amor, é para que voltem para Ti, os que se afastaram e com a tua ajuda se tornem bons». Não sei se algum de vós já experimentou, quando tem que fazer alguma coisa que é para nosso bem, mas que custa a fazer, se dissermos cá, no íntimo do coração, «Ó Jesus, não me apetece, isto custa-me muito, mas eu vou dar-te esta alegria, porque és meu amigo e queres o melhor para mim. Ofereço-te este sacrifício, é por Ti que o faço...» Podem crer, sentimos dentro do nosso coração uma alegria tão grande, que só pode vir de Deus!

Oração (Adaptar consoante as idades)

Convidar os catequizandos mais ou menos nestes termos: Agora, de pé, vamos olhar para a Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima ou fechar os nossos olhos, para concentrar melhor a nossa atenção e o nosso coração naquilo que estamos a dizer. Podem repetir as frases conforme vão ouvindo: **«Ó Mãe de Jesus e Minha Mãe do Céu, tu que andaste com Jesus ao colo, lhe pegavas pela mão e O ajudaste a crescer, agarra também a minha mão e conduz-me pelo caminho de Jesus, como ensinaste aos pastorinhos de Fátima. Faz com que eu tenha sempre alegria em ser amigo de Jesus».**

Para guardar na memória e no coração:

Finalmente, consoante o tempo disponível, convidar os catequizandos a retirar um rolinho da cesta e a ler o conteúdo, fazendo um

desenho ou decoração conforme o gosto pessoal.

É apenas uma sugestão. O(A) Catequista poderá encontrar outro tipo de tarefa, cujo resultado, por exemplo, poderá, eventualmente, ser colocado junto ao andor ou imagem de Nossa Senhora.

Vamos terminar, ouvindo e aprendendo um cântico (**Doc.3**):

Ensinaí-nos, Pastorinhos

III. DOCUMENTOS

DOC. 1

No dia 13 de maio de 1917, saíram, como de costume, com os rebanhos, para um local chamado Cova da Iria. Era um lindo dia de primavera! Os Pastorinhos brincavam alegremente. Mas, de repente, viram um relâmpago.

– *«É melhor irmos embora para casa. Pode vir trovoada – disse a Lúcia.*

– *Pois sim – concordaram os primos».*

E começaram a descer a encosta. Ao chegar junto de uma azinheira grande, viram outro relâmpago e, dados alguns passos, mais adiante, viram, sobre uma carrasqueira, uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o Sol. Pararam surpreendidos pela aparição. Ela irradiava tanta Luz que os Pastorinhos ficaram dentro da luz que Ela espelhava.

Então a Senhora disse-lhes:

– *Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.*

– *De onde é Vossemecê?* – Perguntou a Lúcia.

– *Sou do Céu.*

– *E que é que vossemecê me quer?*

– *Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero.*

– *E eu também vou para o Céu?*

– *Sim, vais.*

– *E a Jacinta?*

– *Também.*

– *E o Francisco?*

– *Também, mas tem que rezar muitos terços.*

E a Senhora fez-lhes um convite:

– *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimento (...), em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica, pela conversão dos pecadores?*

– *Sim queremos.*

E a Senhora acrescentou:

– *Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.*

E enquanto dizia estas palavras, abriu as mãos. Delas saiu uma grande Luz que os penetrou no peito e no mais íntimo da alma, referia a Lúcia, mais tarde.

Essa Luz tão especial era Deus. E eles ficaram envolvidos naquela Luz e viram-se em Deus. Então, por um impulso íntimo, caíram de joelhos e repetiam intimamente: «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo».

De tal maneira eles ficaram cheios de Deus e felizes por terem a certeza de que iriam para o Céu, que aceitaram com muita alegria e generosidade todos os pedidos que Nossa Senhora lhes fez.

Depois a Senhora acrescentou:

– *Rezem o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra.*

Em seguida, a «Senhora mais brilhante que o sol» afastou-se muito lentamente, subindo em direção ao nascente, deixando um rasto de luz até desaparecer na imensidade da distância.

DOC. 2**Evangelho Jo 2, 1-11**

Nar. – Naquele tempo,
realizou-se um casamento em Caná da Galileia
e estava lá a Mãe de Jesus.

Jesus e os seus discípulos foram também convidados para o casamento.

A certa altura faltou o vinho.

Então a Mãe de Jesus disse-Lhe:

Maria – «Não têm vinho».

Nar. – Jesus respondeu-Lhe:

Jesus – «Mulher, que temos nós com isso?

Ainda não chegou a minha hora».

Nar. – Sua Mãe disse aos serventes:

Maria – «Fazei tudo o que Ele vos disser».

Nar. – Havia ali seis talhas de pedra,
destinadas à purificação dos judeus,
levando cada uma de duas a três medidas.

Disse-lhes Jesus:

Jesus – «Enchei essas talhas de água».

Nar. – Eles encheram-nas até acima.

Depois disse-lhes:

Jesus – «Tirai agora e levai ao chefe de mesa».

Nar. – E eles levaram.

Quando o chefe de mesa provou a água transformada em vinho,
– ele não sabia de onde viera,
pois só os serventes, que tinham tirado a água, sabiam –
chamou o noivo e disse-lhe:

C. M – «Toda a gente serve primeiro o vinho bom
e, depois de os convidados terem bebido bem, serve o inferior.

Mas tu guardaste o vinho bom até agora».

Nar. – Foi assim que, em Caná da Galileia,
Jesus deu início aos seus milagres.

Manifestou a sua glória

e os discípulos acreditaram n'Ele.

(Nar. = Narrador; C.M. = Chefe de Mesa)

DOC. 3**Ensinai-nos, Pastorinhos****Ensinai-nos a viver.****Na escola de Maria****Nós queremos aprender**

João Paulo II incentivou-nos:

Frequentai a escola de Maria

Com a Lúcia, Jacinta e o Francisco

Crescereis em graça e sabedoria

A beleza de Deus vos deslumbrou

E dispôs a escutar e a cumprir

Aprendestes de um anjo e de Maria

O caminho por onde temos de ir.

Fazei tudo o que Cristo vos disser

Nos repete Maria: eis a lição!

E fazei como eu faço: escuto e guardo

As palavras de Deus no coração.

DOC. 4

O tamanho do papel pode ser como se quiser: em forma de rolo, atado com uma fitinha, etc. O conteúdo da mensagem pode/deve ser adaptado às idades e aos grupos

Para guardar na minha memória e no meu coração:

Quero dar mais atenção a Jesus

Ele gosta muito de nós e quer o bem de todas as pessoas

Quando alguma coisa me custar a fazer, ofereço a Jesus, como Nossa Senhora recomendou aos Pastorinhos e digo a Jesus, só para ele:

Ó Jesus, é por teu amor, só por ti e para que as pessoas deixem de praticar o mal e façam o bem

Vou também agradecer a Maria, Mãe de Jesus, os cuidados que tem connosco e peço-lhe que me ajude a ser um bom amigo de Jesus e das pessoas com quem me encontro.

Data:

Nome:

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER / Catequese para adolescentes

I. APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Mensagem de Fátima

Fátima tem um lugar de relevo no nosso país e até pessoas que pouco frequentam as igrejas têm uma devoção especial pelo seu santuário. Todo o clima próprio que se vive em Fátima envolve quem lá se desloca e propicia uma atmosfera única. Mas quantas pessoas, de todas as que se deslocam a Fátima, conhecem realmente a Mensagem da Senhora «mais brilhante que o sol», a verdadeira razão para a Mãe de Deus ter aparecido na Cova da Iria a três crianças do nosso povo? Mesmo entre os cristãos mais conscientes, que procuram viver a sério a sua fé, quantos conhecem realmente a Mensagem de Fátima?

Ao longo da História da Igreja tem havido bastantes aparições de Nossa Senhora, várias delas a crianças. Cada aparição tem uma finalidade determinada; constitui uma intervenção especial da Mãe de Deus junto destes seus filhos que continuam a caminho. O poeta José Régio deixou-nos um poema que vale a pena recordar. Foi-lhe inspirado por uma imagem de Nossa Senhora *arrancada a um calvário de capela* (ele era também grande colecionador de obras de arte) que tinha ao cimo da escada da sua casa de Portalegre. Descreve-a dizendo que *uma expressão de febre e espanto quase lhe afeia o fino rosto* e acrescenta:

*Não me assusta a sua dor: quase me apraz.
 O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia!
 Só isso bastaria a me dar paz.
 - «Por que choras, Mulher?» - docemente a repreendo.
 Mas à minh'alma, então chega de longe a sua voz
 Que eu bem entendo: - «Não é por Ele...»
 - «Eu sei! Teus filhos somos nós».
 (A Nossa Senhora, em *Mas Deus é Grande*).*

Cada aparição de Nossa Senhora é uma manifestação deste seu amor maternal que não deixa nunca de velar por estes filhos ainda a caminho, rodeados de dificuldades.

2. Um caminho de conversão

A mensagem de Nossa Senhora em Fátima é essencialmente um **apelo à conversão**. Na linguagem simples, utilizada para falar com três crianças que nem sequer frequentavam a escola, a Mãe do Céu fala na necessidade de conversão e aponta-a como caminho para a paz, num mundo devastado pela Primeira Guerra Mundial. É nesse contexto que a Mãe de Jesus aparece, chamando a atenção para a possibilidade de acabar com todos os conflitos se houver uma conversão do coração, se os seres humanos se aproximarem uns dos outros como irmãos.

Está também presente nas revelações de Nossa Senhora uma intenção de intensificar no mundo a **certeza da sua presença mediadora**: «Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração» (palavras ditas a Lúcia na aparição de 13 de junho de 1917).

A insistência da Virgem para que se rezasse pela conversão dos pecadores e se oferecesse por essa intenção os sofrimentos e dificul-

dades remete-nos, por sua vez, para um dos artigos do Credo (Símbolo dos Apóstolos): «Creio na **comunhão dos Santos**». É porque acreditamos nessa capacidade misteriosa de interajuda entre todos que vale a pena rezar pelos outros e procurar contribuir para os levar ao caminho certo, sabendo que também somos ajudados por muitos outros ao longo da nossa vida.

3. A conversão na Bíblia

O apelo à conversão tem na Bíblia uma presença muito forte. São inúmeros os apelos à conversão que atravessam tanto o Antigo como o Novo Testamento. Já os profetas insistiam em que não é a mortificação em si que conta, mas a verdadeira conversão do coração: «Acaso é esse o jejum que me agrada, no dia em que o homem se mortifica? Curvar a cabeça como um junco, deitar-se sobre saco e cinzas? (...) O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão» (Is 58, 5-7).

A verdadeira conversão passa, portanto, pela atenção aos outros, pelo serviço dos outros. E o Deus que nos chama à conversão espera-nos e recebe-nos de braços abertos: «Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes, convertei-vos ao Senhor, vosso Deus, porque Ele é clemente e compassivo, paciente e rico em misericórdia» (Jl 2, 13). Se recebermos a misericórdia infinita de Deus, seremos capazes de uma verdadeira mudança até termos realmente «um coração novo e um espírito novo» (Ez 18, 31).

Esta mudança de coração é necessária a todos: «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos

perdoar os pecados e nos purificar de toda a iniquidade. Se dizemos que não somos pecadores, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós» (1Jo 1, 8-10).

Foi esta verdadeira mudança de coração que a Mãe de Deus veio pedir em Fátima.

OBJETIVOS

- Descoberta da Mensagem de Fátima como um apelo maternal à conversão;
- Tomada de consciência da necessidade de conversão na vida de cada um a fim de se viver cada vez mais segundo o Evangelho e da possibilidade que cada um tem de ajudar outros nessa conversão;
- Começo do processo de conversão, escolhendo pelo menos um aspeto no qual uma verdadeira conversão possa ser concretizada.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- Nesta caminhada para a celebração do Centenário das Aparições de Fátima, esta catequese pode surgir como um momento especial para dar realmente a conhecer aos adolescentes tanto o acontecimento como o conteúdo da respetiva mensagem;
- O apelo à conversão não é um tema muito fácil nestas idades, mas é essencial fazer compreender que essa mudança de coração é indispensável para se viver verdadeiramente o Evangelho;
- É também mais uma oportunidade para se insistir no papel único que Nossa Senhora tem na vida da Igreja, procurando sempre conduzir os seus filhos ao Filho;
- Pode ser, ainda, uma ocasião para se fazer compreender a capacidade que cada um de nós tem de ajudar os outros e de sermos ajudados por eles no mistério da comunhão dos santos.

NOTA

Mesmo que a paróquia receba a visita da Imagem Peregrina, se for possível realizar uma peregrinação a Fátima numa data próxima desta catequese seria muito oportuno. Nesse caso, deverá incluir-se uma visita aos Valinhos; a Aljustrel (Casa dos Pastorinhos e Casa-Museu), aos Túmulos dos Videntes e à Casa das Candeias.

MATERIAIS

- Fotografias dos três pastorinhos (sendo a da Lúcia também em criança, quando das Aparições); fotografia da Lúcia perto do fim da vida
- Documento 1
- Dados biográficos dos três videntes – Documento 2
- Fotocópias da leitura do texto de Jo 2, 1-11
- Frases:

Quereis oferecer-vos a Deus?

Rezai o terço todos os dias.

Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem.

MÚSICAS

- *A 13 de maio (Ave de Fátima).*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1.ª Parte – Aparições e Mensagem de Fátima

1. Experiência humana

a) Três crianças da Serra de Aire – 1917

Formar três grupos. Entregar a cada grupo a fotografia de uma das três crianças videntes de Fátima.

Perguntar se sabem quem é e, no caso afirmativo, o que sabem sobre aquela menina ou aquele menino. Depois de dialogar sobre as respostas, entregar a cada grupo uma folha com os dados biográficos correspondentes à fotografia. Ao grupo que tiver a fotografia da Lúcia, entregar também a fotografia dela no fim da vida.

Os grupos leem os dados biográficos e dialogam sobre eles. Depois cada grupo mostra aos outros a(s) fotografia(s) que recebeu e partilha com eles os dados relativos à pessoa representada nessa(s) fotografia(s).

b) Síntese pelo catequista

Estas crianças não iam à escola. Viviam numa aldeia muito pequenina da Serra de Aire e passavam os dias a vigiar os rebanhos das famílias e a brincar. Havia muitas outras crianças com uma vida semelhante em Portugal, em 1917, quando o mundo estava atormentado por uma guerra mundial onde lutavam também soldados portugueses. Não havia televisão, nem sequer emissões regulares de rádio. Poucas notícias chegavam àquela povoação e mesmo assim muito atrasadas. Se não tivessem acontecido as aparições de Nossa Senhora ninguém saberia hoje quem eram estes meninos.

Mas estas crianças foram escolhidas quando Nossa Senhora quis trazer uma mensagem ao nosso país e a todo o mundo.

No dia 13 de maio de 1917, quando os três meninos tomavam conta dos rebanhos num lugar chamado Cova da Iria (que pertencia ao pai da Lúcia) viram uma espécie de relâmpago. Com receio de uma trovoada, resolveram voltar para casa. Foi então que lhes apareceu, em cima de uma azinheira, «uma senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol». Quando a Lúcia lhe perguntou de onde era, a Senhora respondeu: **«Sou do Céu»**.

Nessa primeira aparição, Nossa Senhora pediu que voltassem ali mais cinco meses seguidos, no dia 13 de cada mês, à mesma hora (meio-dia). Logo nesse primeiro encontro, a Mãe do Céu perguntou às crianças: **«Quereis oferecer-vos a Deus (...) em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»** (afixação da 1.ª frase).

O que Nossa Senhora pedia era uma consagração total para compensar tantos que não fazem caso de Deus nem se importam com a vontade d'Ele. Lúcia respondeu por todos: **«Sim, queremos!»** Houve ainda uma recomendação: **«Rezai o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra»** (afixação da 2.ª frase).

Na aparição de 13 de junho, Nossa Senhora revelou que a Jacinta e o Francisco iriam em breve para o céu e disse à Lúcia: **«Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração... O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus»**. Nesta segunda aparição, Nossa Senhora ensinou às crianças uma pequena oração (uma jaculatória) para intercalar entre as dezenas do terço. Uma oração que todos conhecem, com certeza, e que se reza agora em todo o mundo: **«Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem»** (afixação da 3.ª frase).

No mês de julho, a Mãe de Jesus apareceu pela terceira vez às crianças e fez-lhes algumas revelações, insistindo na importância de rezarem pela conversão dos pecadores.

No dia 13 de agosto, o Administrador de Vila Nova de Ourém apareceu com a sua charrete em Aljustrel e ofereceu-se para levar os meninos para a Cova da Iria. Na realidade, levou-os para a Administração e pô-los na prisão. O Administrador não acreditava em Deus, não era religioso, e a notícia de que crianças daquela zona diziam que Nossa Senhora lhes aparecia não lhe agradava nada. Apesar das ameaças que fez às crianças, não conseguiu que negassem o que tinham visto, nem que lhe contassem as revelações de Nossa Senhora e acabou por levá-las para casa. Nesse mês, Nossa Senhora apareceu noutra local, chamado Valinhos, no dia 19.

A Virgem Maria voltou a aparecer na Cova da Iria no dia 13 de setembro e, finalmente, no dia 13 de outubro, deu-se a última aparição. Nesse dia, a Senhora pediu que se fizesse ali uma capela e disse que era **«a Senhora do Rosário»**. Insistiu para que rezassem o terço todos os dias e anunciou que a guerra ia acabar e que **«os militares voltariam em breve para as suas casas»**. Insistiu, ainda, que era preciso que todos se emendassem e pedissem perdão dos seus pecados: **«Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido!»** Depois, quando se retirou, apareceu S. José com o Menino Jesus e Nossa Senhora ao lado. A seguir, as crianças puderam ver Jesus Cristo adulto e Nossa Senhora, como nas imagens de Nossa Senhora das Dores, que representam Maria junto à cruz. Aconteceu, então, aquilo que ficou conhecido como o “milagre do sol”: o sol «atirava feixes de luz para um lado e para o outro e pintava tudo de diferentes cores – as árvores e a gente, o chão e o ar. (...) A certa altura, o sol parou e depois começou a dançar e a bailar, parou outra vez e outra vez começou a dançar, até que por fim pareceu que se soltasse do céu e viesse para cima da gente». Foi assim que o Sr. Manuel Marto, pai do Francisco e da Jacinta, descreveu o que aconteceu (De Marchi, J. M., *Era uma Senhora mais brilhante que o sol*, Ed. Seminário das Missões de Nossa Senhora de Fátima, Cova da Iria, s.d.).

Referir depois brevemente a doença e morte das duas crianças mais novas e o percurso de vida da Lúcia. Explicar que a beatificação do Francisco e da Jacinta nos permite invocá-los para pedir a sua ajuda nas dificuldades que temos.

Dar espaço ao diálogo e às questões por parte dos adolescentes.

Depois de tudo o que hoje ouvimos e refletimos, vamos pensar em silêncio naquilo que podemos fazer para rezarmos mais e ajudarmos mais os outros como Nossa Senhora veio pedir.

Será que também nós queremos oferecer-nos a Deus...? (Silêncio)

c) Para Interiorizar

Oração:

Jacinta e Francisco, Pastorinhos de Fátima,
queremos aprender convosco o caminho
que nos leva a uma vida de verdadeira união com Jesus.

Ensinai-nos a amar os outros com todo o nosso coração,
a reconhecer neles o Amor de Deus
e a oferecer toda a nossa vida para que nenhum se perca.
Ensinai-nos a desejar, também nós, intensamente, a conversão
dos pecadores, a começar por cada um de nós.
Deus de infinita bondade,
que amais a inocência e exaltais os humildes,
concedei, pela intercessão da Imaculada Mãe do vosso Filho,
que, à imitação dos bem-aventurados Francisco e Jacinta,
Vos sirvamos na simplicidade de coração,
para podermos entrar no reino dos Céus.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho que é Deus convosco
na unidade do Espírito Santo.
Amen.

2.ª Parte – Converti-Vos ao Senhor, Vosso Deus

2. Palavra

Começar com o cântico “A 13 de maio” (as cinco primeiras estrofes) – Novo Cantemos Todos, n.º 702

a) Um apelo à conversão

A mensagem que Nossa Senhora trouxe a Fátima, e de que falámos no último encontro, convida-nos a mudar o nosso coração, a pôr de lado tudo o que está mal, para vivermos de acordo com a vontade de Deus.

Se abrirmos a Bíblia, no Antigo Testamento, vemos que muitas vezes Deus enviou mensageiros para ajudar as pessoas a mudarem os seus corações.

Formar três grupos e dar a cada um uma leitura a fazer: Ez 18, 31; Jl 2, 13; 1Jo 1, 8-10.

Cada grupo deverá procurar na Bíblia o texto que lhe foi atribuído, lê-lo e refletir sobre ele. Tentará depois responder às perguntas:

O que tem este texto a ver connosco?

O que quer ele dizer para nós, hoje, neste tempo?

O que devemos fazer?

Depois, os grupos juntam-se e um elemento de cada grupo lê em voz alta o texto sobre o qual se refletiu, partilhando em seguida as respostas dadas.

b) Fazei o que Ele vos disser

O catequista acende uma vela junto da Bíblia, distribui as fotocópias da leitura, atribui os diferentes papéis e faz-se a leitura dialogada de Jo 2, 1-11:

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São João:

Adolescentes:

Glória a vós, Senhor.

Narrador 1:

Ao terceiro dia,
realizou-se um casamento
em Caná da Galileia,
e estava lá a Mãe de Jesus.
Jesus e os discípulos também foram
convidados para o casamento.
A certa altura faltou o vinho.
Então a Mãe de Jesus disse-Lhe:

Maria:

Não têm vinho.

Narrador 1:

Jesus respondeu-lhe:

Jesus:

Mulher, que temos nós com isso?
Ainda não chegou a minha hora.

Narrador 2:

Sua Mãe disse aos serventes:

Maria:

Fazei tudo o que Ele vos disser.

Narrador 2:

Havia ali seis talhas de pedra destinadas à purificação dos judeus, levando cada uma de duas a três medidas. Disse-lhes Jesus:

Jesus:

Enchei essas talhas de água.

Narrador 2:

Eles encheram-nas até cima. Depois disse-lhes:

Jesus:

Tirai agora e levai ao chefe de mesa.

Narrador 2:

E eles levaram. Quando o chefe de mesa provou a água, transformada em vinho – ele não sabia de onde viera, pois só os servente que tinham tirado a água sabiam – chamou o noivo e disse-lhe:

Chefe de mesa:

Toda a gente serve primeiro o vinho bom e, depois de os convidados terem bebido bem, serve o inferior.

Mas tu guardaste o vinho bom até agora.

Narrador:

Foi assim que, em Caná da Galileia, Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele.

Palavra da Salvação.

Todos:

Glória a vós, Senhor.

(Silêncio)

S. João diz-nos que este foi o primeiro milagre de Jesus, o primeiro sinal de que Ele é o Filho de Deus e de que veio ao mundo para nos ajudar e salvar. Vemos aqui também o papel de Nossa Senhora. Qual foi esse papel? O que é que ela fez...?

Não só se apercebeu da dificuldade que afligia os noivos e as suas famílias, como pediu a intervenção de Jesus. E disse aos criados: «Fazei tudo o que Ele vos disser». É essa a importância de Nossa Senhora na vida da Igreja. Ela deu Jesus ao mundo e está sempre pronta a velar por todos nós, por cada um de nós, seus filhos e filhas.

3. Expressão de fé

Fazer da nossa vida uma oferta

A Lúcia, o Francisco e a Jacinta viveram toda a sua vida de acordo com o que Nossa Senhora lhes veio pedir. Ofereciam também todos os sofrimentos, todas as dificuldades (o cansaço, a sede, o incómodo causado pelas pessoas que não acreditavam neles, as ameaças do Admi-

nistrador...) pela conversão de todos os que não respeitavam a vontade de Deus. Compreenderam que, nesta grande família que é a Igreja, a comunidade dos filhos de Deus, podemos ajudar todos e ser ajudados por outros.

Mais tarde, o Francisco e a Jacinta viveram e ofereceram ainda as dificuldades da doença que os atingiu (a Jacinta sofreu também o facto de ser levada para um hospital em Lisboa, sozinha, sem a mãe, nem ninguém da família). Lúcia ofereceu a perda dos primos, a partida para Espanha para se afastar das pessoas que não cessavam de a procurar e, por fim, toda a sua vida consagrada ao Senhor como religiosa.

Depois de tudo o que lemos, ouvimos, descobrimos, partilhámos nestes dois encontros, vamos fazer um pouco de silêncio. Cada um/a de nós vai pensar: o que preciso de mudar na minha vida, no meu coração, para corresponder à conversão que Nossa Senhora veio pedir?

Sugere-se, para terminar este encontro, a recitação de uma dezena do terço (se houver clima para isso, poderá até ser todo o terço...).

Para guardar na memória e no coração:

«Quereis oferecer-vos a Deus (...) em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

«Rezai o terço todos os dias.»

«O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.»

(Nossa Senhora, Cova da Iria, 13 de maio e 13 de junho de 1917).

TRANSFORMADOS EM CRISTO PARA TRANSFORMAR O MUNDO

/ Catequese para jovens

I. INTRODUÇÃO

Transformados em Cristo

Quando somos jovens temos o sonho de mudar o mundo! Queremos transformar todas as coisas, movem-nos ideais e grandes causas. Temos a sensação de ter a vida toda pela frente e um mundo largo à nossa espera.

Mas quando olhamos para nós próprios e para a nossa fragilidade, e para o mundo à nossa volta, com as suas luzes e sombras, descobrimos que há tanta coisa para fazer, tanto para mudar, que não sabemos bem por onde começar: «Uma vez perguntaram a Madre Teresa de Calcutá o que devia mudar na Igreja; queremos começar, mas por qual parede? Por onde – perguntaram a Madre Teresa – é preciso começar? Por ti e por mim: respondeu ela». (Papa Francisco, *Vigília da Jornada Mundial da Juventude*, 2013). Vamos começar também por aqui! Por ti e por mim!

A transformação do mundo e a sua santificação começa na nossa santificação! Vamos mudar o mundo? Vamos! A começar por ti e por mim! Abrir o coração a Jesus, deixar que Ele nos diga por onde podemos começar, deixar-se transformar por Ele, viver numa atitude de perma-

nente conversão são as disposições fundamentais para que a construção do mundo novo aconteça, a partir da “revolução do coração”.

A vida dos pastorinhos é, para nós, exemplo desta transformação radical não comum em crianças da sua idade. Entregaram-se a uma vida espiritual intensa, traduzida numa oração assídua e fervorosa, renunciaram aos próprios gostos e até às brincadeiras inocentes de criança, suportaram grandes sofrimentos sem nunca se lamentarem, movia-os o desejo grande de reparar as ofensas dos pecadores, oferecendo sacrifícios e oração (Cf. *Homilia do Papa João Paulo II, na beatificação dos veneráveis Francisco e Jacinta, 13 de maio de 2000*). As vidas dos pastorinhos, tocadas e santificadas por Deus, reparam o mundo em nome de Deus.

É na relação íntima com o Deus três vezes santo, que na oração tem um lugar muito privilegiado, que somos transformados para transformar. Vamos aprendendo a acreditar, a esperar, a amar. A união a Deus é, em ‘primeira mão’, o lugar da nossa santificação. Na amizade com Ele vamo-nos tornando Filhos de Deus (cf. Rm 5, 10; 8, 15-17), incorporados em Jesus, habitados pelo Espírito Santo, membros da Igreja, herdeiros da felicidade eterna que tanto esperamos. Participando na comunhão de amor que Deus é, a nossa vida pode dar «frutos na caridade para a vida do mundo» (Concílio Vaticano II, *Optatam totius*, 16).

Para transformar o mundo...

Na sua quarta Aparição, no sítio dos Valinhos, a 15 de agosto de 1917, Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos que rezassem muito e fizessem sacrifícios pelos pecadores: «Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores».

Desde o início das aparições, que a mensagem da Senhora coloca os pastorinhos num horizonte mais largo que o da sua própria vida individual. Eles são membros de um corpo! Um corpo que sofre e cujos membros estão doentes. A Senhora que lhes fala *com voz e coração de*

mãe, convida-os a oferecerem-se como vítimas em reparação pelo mundo inteiro, por esse *corpo* de que fazem parte.

Viver em comunhão é uma necessidade do homem e o seu primeiro chamamento. Quem acredita vive numa comunhão que o alarga para além de si próprio: «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele» (1 Cor, 12, 26). «A Igreja é maior e mais viva do que pensamos. A ela pertencem conhecidos e desconhecidos, grandes santos e pessoas modestas, os vivos e os mortos» (*Youcat*, 146).

Fazemos parte de um corpo, o Corpo de Cristo! E porque somos o corpo de Cristo, vivemos uma comunhão que abraça o céu e a terra, onde o bem de uns é bem comunicado a todos e de que todos beneficiam. Podemos viver a alegria da vida comunitária, experimentar o «prazer espiritual de ser povo» (cf. *Evangelii gaudium*, 268-264), viver uma comunhão de bens espirituais, na fé, nos sacramentos, nos carismas, na caridade. O nosso pecado prejudica a comunhão e fere o corpo inteiro, mas o mais pequeno dos nossos atos, praticado com caridade, reverte a favor de todos, porque quando a nossa vida se eleva, é o mundo inteiro que se eleva, quando a nossa vida se transforma, o mundo inteiro é transformado.

Objetivos:

– Aprofundar o tema do ano pastoral de 2014-2015, “Santificados em Cristo”, partindo da contemplação da santidade de Deus e da participação na Igreja como Corpo de Cristo e comunhão dos Santos;

– Mergulhar no núcleo central da mensagem de Fátima descobrindo as suas dimensões fundamentais: a necessidade da conversão permanente, a importância da oração como lugar de santificação; a responsabilidade coletiva e a prática da reparação como empenho pela transformação do mundo.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1. Oração Inicial

Pode começar-se o encontro com um breve momento de oração, com um cântico à escolha de quem orienta, e convidando todos a rezar a oração que se segue, da autoria do *Padre José Tolentino de Mendonça*:

*O que te peço, Senhor, é a graça de ser.
 Não te peço mapas, peço-te caminhos.
 O gosto dos caminhos recomeçados,
 com as suas surpresas, as suas mudanças, a sua beleza.
 Não te peço coisas para segurar,
 mas que as minhas mãos vazias
 se entusiasmem na construção da vida.
 Não te peço que pares o tempo na minha imagem predileta,
 mas que ensines os meus olhos a encarar cada tempo
 como uma nova oportunidade.
 Afasta de mim palavras,
 que servem apenas para evocar cansaços, desânimos, distâncias.
 Que eu não pense saber já tudo acerca de mim e dos outros.
 Mesmo quando eu não posso ou quando não tenho,
 sei que posso ser, ser simplesmente.
 É isso que te peço, Senhor:
 a graça de ser de novo.*

2. Experiência Humana

A força reparadora e transformadora do amor

«Conheci o Paulo em 2005. Tinha quase 18 anos. Vivia numa instituição de acolhimento e estava pela primeira vez num campo de férias.

Tinha sido retirado à sua família de origem. As psicólogas e assistentes sociais da casa onde vivia tinham-lhe traçado, a negro, o perfil: instável, agressivo, descontrolado, altamente destruidor. No campo, surpreendentemente, o Paulo esteve bem! Muito bem! Cantou, dançou, pulou, caminhou, rezou, divertiu-se, ajudou, cumpriu tarefas, fez amigos... Nada espetável para quem tinha uma folha tão 'suja'... Na última noite, durante um tempo de oração e partilha, o Paulo saiu da roda e desapareceu! Alguém o seguiu e, quando regressaram, passados poucos minutos, reparei que as lágrimas eram muitas. Vinham os dois a chorar. Pensei (pensei mal, mas pensei!): "já fez asneira"! Fui ter com ele e perguntei: "Então, o que é que foi? O que é que se passa?" E a resposta surgiu, quase tímida, muito a medo, mas tão verdadeira, nova e surpreendente, como as coisas grandes e carregadas de mistério: "Sabe! É que nunca me tinham dado aquilo que me deram aqui!". O Paulo tinha-se afastado, para que não o vissem chorar, comovido, pela descoberta da transformação que se tinha dado nele. E afinal, não lhe convinha chorar... tinha uma reputação a manter. Nunca mais soube do Paulo, mas a sua exclamação ficou como um eco que constantemente lembro, para não me esquecer nunca do que é importante e essencial, e de que é sempre possível mudar e recomeçar de novo: "É que nunca me tinham dado aquilo que me deram aqui!". E, ainda hoje, continuo a pensar: "Afinal, o que lhe demos ali?"»

Depois da leitura do texto, pode fazer-se uma breve partilha, gerando debate a partir das seguintes questões:

Já assististe a uma experiência semelhante a acontecer, que tenha transformado a tua vida ou a vida de alguém que conheces?

Sentes que a imagem que tens ou têm de ti condiciona o teu comportamento diante dos outros (pais, irmãos, grupo de amigos, colegas de escola) ou sentes-te livre para seres quem és?

Afinal o que foi dado ao Paulo que nunca lhe tinha sido dado? O que provocou mudança e fez a diferença na sua vida? Qual a força que o fez mudar?

3. Escuta da Palavra

Lê-se o texto bíblico Rm 12, 1-8:

«Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito. Assim, em virtude da graça que me foi dada, digo a todos e a cada um de vós que não se sinta acima do que deve sentir-se; mas sinta-se preocupado em ser sensato, de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um. É que, como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, assim acontece connosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros. Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino; se outro tem o de exortar, que o use na exortação; quem reparte, faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria.»

A Carta aos Romanos, que Paulo escreve para preparar a sua visita à comunidade de Roma, faz um convite muito forte à unidade dos cristãos, que nasce da participação comum no amor de Cristo e que se manifesta na diversidade própria de cada um e na aceitação de todos. A partir deste excerto da Carta, podem sublinhar-se os núdulos fundamentais da Mensagem de Fátima: **a conversão permanente, a centralidade da oração, o sentido da responsabilidade coletiva e a prática da reparação.**

a) «Deixai-vos transformar...» (a conversão permanente).

Só Deus é Santo! É Ele a nossa medida alta. Diante d'Ele, nunca estamos acabados, a nossa transformação nunca terminou. Diante d'Ele nunca atingimos o fim, estamos sempre a caminho e há sempre passos para dar. Começar “por ti e por mim” a transformação do mundo significa, verdadeiramente, começar em Deus e por Deus, reconhecendo a sua grandeza e a sua santidade que nos alarga os horizontes e nos faz sempre ser mais do que pensámos ou sonhámos.

Quando permitimos que Deus viva a sua vida em nós e nos unimos a Ele, através da união a Cristo, amor encarnado, então a nossa vida é transformada, não fica igual. (Cf. *Youcat*, 342). Abrindo o coração a Jesus e deixando-nos transformar, fazemos a experiência de sermos salvos, descobrimos o seu olhar de amor por nós, um olhar que nos renova a mentalidade, os sentimentos, a capacidade de agir não segundo os nossos interesses mas segundo a vontade de Deus.

Quem se mete com Deus não fica igual. Estás disposto a mudar? A deixar-te transformar? Ou resistes a Deus e ao que Ele quer fazer em ti?

b) «vos exorto... a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual» (a oração).

Só na intimidade com Deus pode nascer em nós um amor tão grande como o de Deus, que nos leve a oferecer a vida inteira a Deus, pelos outros e pelo mundo.

Na vida cristã, a oração é lugar privilegiado desta intimidade: «A oração é como uma janela aberta que nos permite ter o olhar dirigido para Deus, não só para recordarmos a meta a que somos direcionados, mas também para deixar que a vontade de Deus ilumine o nosso caminho terreno e nos ajude a vivê-lo com intensidade e empenho» (Papa Bento XVI, *Audiência Geral*, 12 de setembro de 2012).

A oração ajuda-nos a *reparar*! A reparar em Deus e a deixarmo-nos reparar por Ele; a reparar nos outros e na sua necessidade. Só quando amamos, reparamos, porque só o amor é verdadeiramente reparador e «a oração não é mais que um tratar de amizade, estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama» (Santa Teresa de Ávila), para que a vida se faça, progressivamente, toda oração.

A oração provoca em nós, uma *revolução do coração*, dá-nos um *coração imaculado*, um coração que, a partir de Deus, chega a uma perfeita unidade interior e vê a Deus (cf. Mt 5, 8). É preciso partir do centro mais profundo da nossa existência, para termos os mesmos sentimentos e querermos agir na história com a mesma intencionalidade de Deus.

A vida de oração é um estar habitualmente na presença de Deus, três vezes Santo, em comunhão com Ele. E é cristã na medida em que é comunhão com Cristo e se dilata na comunhão com a Igreja que é o seu corpo, levando-nos a entregar os nossos corpos pelo Corpo, *como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus* (cf. CIC 2565).

Experimentas esta intimidade? Ou foges de Deus e do seu olhar?

c) «somos membros que pertencem uns aos outros...» (o sentido da responsabilidade coletiva e a prática da reparação)

Não estamos sozinhos neste mundo: pertencemos uns aos outros. Da mesma forma, não se encontra Jesus sem entrar na sua comunidade, sem pertencer à comunidade que é a Igreja.

Vivemos na «comunhão dos santos» e o corpo que formamos é o Corpo de Cristo (1 Cor 12, 1-31). Na Eucaristia, Jesus alimenta-nos com o seu Corpo entregue por nós. Da mesma forma cada um deve colocar as suas qualidades e capacidades ao serviço da comunidade, para sua construção, manutenção e reparação, entregando-se pelos outros. O mais pequeno dos nossos atos, praticado com caridade, reverte a favor

de todos; pelo contrário, o pecado prejudica esta comunhão.

Porque formamos um só corpo o bem de uns é comunicado aos outros e cada um possui dons que são para o serviço de todos (cf. CIC 947 a 953). Não precisamos de ser todos iguais nem de fazer todos a mesma coisa, mas de descobrir os dons que nos são dados para os colocar à disposição da comunidade.

Deixas morrer os teus dons, vivendo só para ti? Ou colocas os dons que tens ao serviço dos outros?

4. Expressão da Fé

«O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo Ressuscitado» (*Evangelii gaudium*, 2).

«A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos.

A alegria de viver frequentemente desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas de um poder muitas vezes anónimo» (*Evangelii gaudium*, 52).

Depois da leitura das duas passagens da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, do Papa Francisco, pode haver um tempo de diálogo/partilha a partir das seguintes questões: – *Que mundo é este em que vivemos? Como o caracterizas?*; – *Que dimensões positivas encontras no mundo? E que sombras ou ambiguidades?*; – *E o que gostarias de mudar no mundo?*; – *O que podemos fazer para mudar o mundo?*; – *Num mundo onde «já não se ouve a voz de Deus», qual o lugar da oração e qual a sua importância para a nossa transformação e para a transformação do mundo?*

5. Síntese e compromisso final

«Somos parte da Igreja; mais ainda, tornamo-nos construtores da Igreja e protagonistas da história. Jovens, por favor, não vos ponhais na “cauda” da história. Sede protagonistas. Jogai ao ataque! Chutai para diante, construí um mundo melhor, um mundo de irmãos, um mundo de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Jogai sempre ao ataque! São Pedro diz-nos que somos pedras vivas que formam um edifício espiritual (cf. 1Pe 2,5). E, olhando para este palco, vemos a miniatura de uma igreja, construída com pedras vivas. Na Igreja de Jesus, nós somos as pedras vivas, e Jesus pede-nos que construamos a sua Igreja; cada um de nós é uma pedra viva, é um pedacinho da construção e, quando vem a chuva, se faltar aquele pedacinho, temos infiltrações

e entra a água na casa. E não construais uma capelinha, onde caiba somente um grupinho de pessoas. Jesus pede-nos que a sua Igreja viva seja tão grande que possa acolher toda a humanidade, que seja casa para todos! Ele diz-me a mim, a ti, a cada um: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações!”. Nesta noite, respondamos-lhe: Sim, Senhor! Também eu quero ser uma pedra viva; juntos queremos edificar a Igreja de Jesus! Eu quero ir e ser construtor da Igreja de Cristo! Atreveis-vos a repetir isto? Eu quero ir e ser construtor da Igreja de Cristo!» (Papa Francisco, *Discurso na Vigília da Jornada Mundial da Juventude*, 2013).

Provocados pelo desafio lançado pelo Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, pode tentar encontrar-se em conjunto um propósito concreto de oração e ação, que promova a *união de cada um a Deus e a comunhão entre todos os membros do grupo*.

6. Oração Final

No final de um tempo de oração, com cânticos e com a exposição do Santíssimo Sacramento, convidam-se os participantes, diante de Jesus, a rezarem a oração dos cinco dedos, como a descreve o Papa Francisco, rezando pelo mundo e por si próprio:

- i. O dedo polegar é o que está mais perto de ti. Assim, começa por orar por aqueles que estão mais próximos de ti. São os mais fáceis de recordar. Rezar por aqueles que amamos é “uma doce tarefa”.
- ii. O dedo seguinte é o indicador: reza pelos que ensinam, educam e curam. Eles precisam de apoio e sabedoria ao conduzir outros na direção correta. Mantém-nos nas tuas orações.
- iii. A seguir é o maior. Recorda-nos dos nossos chefes, os governantes, os que têm autoridade. Eles necessitam de orientação divina.
- iv. O próximo dedo é o anelar. Surpreendentemente, este é o nosso dedo mais débil. Ele lembra-nos que rezemos pelos débeis, doentes ou

pelos atormentados por problemas. Todos eles necessitam das tuas orações.

v. E finalmente temos o nosso dedo pequeno, o mais pequeno de todos. Este deveria lembrar-te de rezar por ti mesmo. Quando terminares de rezar pelos primeiros quatro grupos, as tuas próprias necessidades aparecer-te-ão numa perspetiva correta e estarás preparado para orar por ti mesmo de uma maneira mais efetiva.

MATERIAL

Bíblia; folhas com a história do Paulo, com os textos do Papa Francisco e com a Oração dos cinco dedos, papel em branco e canetas,

FONTES

Youcat, Catecismo Jovem da Igreja Católica

Catecismo da Igreja Católica (CIC)

Congregação para a Doutrina da Fé, *A mensagem de Fátima. O Segredo*, Lisboa 2000.

Junta Central da Ação Católica Portuguesa, *A Mensagem de Fátima*, Lisboa 1961.

António Vaz Pinto, *Fé e Existência Cristã. Viver o Evangelho hoje*, Lisboa 2010.

A MISERICÓRDIA DE DEUS E O CONVITE À COMPAIXÃO / Catequese para adultos

OBJETIVOS

- Reconhecer na mensagem de Fátima um memorial do Evangelho para o nosso tempo;
- Compreender a Misericórdia de Deus como chave de leitura do acontecimento-Fátima;
- Compreender o jeito comprometido de ser crente proposto na mensagem de Fátima, à luz da vivência espiritual da Jacinta, do Francisco e da Lúcia.

DESENVOLVIMENTO TEMÁTICO

1. O núcleo da mensagem cristã recordado em Fátima

«Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor» (Mc 6,34).

O acontecimento-Fátima oferece-se ao nosso tempo como um eco da boa nova do Evangelho. Como nos recorda S. João Paulo II:

«Se a Igreja aceitou a mensagem de Fátima, é sobretudo porque esta mensagem contém uma *verdade* e um *chamamento* que, no seu conteúdo fundamental, são a *verdade e o chamamento do próprio Evangelho*»¹. Com um sabor a novidade, Fátima revela uma proposta de vida moldada ao tom da Boa Notícia que é a Misericórdia de Deus, novidade encarnada em Jesus Cristo e chamada a ser permanentemente atualizada na vida do homem. A misericórdia, palavra-chave do Evangelho, é a *verdade* que Fátima nos recorda: se a encarnação do Verbo, gerado do coração misericordioso de Deus, é o evento que brota do olhar compassivo do Pai sobre o drama do sofrimento e da solidão egocentrada da história humana, assim é Fátima, enquanto acontecimento que irrompe o quotidiano sofrido do nosso século com a luminosidade da esperança contida na *graça da misericórdia*.

A história do povo bíblico, e particularmente a encarnação do Verbo, revelam-nos o rosto de um Deus misericordioso, compadecido da humanidade sofrida, apostado em resgatar aquele que se afasta do caminho da felicidade, amando até ao extremo sem desistir de ninguém. A missão do Filho é gerada no «coração misericordioso do nosso Deus». É Ele que «das alturas nos visita como sol nascente, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz» (Lc 1,78-79). Por sua vez, todos os que são feitos filhos no Filho são também convocados à misericórdia, isto é, ao dom incondicional de si pelos outros (Jo 13,1.15), ao amor que se compadece do sofrimento (Mt 25,35-36), ao perdão que se oferece setenta vezes sete (Mt 18,22). A promessa do dom da Misericórdia, que se faz vocação e compromisso na vida de cada cristão, é a novidade imponderável que alimenta a esperança em Deus.

Fátima faz-se eco deste núcleo sintético do Evangelho. A miseri-

¹ João Paulo II, *Homília da Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima*, 13 de maio de 1982.

córdia é a palavra-chave que inaugura e conclui o acontecimento-Fátima, marcando o ritmo da mensagem que ali se oferece.

De entrada, o Anjo introduz os pastorinhos à adoração ao Deus-Trindade, ao Deus que se define como *Comunhão-de-Amor*, e recorda-lhes os *desígnios de misericórdia* que Deus tem sobre eles, o projeto de redenção da criação que germina do amor incondicional de Deus.

O conteúdo da mensagem singela de que a Senhora é portadora aponta também para a compaixão de Deus. As visões do Inferno e da cidade em ruínas e o constante convite à oração pelos pecadores evocam, através de uma linguagem de estilo profético-apocalíptico, o desejo redentor de Cristo de reunir tudo e todos em Deus. O apelo à conversão é, antes de mais, a expressão do amor zeloso de um Deus que deseja a felicidade do homem. É também convite lançado ao homem para que se encontre na sua verdade, uma verdade que se clarifica à luz do mistério de Deus. (Não é sem razão que as visões do chamado *segredo* se davam na luz que os pastorinhos identificaram como sendo o próprio Deus. O mistério do homem é iluminado pelo mistério de Deus.) O apelo à conversão é, enfim, apelo ao dom de si pela conversão dos demais e pela conversão da história humana.

Como que sintetizando a mensagem, a visão final de Tuy oferece-nos a chave de leitura de todo o acontecimento em duas palavras: *graça* e *misericórdia*. Estas palavras que legendam a visão de Lúcia são, em si mesmas, síntese de um estilo de vida evangélica. Afinal, Deus oferece-se precisamente como *dom gratuito* (*graça*) e *amor que perdoa até ao extremo* (*misericórdia*). E desafia o crente precisamente ao *dom* e ao *amor até ao extremo*.

Interpretada a partir desta chave de leitura, a mensagem de Fátima sublinha os traços evangélicos do rosto de um Deus compassivo, revelado definitivamente em Jesus Cristo, e recorda que a Boa Nova do Deus-homem é notícia alegre que ilumina o nosso tempo com a esperança

da promessa do triunfo de Cristo, mas também convite a um compromisso sério com a conformação da nossa vida com o jeito do Deus-Filho.

1.1. Proposta de reflexão

Explorar a misericórdia como chave de leitura da narrativa bíblica. A história da libertação do povo bíblico do Egito e o dom da terra prometida no final de uma longa travessia pelo deserto é a narrativa central do povo bíblico e recebe o seu cumprimento definitivo na libertação oferecida pelo Deus da Misericórdia no seu Filho, Jesus Cristo. Para Israel, a fé traduzia-se numa leitura da sua história em que a presença compassiva de Deus era permanentemente atualizada. Assim também para as primeiras comunidades cristãs: Jesus é reapresentado à comunidade, particularmente na celebração eucarística, como presença atuante da Misericórdia de Deus oferecida incondicionalmente. O apelo da fé lançado a todo o crente é o de reler a própria história à luz da presença compassiva de Deus.

2. O Coração revela a misericórdia, o Rosário medita nela

«Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2,19).

No cerne da mensagem que em Fátima se oferece, a Senhora do Rosário aponta o seu Coração Imaculado como *refúgio* e *caminho*, como que realçando a estreita conexão entre o coração sem mácula e a oração do rosário. Estes dois pedidos singelos da Senhora de Fátima – a devoção ao Coração Imaculado e a oração do Rosário – bebem de uma mesma dinâmica de fé: a oração do terço é expressão daquilo que, ao jeito de Maria, o coração guarda do mistério do Deus da misericórdia.

A devoção ao Coração Imaculado é proposta no contexto da visão do inferno, como a alternativa para o desamor que fecha o homem sobre si mesmo. Retoma uma longa tradição bíblica que olhava o coração como

simbólico da pessoa toda, como o *lugar* onde a fé, a esperança e o amor se fazem presentes na pessoa. Lúcia entrevê no coração de Maria um «símbolo do amor e da dor, recetáculo da misericórdia e do perdão»². A luz em que, nas primeiras aparições da Senhora do Rosário, os pastorinhos são emergidos, e que eles identificam como sendo a presença do próprio Deus, é mediada através do coração sem mácula de Maria. Repleto da presença de Deus, o coração torna-se arauto dessa mesma luz que revela a misericórdia. Lúcia compreende-o bem, quando interroga: «quem melhor que este Imaculado Coração nos poderia descobrir os segredos da Divina Misericórdia?»³.

Talvez a descoberta mais fundamental dos pequenos pastores de Fátima tenha sido a de se saberem acolhidos com amor terno no coração de Deus, através da mediação da Senhora que se dispôs a acolher o Verbo de Deus fazendo-se presente com o seu *fiat* (Lc 1,38), da Senhora que «guardava no seu coração» todo o mistério da vida do Verbo (Lc 2,19). A devoção ao Imaculado Coração de Maria faz-se convite a assumir esta atitude do coração em que o *fiat* oferecido a Deus se torna o núcleo conformador da vida do crente.

O rosário, por seu lado, é pedido pela Senhora a cada aparição: «rezem o terço todos os dias». Esta insistência, apresentada com o caráter de urgência, coloca a oração do terço no centro da vida espiritual daquele que abre o seu coração à Misericórdia. De facto, a oração do rosário aponta para o núcleo da fé cristã, na medida em que se oferece como memorial da encarnação de Deus, do dom imponderável do Deus-homem que habita entre os homens para os reconduzir a Deus, da promessa definitiva do triunfo da Misericórdia que a vida de Jesus Cristo veio inaugurar. Através da contemplação dos mistérios da vida de Cristo, o Rosário apresenta-se como uma pedagogia humilde da fé. Ao jeito de

2 Irmã Lúcia, *Como Vejo a Mensagem*, Carmelo de Coimbra e Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2007, p.45.

3 Irmã Lúcia, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010, p. 35.

Maria, esta oração convida cada crente a acolher as feições de Cristo no seu coração, a deixar-se interpelar pela compaixão de Deus, e a assumir o compromisso de uma vida conformada com o *fiat*, «faça-se em mim segundo a tua vontade».

A Senhora do Rosário é a Senhora do Coração Imaculado, do coração que conserva o mistério de Deus, que a cada instante se *ergue ao alto*, e se deixa moldar pelo dom da misericórdia. A promessa de que este Coração vazio de mácula e cheio de misericórdia triunfará é a esperança que alimenta a oração e ação do crente. Porque o que esta promessa – «O meu Imaculado Coração triunfará» – significa é que «o Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele “Sim”, Deus pôde fazer-se homem no nosso meio e tal permanece para sempre»⁴.

A devoção ao Coração Imaculado aponta para a mesma dinâmica que a oração do rosário: só um coração predisposto a deixar-se encher da misericórdia de Deus pode trabalhar o mundo à imagem do coração de Deus.

E, naquelas palavras-síntese da mensagem – *graça e misericórdia* –, é precisamente do coração que se fala, pois que a *miseri-cordia* é o nome do Coração compadecido pelos que sofrem.

2.1. Proposta de reflexão

Compreender a devoção ao Imaculado Coração de Maria e o convite à oração do Rosário como dois apelos nucleares na mensagem de Fátima que apontam para a mesma dinâmica da vida cristã, de centrar a vida em Deus e de se deixar transformar por esse fiat.

3. A graça da misericórdia e a vocação ao amor feito dom

«Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5,7).

A mensagem que em Fátima se oferece – da *graça e misericórdia* de Deus – é, como nos recorda S. João Paulo II, verdade evangélica que se faz *chamamento*, convite dirigido a cada pessoa que se dispõe a acolhê-la com o coração de um peregrino: convite ao dom de si, à oferta da sua vida em prol dos outros, a assumir a radicalidade da proposta evangélica que inaugura um novo estilo crente que do amor faz lei, a viver eucaristicamente, em dom permanente de si mesmo, ao jeito do Nazareno.

Quais são os traços evangélicos desse estilo crente a que Fátima apela? A mensagem recorda, a um mundo egocentrado, o convite à entrega de si nas mãos de um Deus que é comunhão de amor. Desde as aparições do Anjo à visão final em Tuy, o verdadeiro apelo do acontecimento-Fátima é um apelo à confiança num Deus que se revela como misericórdia. A Senhora de Fátima é instrumento e modelo desta confiança no amor trinitário. E na luz que, em Fátima, ela oferece – essa luz em que os pastorinhos reconhecem o próprio Deus – as três crianças de Fátima e, com elas, todos os crentes são convidados a um estilo de vida contemplativo, compassivo e eucarístico.

Contemplativo, porque se inaugura na adoração, na contemplação da beleza de Deus, nessa atitude do coração que relê a sua história sob o prisma da presença misericordiosa de Deus, ao jeito do Coração de Maria.

Compassivo, porque se deixa tocar pelo sofrimento e pela solidão dos outros, mesmo aqueles – ou sobretudo aqueles – que se afastaram do caminho que realiza o homem, e porque aceita interceder pelos homens e cuidar desses que sofrem as consequências da injustiça e do pecado.

Eucarístico, porque aceita oferecer-se gratuitamente em favor dos homens, ao jeito do Cristo.

⁴ Cardeal Joseph Ratzinger (Bento XVI), “Comentário Teológico”, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010, p. 232.

Este estilo crente cristológico, à luz do Deus-Misericórdia, é o que caracteriza a vida dos pastorinhos. O convite da Senhora a que se ofereçam a Deus é prontamente respondido com um *fiat*: «sim, queremos oferecer-nos». O seu compromisso torna-os responsáveis pelos homens. Aceitar esse passo da fé implica, na sua vida concreta, o risco de viver em favor dos outros; e por isso se sacrificam. A atitude do coração que guarda a misericórdia de Deus faz-se compromisso urgente de cuidar do outro, de amar com o mesmo amor com que somos amados. Porque a questão que a Misericórdia lança ao homem – «onde estás?» (Gen 3,9) – transforma-se a cada instante em apelo ao compromisso: «onde está o teu irmão?» (Gen 4,9).

Assim acontece também em Fátima. Os desígnios de misericórdia que Deus tem sobre os pastorinhos e sobre todos os que, ao seu jeito, se deixam tocar pela mensagem levam consigo o desafio ao compromisso: Quereis oferecer-vos a Deus?

3.1. Proposta de reflexão

Comprometer-se com um estilo de vida ao jeito daquele que nos propõe a mensagem de Fátima implica assumir, no concreto da vida, pequenos gestos que exteriorizam esse compromisso que é responsabilidade no mundo. Assim o fizeram os pastorinhos, cujos sacrifícios pela conversão dos pecadores eram sinais de uma vida de proexistência, consagrada a Deus e aos irmãos. Que gesto posso eu assumir?

ORAÇÃO CONCLUSIVA

Bem-Aventurada Virgem de Fátima, com renovada gratidão pela tua presença materna unimos a nossa voz à de todas as gerações que te dizem bem-aventurada.

Celebramos em ti as grandes obras de Deus, que nunca se cansa de se inclinar com misericórdia sobre a humanidade, atormentada pelo mal e ferida pelo pecado, para a guiar e salvar.

Acolhe com benevolência de Mãe o ato de entrega que hoje fazemos com confiança, diante desta tua imagem a nós tão querida.

Temos a certeza de que cada um de nós é precioso aos teus olhos e que nada te é desconhecido de tudo o que habita os nossos corações. Deixamo-nos alcançar pelo teu olhar dulcíssimo e recebemos a carícia confortadora do teu sorriso.

Guarda a nossa vida entre os teus braços: abençoa e fortalece qualquer desejo de bem; reacende e alimenta a fé; ampara e ilumina a esperança; suscita e anima a caridade; guia a todos nós no caminho da santidade.

Ensina-nos o teu mesmo amor de predileção pelos pequeninos e pelos pobres, pelos excluídos e sofredores, pelos pecadores e os desorientados; reúne a todos sob a tua proteção e recomenda a todos ao teu dileto Filho, nosso Senhor Jesus.

Amén⁵.

5 Papa Francisco, *Ato de entrega a Nossa Senhora de Fátima*, Roma, 13 de outubro de 2013.

ANEXOS



Anexo 1

/ Orações de Fátima

Orações ensinadas pelo Anjo

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam».

«Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores».

Oração ensinadas por Nossa Senhora

«Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria!»

«Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as almas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem».

Oração comunicada aos pastorinhos num impulso íntimo

«Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento».

Anexo 2 / Ladainha dos Pastorinhos

Senhor, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós.

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, rogai por nós.
Nossa Senhora das Dores, rogai por nós.
Nossa Senhora do Carmo, rogai por nós.
Virgem dos Pastorinhos, rogai por nós.

Beato Francisco Marto, rogai por nós.
Beata Jacinta Marto, rogai por nós.

Crianças chamadas por Jesus Cristo, rogai por nós.
Crianças chamadas a contemplar a Deus no Céu, rogai por nós.
Pequeninos a quem o Pai revela os mistérios do Reino, rogai por nós.
Pequeninos privilegiados do Pai, rogai por nós.
Louvor perfeito das maravilhas de Deus, rogai por nós.
Imagens do abandono filial, como crianças ao colo da mãe, rogai por nós.
Vítimas de reparação em benefício do Corpo de Cristo, rogai por nós.

Confidentes do Anjo da Paz, rogai por nós.
Custódios, como o Anjo da Pátria, rogai por nós.
Adoradores com o Anjo da Eucaristia, rogai por nós.
Videntes da Mulher revestida com o Sol, rogai por nós.

Videntes da Luz que é Deus, rogai por nós.
Filhos prediletos da Virgem Mãe, rogai por nós.
Ouidos atentos à solicitude materna da Virgem Maria, rogai por nós.
Advogados da Mensagem da Senhora mais brilhante que o Sol, rogai por nós.

Arautos da palavra da Mãe de Deus, rogai por nós.
Profetas do triunfo do Coração Imaculado de Maria, rogai por nós.
Cumpridores dos desígnios do Altíssimo, rogai por nós.
Fiéis depositários da Mensagem, rogai por nós.
Emissários da Senhora do Rosário, rogai por nós.
Missionários dos pedidos de Maria, rogai por nós.
Portadores dos apelos do Céu, rogai por nós.
Zeladores do Vigário de Cristo, rogai por nós.
Confessores da vida heroica na verdade, rogai por nós.
Consoladores de Jesus Cristo, rogai por nós.
Exemplos da caridade cristã, rogai por nós.
Servos dos doentes e dos pobres, rogai por nós.
Reparadores das ofensas dos pecadores, rogai por nós.
Amigos dos homens junto do trono da Virgem Maria, rogai por nós.
Lírios de candura a exalar santidade, rogai por nós.
Pérolas brilhantes a resplandecer beatitude, rogai por nós.
Serafins de amor aos pés do Senhor, rogai por nós.
Oblações a Deus para suportar os sofrimentos em ato de reparação, rogai por nós.

Exemplo admirável na partilha com os pobres, rogai por nós.
Exemplo incansável no sacrifício pela conversão dos pecadores, rogai por nós.
Exemplo de fortaleza nos tempos da adversidade, rogai por nós.

Enamorados de Deus em Jesus, rogai por nós.
 Pastorinhos que nos guiais ao Cordeiro, rogai por nós.
 Discípulos da escola de Maria, rogai por nós.
 Interpeladores da humanidade, rogai por nós.
 Frutos da árvore da santidade, rogai por nós.
 Dom para a Igreja Universal, rogai por nós.
 Sinal divino para o Povo de Deus, rogai por nós.
 Testemunhas da graça divina, rogai por nós.
 Estímulo à vivência do batismo, rogai por nós.
 Experiência da presença amorosa de Deus, rogai por nós.
 Eloquentes na intimidade de Deus, rogai por nós.
 Intercessores, junto de Deus, pelos pecadores, rogai por nós.
 Construtores da Civilização do Amor e da Paz, rogai por nós.
 Lâmpadas a alumiar a humanidade, rogai por nós.
 Luzes amigas a iluminar as multidões, rogai por nós.
 Luzeiros a refulgir no caminho da humanidade, rogai por nós.
 Chamas ardentes nas horas sombrias e inquietas, rogai por nós.
 Candeias que Deus acendeu, rogai por nós.

Cristo, ouvi-nos. Cristo, ouvi-nos.
 Cristo, atendei-nos. Cristo, atendei-nos.

Oração conclusiva

Deus de infinita bondade,
 que amais a inocência e exaltais os humildes,
 concedei, pela intercessão da Imaculada Mãe do vosso Filho,
 que, à imitação dos bem-aventurados Francisco e Jacinta,
 Vos sirvamos na simplicidade de coração
 para podermos entrar no reino dos Céus.
 Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
 que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Ámen.

**# Anexo 3
/ Hino do Centenário
das Aparições
de Fátima**

Hino do Centenário das Aparições de Fátima / Mestra do Anúncio, Profecia do Amor

Texto: Marco Daniel Duarte
Música: José Joaquim Ribeiro

Estrofe *Andante Religioso*

1. Ou - vin - do o a - rau - to da Men - sa - gem,
Ó ter - ra e - lei - ta que o Espí - ri - to la - vra,
Tam - bém di - ze - mos: oh! chei - a de gra - ça,
Sois ser - va e men - sa - gei - ra da Pa - la - vra.
p Sau - da - da por to - das as ge - ra - ções:
mf Fe - liz en - tre as mu - lhe - res, sois, Ma - ri - al
f Ben - di - to o An - jo que Vos pre - ce - deu:

rall. - - - - -

Cus - - tó - dia, co - mo Vós, da Eu - ca - rís - ti - a.

Refrão *Majestoso* ♩ = 50

A - ve o cle - mens, A - ve o pi - al
Sal - ve Re - gi - na Ro - sa - ri - i Fa - ti - mael
A - ve o cle - mens, A - ve o pi - al
A - ve o cle - mens, A - ve o
A - ve o dul - cis Vir - go Ma - ri - - - a.
pi - al O

Refrão

Ave o clemens, Ave o pia!

Salve Regina Rosarii Fatimae!

Ave o clemens, Ave o pia!

Ave o dulcis Virgo Maria.

2. Os pastores e os magos acorreram,
Louvando tão alta maternidade.
Com eles, procuramos Jesus Cristo
Que do Céu trazeis à humanidade.
A palavra de Jesus, Verbo Eterno,
Guardáveis toda em Vosso Coração,
Refúgio triunfante para os homens
Que fazem penitência e oração.

3. No templo apresentastes Vosso Filho
E o anúncio da espada ecoou:
Dor que jorra da Cruz do Homem-Deus,
Dor que sobre a azinheira ressoou.
Ensinando a excelsa Sabedoria,
Encontrastes Jesus entre os doutores;
Mensagem que ensinais à multidão,
Pedindo a conversão dos pecadores.

4. Felizes seios, benditas entranhas,
Que geraram Jesus, o Salvador!
Alimentam a Igreja e o mundo,
Pregando o Evangelho do Amor.
Solícita nas núpcias dos esposos:
“Fazei tudo o que Ele Vos disser”;
Pregão que sai do alto da azinheira
Por Vossos lábios, ó Nova Mulher.

5. Dolorosa, de pé, junto ao Madeiro,
Gerastes, no Calvário, a humanidade;
As dores desse parto Vos trouxeram
Ao mundo que tem ânsia da verdade.
A alegria da gloriosa Páscoa
Sentistes, Virgem pura, ó Mãe Santa!
Vitória sobre o mal Vós nos pedis
- Eis a mensagem que Fátima canta.

6. No meio da Igreja que nascia
Recebestes o Espírito dos céus;
Viestes missionária à nossa terra,
Proclamando as maravilhas de Deus.
Junto com os discípulos de Cristo,
Oráveis na assembleia dos cristãos
E continuais orando pelo mundo,
A Deus levantai, ternas, Vossas mãos.

7. Gozando das primícias do Reino,
Habitaís a Jerusalém do Céu
Donde viestes para nos falar,
‘stendendo sobre nós benigno véu.
À direita de Cristo, sois rainha
Ornada de ouro fino de esplendor;
P’ra lá nos qu’reis levar, ó Mãe bendita!
Àquela luz que é Deus, o Deus do Amor.

8. Vós sois, Senhora, a Mãe do Rosário,
Sois a Mãe da Alegria e da Luz,
A Mãe das Dores e a Mãe da Glória,
Mãe do Messias-Cristo que é Jesus.
Todos os dias seguimos, Senhora,
Vossa admirável recomendação:
Contemprar Jesus Cristo no Rosário
Para alcançar a eterna Salvação.

9. A Deus queremos nós oferecer-nos
E os sofrimentos todos suportar;
Orando pelo vigário de Cristo,
A vida plena ansiamos alcançar.
Reparando as vidas do pecado,
Suplicando, chorando nossas dores,
Dizemos: “Jesus, é por Vosso amor
E pela conversão dos pecadores”.

10. Visitastes o Povo que nasceu
Das águas do batismo redentor,
Pedindo penitência e oração,
Pedindo conversão ao Deus-Amor.
Meditando de Cristo os mistérios,
Proclamando a mensagem que Deus faz
- É o mandato que trazeis, Senhora,
Para que o mundo inteiro alcance a paz.

11. Senhora do Rosário, ao Vosso nome,
Erguemos a capela, em oração;
Unidos à Igreja Universal,
Nela louvamos Cristo, Novo Adão.
Nela louvamos Cristo, nossa luz,
Com a chama da fé em nossa mão.
E as mãos alvas que alevantamos
São símbolo da paz e do perdão.

12. Rezamos pela paz no mundo inteiro
Em Fátima, no Vosso Santuário,
Que é terra da paz, Cova da Iria,
Ó Virgem Mãe, Senhora do Rosário!
O Vosso Coração Imaculado
Doce refúgio é do pecador:
Triunfo para glória da Trindade,
Cantando a Civilização do Amor.

13. Visitando os pequenos, as crianças,
Mostrais desígnios de misericórdia.
Erguendo a Vossa cátedra, Senhora,
Chamais o ser humano à concórdia.
Ensinando as verdades eternas
e a arte de orar, crer e amar,
Em Fátima, sois mestra, sois doutora,
Sois de Deus profecia, em Vosso altar.

Ficha técnica

Título

Guião da Visita da Imagem Peregrina de Nossa
Senhora de Fátima às Dioceses Portuguesas

Organização

Comissão Organizadora
do Centenário das Aparições de Fátima

Design

ideia, designers

Edição

Santuário de Fátima

Tiragem

500 exemplares

ISBN: 978-989-8418-00-5

Santuário de Fátima 2015



ALGARVE

ANGRA

AVEIRO

BEJA

BRAGA

BRAGANÇA-MIRANDA

COIMBRA

ÉVORA

FUNCHAL

GUARDA

LAMEGO

LEIRIA-FÁTIMA

LISBOA

PORTALEGRE-CASTELO BRANCO

PORTO

SANTARÉM

SETÚBAL

VIANA DO CASTELO

VILA REAL

VISEU